

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



DISSERTAÇÃO

**“Espírito de Seleção”: um estudo dos discursos midiáticos
a partir da Copa do Mundo de 2006**

Gustavo da Silva Freitas

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

PELOTAS, RS

2009

GUSTAVO DA SILVA FREITAS

DISSERTAÇÃO

***“Espírito de Seleção”: um estudo dos discursos midiáticos
a partir da Copa do Mundo de 2006***

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências (área do conhecimento: Educação Física).

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2009

F866e

Freitas, Gustavo da Silva

Espírito de seleção: um estudo dos discursos midiáticos a partir da Copa do Mundo de 2006 / Gustavo da Silva Freitas; orientador Luiz Carlos Rigo. – Pelotas : UFPEL : ESEF, 2009.
129p.

Dissertação (Mestrado) Programa de Pos Graduação em Educação Física. Escola Superior de Educação Física. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2009.

1. Identidades 2. Seleção Brasileira Futebol 3. Futebol 4. Rigo, Luis Carlos I. Título

CDD 796.33

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo – UFPel

Profa. Dra. Eliane Ribeiro Pardo – UFPel

Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo – UNISINOS

Prof. Dr. Marco Paulo Stigger – UFRGS

Profa. Dra. Méri Rosane Santos da Silva – FURG

Reminiscências...

*Moço, peço licença
Eu sou novo aqui
Não tenho trabalho, nem passe, eu sou novo aqui
Não tenho trabalho, nem classe, eu sou novo aqui*

E como todo novato, sobra fome.
O problema é fazer de todo estágio uma novidade.
Saúdo aqueles que me fazem lembrar disso...

*Eu tenho fé
Que um dia vai ouvir falar de um cara que era só um Zé
Não é noticiário de jornal, não é
Não é noticiário de jornal, não é*

Ao amor, que todo dia se atualiza.

*Sou quase um cara
Não tenho cor, nem padrinho
Nasci no mundo, sou sozinho
Não tenho pressa, não tenho plano, não tenho dono*

O máximo que usufruí foram de coffe-breaks, um aparte providencial ao Rigo.
Quanto à família, é digna de tal sentimento se cumprir a missão de fazê-lo
andar com as próprias pernas. Obrigado!

*Tentei ser crente
Mas, meu cristo é diferente
A sombra dele é sem cruz, dele é sem cruz
No meio daquela luz, daquela luz*

Minha fé está baseada na espiritualidade do dia-a-dia
Agradeço àqueles que não enxergo, talvez por isso neles, acredite.

*E eu voltei pro mundo aqui embaixo
Minha vida corre plana
Comecei errado, mas hoje eu tô ciente
Tô tentando se possível zerar do começo e repetir o play*

Aos tropeços, rasteiras e fraquezas,
As dores carrego, mas não as remoo: projeto.

*Não me escoro em outro e nem cachaça
O que fiz tinha muita procedência
Eu me seguro em minha palavra
Em minha mão, em minha lavra*

Minhas amizades não são drogas que preciso
recorrer para tornar o mundo viável,
Amigos(as), sei que estão presentes, mas dou forma
à vida em primeira pessoa.

*Meu Mundo é o Barro (O Rappa)
Entrestrofes (Eu)*

“Nada é tão traiçoeiro quanto dizer o óbvio”
(Joseph Schumpeter)

RESUMO

FREITAS, Gustavo da Silva. *“Espírito de Seleção”: um estudo dos discursos midiáticos a partir da Copa do Mundo de 2006*. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

O fracasso da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2006 reanimou o debate da representatividade que uma seleção pode ou não assumir em relação às características culturais e futebolísticas da nação a qual representa. O sentimento coletivo de derrota diante do desempenho não esperado nos campos alemães compôs um cenário de implosão de uma identidade para a Seleção Brasileira. Essa desconstrução de um modelo que se mostrou insatisfatório tem sua amplitude para além da desclassificação nas quartas-de-final frente à Seleção Francesa gerando, adiante, uma renovação destacada pela mudança no comando técnico, pela busca de novos jogadores, pela construção de outras identidades. Partindo do princípio de que esta identidade é resultado de um processo discursivo nunca completado (HALL, 2000; LACLAU, 1996), mas que responde a uma emergência histórica, este estudo visa analisar a forma como se estabeleceu esse processo mapeando e analisando os agenciamentos que foram e estão sendo postos em prática e como a imprensa participou e está participando da reconstrução de uma nova imagem, de um novo sentimento coletivo, enfim, de outras identidades para a Seleção Brasileira. A opção pelo campo midiático (BOURDIEU, 2002; CHARAUDEAU 2006) como referência empírica parte da relevância deste diante os acontecimentos esportivos atuais no que diz respeito à produção de sentidos múltiplos que acabam estabelecendo um diálogo entre prática discursiva e constituição de identidades. Um diálogo que é resultado de um constante estado de lutas entre as formas que essa identidade é visibilizada pelos canais de comunicação. Para desenvolver o estudo foi utilizada, prioritariamente, a metodologia de análise do discurso a partir da perspectiva apontada por Michel Foucault (1998) que, combinada com alguns elementos cartográficos (ROLNIK, 2006), possibilitou o encontro dos diferentes discursos que, dentro de uma regularidade, proliferaram sobre esses acontecimentos. Ao selecionar os textos para a análise que realizamos pode-se perceber que muito mais do que uma homogeneização ou, um meta discurso, o campo midiático produz efeitos de verdades a partir de uma multiplicidade discursiva que procura definir a realidade. Esta multiplicidade também atende a uma demanda discursiva inacabada, algo que está em constante reconfiguração a partir de enunciados produzidos e incorporados pelo campo midiático, provocando alterações, reafirmações, começos e desaparecimentos de determinados elementos que constituem as identidades.

Palavras-Chave: Discurso Midiático – Identidades – Seleção Brasileira de Futebol

ABSTRACT

FREITAS, Gustavo da Silva. *"Spirit of Team": a study of media discourses from the World Cup 2006*. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

The failures of the Brazilian team football in World Cup of 2006 revive the discussion of representativeness which a selection may or may not take on cultural characteristics and football which represents the nation. The collective feeling of defeat before the performance is not expected in the German camps composed implosion of a scenario of an identity for the Brazilian Team Football. This deconstruction of a model that was unsatisfactory is beyond its scope of decommissioning in quarter-final against the French selection generating, on a renovation highlighted by the change in technical command, the search for new players for the construction of other identities. Assuming that this identity is the result of a discursive process never completed (HALL, 2000; LACLAU, 1996) but which responds to a historical emergency, this study aims to examine how to set that process mapping and analyzing the agency's were and are being put into practice and how the press is involved and participating in the reconstruction of a new image, a new collective feeling, finally, other identities for the Brazilian team. The choice of media field (BOURDIEU, 2002; CHARAUDEAU 2006) as reference the empirical relevance of this before the actual sporting events with respect to the production of multiple meanings that they establish a dialogue between practice and discursive formation of identities. A dialogue that is the result of a constant state of war between the ways that identity is seen by the channels of communication. For the study was used, primarily, the methods of analysis of discourse from the perspective suggested by Michel Foucault (1998) which, combined with cartographic elements (ROLNIK 2006), allowed the meeting of different discourses that within a regularity, proliferated on these events. When selecting texts for the analysis that we can see that it is much more than a homogenization or a meta discourse, the field of media effects truth from a multitude a discourse that seeks to define reality. This range also meets a demand discursive unfinished, something that is constantly reconfiguring from listed and produced by the embedded media field, causing changes, reaffirmations , and early disappearance of certain components of the identities.

Key Words: Discourse Mediatic – Identity – Brazilian Team Football

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	20
2.1 Primeiras pistas.....	20
2.2 O arquivo	25
2.3 A linguagem das fontes.....	28
2.4 Mapeando o discurso midiático.....	35
3. REGISTROS DE UMA COPA DO MUNDO: uma história de buscas e rupturas em nome de uma identidade	41
3.1 A estreia de uma crise	42
3.2 Entre encontros e desencontros	46
3.3 A França e as faltas	50
4. DISCURSOS DE UMA DERROTA: a produção discursiva midiática na eliminação do Brasil da Copa do Mundo de 2006	59
4.1 O campo midiático e os discursos futebolísticos.....	60
4.2 Discursos, imagens e emoção	63
4.3 Explicações para a derrota	66
4.4 Ainda sobre a derrota.....	70
4.5 Por uma polifonia discursiva	72
5. UMA DEMANDA DISCURSIVA INACABADA:	75
A Copa América de 2007 e a afirmação de uma nova Seleção Brasileira	75
5.1 Discursos à prova	78
5.2 Uma vitória de Seleção Brasileira?	85
5.3 A circularidade da demanda discursiva.....	89
6. A NOVA ERA DUNGA: o treinador como um dispositivo	93
6.1 Scolari e Klinsmann: espíritos de seleção.....	94
6.2 O dispositivo treinador	99
6.3 Marcas da renovação.....	102
7. PENÚLTIMAS PALAVRAS.....	110
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120



www.clicrbs.com.br/copadomundo

SÁBADO | 1º | JULHO | 2006

JORNAL DA COPA

ZERO HORA

Vingança

16h

1. INTRODUÇÃO

Alemanha, Copa do Mundo de 2006. No dia 1º de julho, pelas quartas-de-final dessa competição o Brasil despede-se da chance de conquistar o hexacampeonato mundial com uma derrota pelo placar mínimo de 1 x 0. O algoz mais uma vez, foi a França, e, o que era para ser a revanche de 1998, passou a ser a decepção de 2006¹. A derrota, assim como seria com a vitória, mas em outro prumo e humor, desencadeou, por entre a sociedade brasileira, um processo de formulações de justificativas, de exercícios retóricos que pudessem detectar as falhas ocorridas, de tentativas de esclarecer os motivos que decretaram o insucesso do selecionado brasileiro, como se o desapontamento sofrido fosse capaz de ser amenizado ou compreendido frente a essas explicações. A mobilização dos diversos setores sociais movida pelo fracasso da equipe brasileira apresentado nos campos alemães ao longo dessa competição reanimou o debate em torno da representatividade que uma seleção pode ou não assumir em relação aos anseios, desejos, características culturais e futebolísticas da nação que ela representa.

É evidente que a relação entre o torcedor brasileiro e a Seleção Brasileira se acentua no período de Copa do Mundo, espaço onde toda essa movimentação de encontros e desencontros previstos sobre uma discutida representação ostenta uma visível potencialidade de circulação. Justamente nesse nível, a Copa do Mundo de 2006 foi acompanhada por mim, até mais do que na condição de torcedor. Na época, existia uma exigência pessoal de tornar tal evento e seus desdobramentos em um foco temático de estudo e trabalho junto a turmas de Ensino Fundamental na disciplina de Educação Física que ministrava numa escola da rede municipal da

¹ Manchetes de capa nos jornais do dia 1º/07/2006, antes do jogo Brasil x França: Jornal Diário Gaúcho/RS: “A hora do troco”; Jornal O Sul/RS: “Hora da Vingança”; Jornal Correio do Povo/RS: “É dia de revanche”; Jornal Zero Hora/RS: “Para vingar 98”. Após a derrota, no dia seguinte, os jornais estampavam as manchetes: Jornal Zero Hora/RS: “O pesadelo era real”; Jornal Correio do Povo/RS: “França tira Brasil da Copa. De novo.”; Jornal O Sul/RS: “Com futebol horrível, Brasil deu adeus à Copa do Mundo”.

cidade de Rio Grande/RS. A concretização dessa proposta apontou necessidade de um acompanhamento metódico do evento esportivo em questão no sentido de obter uma memória material sobre o evento, tornando-a uma fonte de investigação para os meus alunos, e que, posteriormente, tornou-se também objeto de estudo para a dissertação de mestrado.

Exatamente durante o processo de coleta desse material, foi possível perceber, principalmente pelos jornais, a existência de um movimento constante de transitoriedade nas manchetes e abordagens jornalísticas sobre os fatos relativos ao desempenho do selecionado brasileiro. Tais fatos, por menor temporalidade que tivessem entre si, poderiam ser esquecidos ou ressaltados de acordo com uma intensidade e valoração dos episódios por parte da editoria de um *media*², do jornalista/cronista/columnista ou, ainda, da própria sociedade como base sustentadora de um discurso, (re)produzindo-os ou transformando-os. A pertinência diária de se ter uma publicação, no caso dos jornais impressos, e de uma edição, no caso das redes de televisão, requer uma produção ininterrupta de informações que, mesmo a cobertura sistemática sobre um caso em específico, evita-se a repetição de foco. Essa instantaneidade da informação alimenta uma espécie de amnésia social consentida por uma mediação jornalística pautada pelo ineditismo, pela exclusividade da reportagem, pela novidade da informação, por esta ser dada antes de um concorrente, pela preferência

[...] mais pelo jogo e pelos jogadores do que por aquilo que está em jogo, mais pelas questões de pura tática política que pela substância dos debates, mais pelo efeito político dos discursos na lógica do campo político que por seu conteúdo [...] (BOURDIEU, 1997, p. 135)

Uma das pretensões deste trabalho é justamente compreender o jogo das representações e dos discursos que tentam, cada um com sua particularidade, estabelecer graus de veracidade ou “efeitos de verdade” para os fatos que acabam encontrando eco social. Isto porque a mídia não trabalha em descompasso com a população, ela tem uma margem de inserção naquilo que a população interpreta, mas que também não anula eventuais diferenças. Se há influência nessa relação, é

² Expressão de origem latina para mídia, que significa meio. O termo mídia pode ser encontrado academicamente tanto para se referir a um complexo universo industrial e econômico que envolve diferentes interesses, quanto para tratá-lo enquanto meio de comunicação de massa (jornais, revistas, televisão), capaz de comunicar instantaneamente um grande número de pessoas. Para este estudo fez-se a opção pela segunda definição. Ver mais em Betti (1998).

a partir de uma concepção de mídia “como criação, como produção cultural que nos oferece uma série de possibilidades de expressão audiovisual, de comunicação de sentimentos, idéias, indagações, informações” (FISHER, 2003, p.17)³, e não como um instrumento de interferência linear entre produção e recepção.

Assumindo uma posição de pesquisador, sem deixar de ser torcedor e professor, via, nesse aspecto, um canal de estudo perante as inquietações geradas pela leitura não só das palavras e das imagens produzidas durante a Copa do Mundo de 2006, mas de toda uma movimentação da torcida brasileira incomodada com sua representação nacional durante o evento esportivo mundial. No que se refere ao esporte, na visão de Ricardo Lucena, este deve ser percebido como

[...] um dos principais meios de identificação coletiva na nossa sociedade, um dos poucos elementos capazes de dar identidade a um grupo, uma cidade ou até um Estado. Além do mais, como um elemento capaz de dar sentido à vida de indivíduos cada vez mais voltados a viver por si. (2001, p. 135).

Seguindo nessa linha de reflexão, problematizar o futebol como fenômeno cultural com crescente significado social, especialmente em tempos de Copa do Mundo, torna-se preponderante por ser uma experiência coletiva.

Mas, como pesquisar sobre um assunto tão consumido como o futebol sem se restringir apenas ao interesse pessoal? Esse foi o primeiro dos três desafios provocados pela pesquisa, ou seja, a definição do tema e o foco de discussão, pois requeria uma relevância que fosse para além do próprio gosto⁴, compreendida academicamente, para não correr o risco de se tornar inaudível. A originalidade do trabalho começa a encontrar projeção na aproximação metodológica exercida para tornar as perguntas, que são históricas, em exercícios de pensamento comprometidos com uma temporalidade e uma espacialidade.

³ Este estudo se diferencia dos trabalhos sobre a Mídia que priorizam as análises da recepção, no âmbito da Educação Física, feitos a partir do referencial da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Estudo referenciado por esta Escola pode ser encontrado em Pires (2002).

⁴ O conceito de gosto, aqui colocado, está próximo a idéia de estética, segundo Hugo Lovisolo, como uma das linguagens que orienta nosso agir social, junção de um referencial individual e coletivo. Para entender por que fazemos determinadas coisas, dirá o autor, utilizamos três linguagens dominantes: a da norma, a da utilidade e a do gosto, sem que precise haver uma síntese integradora entre elas, por vezes, convergência. Ainda que, para este trabalho, seja preciso seguir uma determinada norma acadêmica na obtenção do título, ainda que este título seja útil pela qualificação profissional que irá promover, o gosto parece exercer um nível de satisfação que “deita suas raízes na estética”. (LOVISOLO, 1997).

Legitimar o recorte indicado como de relevância social foi posto como um segundo desafio enfrentado durante o processo de elaboração deste estudo. Qual seria a contribuição-intervenção da pesquisa para o campo da Educação Física? O que um estudo sobre Copa do Mundo e Seleção Brasileira poderia oferecer de significativo para a área? Quais as possibilidades de interações sociais que um estudo como este pode ter? Como já afirmado anteriormente, durante o acontecimento da Copa do Mundo, as relações entre Seleção Brasileira e povo brasileiro são intensificadas. Toda uma movimentação publicitária, comercial, industrial, mercadológica, cultural e emocional é agitada nutrindo o sentimento de um determinado patriotismo e nacionalismo tanto daqueles que acompanham o futebol em todas as suas vertentes quanto daqueles que, notadamente, são torcedores de Copa do Mundo⁵. Essa sensibilidade existente que nos joga – ou nós mesmos nos jogamos – numa espécie de reunião nacional inequívoca de vibração e passionalidade é característica dessa ocasião:

O tempo das Copas do Mundo é, assim, o tempo da nação, tal como ela se apresenta através do futebol. E a imprensa esportiva opera com este pressuposto, possibilitando a emergência de um nível mais englobante de identidade social em que todas as diferenças (de classe, de posição, de etnia, regionais etc.) são tornadas secundárias. (GUEDES, 1998, p.49)

Não obstante somos testemunhas participantes dessa mobilização, saindo às ruas e bares ou nos reunindo em pequenos grupos nas casas ou locais de trabalho para assistir aos jogos da Seleção Brasileira, carregando uma bandeira, vestindo uma camiseta ou qualquer outro adorno com as cores verde-amarelo. Mas

⁵ O debate envolvendo cultura e futebol no contexto brasileiro requer algumas indicações históricas frente à representatividade adquirida por algumas produções. A começar pela década 1920, onde a obra de Graciliano Ramos “Linhas Tortas” discute a noção de cultura, desconfiando do êxito de uma apropriação cultural do futebol pelo povo brasileiro. Outra obra notabilizada em estudos acerca da construção identitária do nosso futebol, com o viés de análise do papel do negro no processo de popularização do futebol, é “O Negro no Futebol Brasileiro”, de Mário Filho, publicada em 1947, com edições revisadas em 1964 e, depois, em 1998. Há ainda, as publicações do campo das Ciências Humanas que emergem entre os anos 70 e 80, principalmente a partir de estudos de Da Matta, “O Universo do Futebol” e, mais recentemente, os estudos acadêmicos mais pontuais, tanto os de um determinado recorte histórico e geográfico em específico, como Pereira (2000) no Rio de Janeiro, com o livro “Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro”, e Rigo (2001) sobre o futebol em Pelotas, na obra “Memórias de um Futebol de Fronteiras”; quanto os estudos que tomam como delimitação os clubes tradicionais do nosso futebol, como no caso de “A Construção Social da Paixão no Futebol: o caso do Vasco da Gama” em Silva (2005); como ainda, os acontecimentos do universo do futebol nas Copas do Mundo, por exemplo, “O Rio Corre para o Maracanã”, de Gisele Moura (1998). Afora esses, existem outros estudos que tematizam o futebol associando-o a algum elemento constituinte da cultura como Racismo e Futebol, Violência e Futebol, Profissionalização no Futebol, Gênero e Futebol, entre outros.

será que essa coletividade, no momento de torcer, permanece estável quando se está diante de discursos apontados na direção de como a Seleção Brasileira de futebol deve atuar para ser digna de ser efetivamente uma representação nacional? Não faz pensar que a construção da chamada identidade nacional também pode ser dependente dos encontros e desencontros estabelecidos entre a expectativa do que a seleção é capaz de executar e a sua confirmação ou não no campo de jogo? E mais, seria possível defender a existência de uma única identidade? Ocupando quase sempre esse espaço do entre, pois não negamos que, por vezes, a identidade é assumida por características materiais ou simbólicas, pretende-se tratá-la como um processo discursivo e, portanto, não fixo. Para tal, o estudo busca apoio nos estudos culturais, sobretudo em Stuart Hall, no entendimento de que

[...] a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre “em processo”. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido de que ela pode ser sempre sustentada ou abandonada. (2000, p.106)

Assim, essas identidades – porque temos de admitir que elas se multiplicam ao invés de se unificarem – são estabelecidas por dentro do processo discursivo, mas solidificadas por aquilo que está fora, pelo que marca a diferença. Se nós sabemos com o que nos identificamos, é porque partimos de um referencial que marca aquilo que está faltando. Da mesma forma, quando se fala que o Brasil tem uma cultura futebolística que o diferencia e faz com que seja identificado por isso, essa cultura nacional também é um discurso,

[...] um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. (HALL, 1997, p.55)

A consolidação do processo acontece por meio do jogo da diferença sem querer, com isso, reduzi-la a uma única identidade. Essa falta que marca a diferença é condição de existência das identidades e, por isso, pode-se dizer que elas são sempre parciais, presumem uma incompletude. Ainda que existam estratégias representacionais de uma nação, ainda que um discurso identitário venha a se tornar dominante, ainda que simbolicamente se consiga projetar identidades em relação à Seleção Brasileira de futebol, são episódios indefinidamente voláteis, comprometidos com os discursos de um tempo sem que nenhuma identidade seja

considerada única. Uma dessas estratégias de representação que fornecem histórias, imagens e símbolos que dão sentido ao pertencimento nacional, segundo Hall (1997), são as mídias, e é exatamente nesse ponto, ou o que ele supõe, que surge o terceiro desafio.

Aos dois primeiros desafios, o de resolver a questão da originalidade na pesquisa e o de legitimar o futebol, a Seleção Brasileira e a Copa do Mundo como pertencentes ao processo de constituição sociocultural, soma-se mais um, que está colocado na possibilidade de estudar o campo midiático, sobretudo a instância da produção, como um dispositivo produtor de discursos identitários. Justamente quando entram em disputa, numa correlação de forças que tem por objetivo último, uma forma específica de monopólio, esses discursos identitários passam a pertencer a um espaço relativamente autônomo que, na esteira da noção de campo⁶ de Bourdieu (2002), podemos chamar de campo midiático.

A formação e funcionamento desse campo obedecem a regras próprias, que são ditadas pelos interesses comuns de agentes e/ou instituições midiáticas cujos investimentos particulares visam conservar ou subverter a estrutura de distribuição de um capital específico. A existência do campo se dá, então, pela crença no valor da disputa desse capital cujos antagonistas (agentes e/ou instituições que produzem e fazem circular múltiplos discursos), ao mesmo tempo em que estabelecem um acordo por aquilo que merece ser disputado, jogam cada qual com suas estratégias pelo poder de autoridade discursiva capitalizado pelo próprio jogo.

Em tempo de Copa do Mundo, a movimentação midiática encontra uma importante matéria-prima para a produção e circulação de discursos a respeito tanto do que significa ser brasileiro quanto da existência de um estilo de jogo à brasileira. Nos espaços midiáticos, essas identidades ganham visibilidade e enunciabilidade na medida em que nos convida a assumir determinadas características que a complementa e comprova. Em geral, essas características estão fundeadas no plano

⁶ Bourdieu (2002) o campo “constituye un sistema de líneas de fuerza: esto es, los agentes o sistemas de agentes que forman parte de él pueden describirse como fuerzas que, al surgir, se oponen y se agregan, confiriéndole su estructura específica en un momento dado del tiempo.” (p.9)

da tradição que insiste na pré-existência de uma identidade⁷ a qual precisa ser resgatada a qualquer momento no intuito de se reconhecer enquanto nação, seja por um estilo de jogar ou por uma forma de ser. Porém, a noção de tradição pode ser vista como fundamental em termos de uma confrontação identitária para forjar novas delineações culturais.

A multiplicidade dos discursos midiáticos produzidos durante a Copa do Mundo, passada a eliminação da Seleção Brasileira na competição, mostra uma agitação contínua dos processos de identificação, desidentificação, reidentificação. Volvida, por vezes, à questão da tradição, do resgate de um estilo próprio de ser a Seleção Brasileira (o Brasil), o campo midiático providencia uma série de outros efeitos que faz pensar o que é mesmo ser Brasil. Esses discursos falavam da falta de garra e atitude de alguns jogadores e da comissão técnica, que não demonstravam nenhuma vontade de vestir a camisa verde-amarela; de carência de qualidade e ineficiência do “quadrado mágico” que não correspondia ao verdadeiro futebol brasileiro; de omissão disciplinar nos dias de preparação para a Copa assim como na concentração da seleção; da não renovação dos jogadores em termos de substituir os “velhos” titulares por reservas mais “novos”; da amortização de uma coletividade em detrimento dos recordes pessoais – enfim, todos esses discursos entraram em disputa.

Ter raça, “jogar bonito”, ser disciplinado, possuir ousadia, exaltar o espírito de “família”, ocupam assim o lugar de uma identidade pelo sentimento de falta sem que com isso se tornem exclusivamente “a” identidade. São discursos, entre outros, que aparecem colocados em circulação pelo campo midiático, que realiza um agenciamento coletivo de enunciação⁸, regulamentando formas pelas quais os

⁷ Referindo-se ao material empírico, no dia 22 de junho de 2006, pela terceira rodada da fase de grupos, o Brasil, já classificado para as oitavas-de-final, enfrentou a Seleção do Japão vencendo a partida pelo placar de 4 x 1. No dia posterior, em matéria publicada na primeira página, virando a capa do Caderno Especial da Copa 2006 do Jornal Folha de São Paulo/SP, observava-se a seguinte manchete: “Brasil que parece Brasil demonstra a sua eficiência”. O subtítulo complementava com a frase: “Com poucas faltas, muitos dribles e excelências nos passes, seleção envolve Japão e supera seus números anteriores.” No pé da matéria, é destacada uma passagem da coletiva do técnico Carlos Alberto Parreira referindo-se ao desempenho contra o Japão: “Vencemos jogando no estilo brasileiro”.

⁸ Sobre agenciamento coletivo de enunciação, consultar o livro “Cartografia do Desejo”, escrito por Félix Guattari e Suely Rolnik. Em uma passagem desse livro, os autores colocam a mídia como

torcedores possam vir a se reconhecer. O jornal, o programa de televisão, a revista, o material de internet – apresentados no próximo capítulo como fontes empíricas desta pesquisa – produzem efeitos possíveis não determinantes que estabelecem um diálogo entre prática discursiva e produção de identidades.

Com base em todas essas premissas, cabe ressaltar que este estudo visa analisar a forma como o campo midiático tratou o processo de instabilidade identitária ocorrida durante a Copa do Mundo de 2006, a partir da imaterialidade no campo de jogo de um modelo de Seleção Brasileira construída numa simbologia do imaginário coletivo – originadas em apreciações do estilo de jogo à brasileira. Em seguida, tomando como ponto de partida a atuação abaixo do esperado e a crítica sobre o desempenho e a postura que a seleção teve nessa competição, pretende-se mapear e analisar os agenciamentos que foram postos em prática por esse mesmo campo midiático para construir uma nova imagem ou novas identidades para a Seleção Brasileira de futebol após Copa do Mundo de 2006.

Nesse sentido, acompanhou-se e avaliou-se como a imprensa esportiva está participando de todo esse processo, sabendo que a mediação entre os acontecimentos e o público se dá por meio de operações análogas e distintivas. Análogas por tratarem dos mesmos fatos: uma competição, uma derrota, uma troca de treinador; e distintivas pela eleição de ângulos, de temas e de abordagens por parte dos produtos jornalísticos que vão estabelecendo com isso, *efeitos de verdade* para os fatos.

A partir desses objetivos, o estudo está organizado em cinco capítulos. A introdução, como se apresenta, define a configuração de um campo de problemáticas que giram em torno de questões como identidade, cultura e campo midiático, apontando as inquietações, o solo teórico e a construção do objeto de pesquisa.

O segundo capítulo trata do percurso metodológico empregado e seus desdobramentos, observando os princípios da análise de discurso na condução entre os recortes empírico e conceitual.

O propósito do terceiro capítulo é abordar de que maneira uma identidade foi sendo deslocada *durante* a participação da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo. A análise contempla alguns pontos destacados por certa regularidade, tais como o discurso da falta de garra nos jogadores e comissão técnica; a (re)mobilização nacional que emergia a cada fase ultrapassada pela equipe brasileira; a referência a outras figuras e seleções presentes no evento como símbolos daquilo que faltava à Seleção Brasileira: a atitude e postura do técnico brasileiro Luiz Felipe Scolari à frente de Portugal e ainda o sentido de nacionalidade e vibração enxergados em Jürgen Klinsmann, que dirigia a Alemanha.

O quarto capítulo discute, em três partes, a multiplicidade dos discursos produzidos pelo campo midiático que falaram da desclassificação da Seleção Brasileira no jogo contra a Seleção Francesa. A primeira introduz o conceito foucaultiano do que vem a ser um discurso e, as duas partes seguintes, tratam da construção discursiva da derrota tendo como referência as particularidades de linguagem da televisão – presença de um traço maior de emoção – e do jornal – tendência de uma preocupação maior com o uso de argumentos mais racionais.

Já o quinto capítulo foi dedicado à análise dos discursos produzidos não mais em um momento de fracasso como na Copa do Mundo 2006, mas de afirmação, que foi a Copa América 2007, competição vencida pelo Brasil sob o comando do novo treinador, o Dunga. Nesse cenário, as marcas identitárias de que tratou a imprensa foram mediadas pela alteridade, visto que a final foi disputada contra a Argentina. Como um modo de captar a diversidade contida nos diferentes discursos proferidos nesse período, foi operacionalizado o conceito de interdiscursividade e a ideia do campo midiático como criador de um discurso próprio, salientando o quanto a constituição discursiva midiática pode se tornar uma demanda inacabada, nunca satisfeita.

Discutir com mais ênfase uma linha conduzida ao longo do estudo – é essa a perspectiva de encaminhamento do sexto capítulo ao examinar de que forma a escolha do ex-jogador Dunga para treinador da Seleção Brasileira de futebol em substituição a Carlos Alberto Parreira se tornou um agenciamento na busca de uma (re)construção de outras identidades ou modelos possíveis de Seleção Brasileira, pensando inclusive na própria reconfiguração de perfil para esse cargo.

Em termos gerais, a articulação entre os capítulos apresentados pela pesquisa pretende demonstrar uma visibilidade possível sobre a intensa construção e circulação de identidades a partir do futebol, especialmente da Seleção Brasileira. Seduzir o leitor no sentido de instituir uma correspondência literária, temática ou conceitual com o trabalho é, talvez, o maior desafio dessa articulação. Discorrer sobre esse desafio não significa capturar o leitor em assimilações pacíficas de teoria, mas de tentar provocar nele algum tipo de desconforto, de colisão, de diferença e, a partir disso, estabelecer como ele uma identidade.



QUE SANTO ANTÔNIO NOS GUIE

TERÇA | 13 | JUNHO | 2006

JORNAL DA COPA

ZERO HORA



no teatro

As 10 mil

Conte

no



Ordem e Progresso no Quadrado Mágico

2. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

2.1 Primeiras pistas

Neste capítulo, serão apresentados e discutidos os princípios básicos que nortearam a coleta, a organização e a análise dos dados apontados pela pesquisa. Ao mesmo tempo em que se evidenciam as opções metodológicas utilizadas de modo a contemplar os objetivos, faz-se isso sem desvinculá-las das escolhas conceituais, já que estas se inserem fortemente na condução das análises. De maneira preliminar, é possível adiantar que o exercício metodológico respondeu à perspectiva da Análise de Discurso, autorizando ainda a utilização de elementos do Método Cartográfico⁹, ambos alicerçados na ideia de estabelecer um diálogo com a esfera midiática.

Nesse movimento, alguns autores passam a ser referenciais na construção de um chão epistemológico que cumpre a função de mostrar o lugar de onde se fala quando se trata do campo acadêmico-científico. O diálogo estabelecido entre esses autores responde à capacidade de aproximar suas portas de entrada, sem querer esgotar a totalidade dos seus conceitos. A linha que atravessa esse pensamento encontra apoio conceitual em Charaudeau (2006) quando esse se refere à mídia como “máquina midiática”, sendo um universo construído por pluralidades de forma, de linguagem, de gênero que autenticam um vínculo social pelo reconhecimento identitário; passando pela análise de discurso em Foucault (1995; 1998) que sustenta uma análise não-linear desse discurso, comprometida em

⁹ Como dito, elementos do Método Cartográfico são utilizados neste estudo em vista, sobretudo, da autonomia que concede ao pesquisador tanto na escolha quanto no cruzamento das fontes empíricas consideradas mais relevantes, selecionando matérias e reportagens representativas dos diferentes discursos proliferados acerca dos acontecimentos analisados. Maiores considerações sobre a relação do sujeito com a seleção e uso das fontes empíricas a partir do Método Cartográfico, consultar Rolnik (2006).

verificar as rupturas, a dispersão e a repetição materializadas nas práticas discursivas; chegando à possibilidade de mapeamento desse discurso midiático, que conta uma história possível de um determinado fenômeno sem se preocupar com a sua historicidade tradicional, mas que se atualiza na medida em que ocorrem os encontros entre sujeito e objeto.

A metodologia da pesquisa é encarada, portanto, como uma lógica acionada no recorte, na seleção das técnicas, na relação dos dados, no encontro entre campo empírico e campo teórico, e na criação de um pensamento. É o conjunto desses fatores que determinará a metodologia enquanto criação ético-política da pesquisa, porque necessariamente requer escolhas, muitas vezes arbitrária, mas que revelam o recorte geológico, o *corpus*, a ser analisado.

Antes de seguir adiante no desdobramento de como esse *corpus* foi sistematizado, por quais fontes, método e linha de análise foi alicerçado, é necessário explicitar em que instância midiática a pesquisa está localizada. Isso porque, do ponto de vista analítico, estudar mídia envolve uma dimensão ampla de possibilidades que deve ser recortada inclusive na porção que trata das classificações dos três diferentes lugares de construção de sentido da máquina midiática: produção, produto e recepção (CHARAUDEAU, 2006); ou, como em outra definição: estudos do meio, análise textual, estudos de recepção ou de audiência (RIAL, 1995).

Essa última definição, como traz a antropóloga Carmen Rial, que está baseada no paradigma de comunicação de massa emissor-canal-receptor proposto pelo sociólogo político norte-americano Harold Laswell, apresenta uma tipologia que propõe possíveis abordagens teóricas nos estudos sobre mídia. Em um breve panorama das teorias de comunicação, a autora assinala como uma das vertentes os chamados estudos do meio¹⁰ “que se concentrariam no estudo dos *canais*, das mídias enquanto aparato técnico, através dos quais as *mensagens* são transmitidas. (RIAL, 1995, p. 11)”.

¹⁰ Este modelo de ato comunicativo pode ser encontrado em McLuhan (1993), cujo princípio da teoria era o de privilegiar o *meio*, ou seja, ao triunfar os meios de massa, um novo homem nasceria capaz de sentir o mundo de outro modo. O controle da mídia é de fundamental importância neste contexto, pois aparecem como fonte autônoma de poder que exerce controle sobre as relações sociais.

Na outra ponta dessa tipologia, estão reunidos os trabalhos dedicados aos estudos de recepção ou de audiência, os quais destacam o receptor/público como elemento principal nesse tipo de investigação. A ênfase não está mais, nesse caso, na figura do emissor ou do meio, mas nas leituras¹¹ possíveis de serem feitas a partir das diferentes interpretações daquilo que é veiculado pelas diferentes mídias.

Afastando-se tanto da linha teórica que enfoca a emissão em um sentido que desconsidera o aspecto polissêmico quanto daquela que considera a recepção como o lugar central do ato comunicativo, há uma terceira classificação reconhecível: a que designa os trabalhos realizados pela abordagem da semiótica e da análise de discurso, o que Rial denominará estudos de análise textual. Mas, para tal, menciona uma distinção essencial entre as pesquisas contidas nesse grupo: as que privilegiam a análise de conteúdo e as que se aproximam efetivamente da análise de discurso. Embora semelhantes por possuírem como centralidade os textos midiáticos e os seus significados para o emissor, para o receptor ou para ambos, a autora avalia que tais análises têm objetivos distintos. Enquanto a análise de conteúdo visa, por um conjunto de técnicas capazes de descrever e sistematizar os conteúdos das mensagens, produzir uma explicação objetiva e mensurável da significação denotativa nos conteúdos manifestos, a análise de discurso, partindo do entendimento deste como prática social, aponta para o “[...] poder da mídia em desencadear fenômenos sociais e estabelecer ou modificar estereótipos”. (*Ibidem*, p. 27)

¹¹ O historiador e sociólogo francês Michel de Certeau (2006), ao analisar as práticas culturais segundo as diferentes ‘maneiras de fazer’ cotidianas criadas pelos homens – que ele vai chamar de consumidores –, sustenta o princípio de que estes consumidores não são passivos diante daquilo que se oferecem a eles. Assim, a mídia pode ser pensada como um destes elementos que contribui na formação das representações culturais de um determinado indivíduo ou grupo social, desde que a partir dos usos e consumos que se fazem dela: “a análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural ‘fabrica’ durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga no que diz respeito ao uso do espaço urbano, dos produtos comprados no supermercado ou dos relatos e legendas que o jornal distribui.” (p. 39). Nesse sentido, Certeau introduz o conceito de leitura como uma ‘arte’ que não é passiva, trazendo à primeira fila uma preocupação com as maneiras de empregar aquilo que é consumido, pois como mesmo afirma: “Não se trata mais de um livro de referência mas toda a sociedade feita texto, feita escritura da lei anônima.” (p. 50)

A tipologia apresentada por Rial que organiza os estudos sobre a mídia em estudos do meio, estudos de recepção e estudos textuais, abre uma oportunidade de diálogo com a classificação dos três lugares de construção do sentido exposto por Charaudeau (2006). Assim como a antropóloga, o autor destaca a importância de problematizar a mídia como objeto de investigação, distinguindo os diferentes lugares dessa máquina midiática.

Ao apresentar o primeiro lugar como o da produção ou lugar das condições de produção, Patrick Charaudeau vai dizer que ele comporta dois espaços: um que qualifica como externo-externo e outro como externo-interno. O espaço externo-externo compreende as condições socioeconômicas da máquina midiática enquanto empresa, ou seja, ela está vinculada às práticas de organização socioprofissionais, à hierarquização de trabalho, seus modos de funcionamento, escolhas de programação, tudo isso pautado pelos efeitos econômicos e de mercado. Já o segundo espaço, chamado de interno-interno, “[...] compreende as condições semiológicas da produção – aquelas que presidem à própria realização do produto midiático (artigo de jornal, a paginação, o telejornal, o programa de rádio).” (CHARAUDEAU, 2006, p. 25). Esse espaço possui laços com as práticas de realização do produto justificado por uma intencionalidade de efeitos de sentido visados para um destinatário cogitado apenas como ideal.

Essa estrutura de subdivisão em dois espaços se repete quando o autor trata do lugar de recepção ou lugar das condições de recepção. Nesse caso, o espaço interno-externo é representado pelo destinatário ideal, aquele esperado como alvo suscetível de captar os efeitos de sentido visados pela produção midiática. Por outro lado, no espaço externo-externo encontra-se o público que consome as informações midiáticas a partir de suas próprias condições de interpretação, sugerindo que outros efeitos sejam produzidos além daqueles imaginados pela instância de produção.

Analisando a esquematização dessa máquina midiática proposta por Charaudeau, ainda resta mencionar um terceiro lugar – o do produto ou lugar de construção do produto. Estando em meio às duas primeiras instâncias, esse espaço é onde o discurso se configura em texto, onde o sentido adquire sua forma, algo que

fica entre uma intencionalidade visada pela instância de produção e um reconhecimento por parte da instância de recepção, como aponta o seguinte trecho:

Mas como, por um lado, a instância de produção só pode imaginar o receptor de maneira ideal, construindo-o como destinatário-alvo que acredita ser adequado a suas intenções e, ao visar produzir efeitos de sentido, não tem certeza se esses serão percebidos, e como, por outro lado, a instância de recepção constrói seus próprios efeitos de sentido que dependem de suas condições de interpretação, conclui-se que o texto produzido é portador de 'efeitos de sentido possíveis', que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção. [...] No que tange à comunicação midiática, isso significa que qualquer artigo de jornal, qualquer declaração num telejornal ou num noticiário radiofônico, está carregada de efeitos possíveis, dos quais apenas uma parte – e nem sempre a mesma – corresponderá às intenções mais ou menos conscientes dos atores do organismo de informação, e uma outra – não necessariamente a mesma – corresponderá ao sentido construído por tal ou qual receptor. (*Ibidem*, 2006, p. 27-28)

A existência desses ruídos na formação dos sentidos tanto de um lado quanto de outro na operacionalização da máquina midiática é aceita como pano de fundo da pesquisa, uma vez que a análise central reside nas construções de efeitos possíveis materializados no discurso dos produtos midiáticos. Nesse sentido, há uma posição demarcada para trabalhar com o que Rial (1995) classificou como estudos textuais, ou que Charaudeau (2006) qualificou como lugar de construção do produto, sem descartar o diálogo com as outras duas instâncias (da recepção e da produção), às quais se referiram os autores em suas disposições.

Partindo da metodologia como um estilo próprio de fazer pesquisa, do resultado de uma aproximação ético-política em relação ao objeto pesquisado, a consequência dessa criação é assumir a autoria do trabalho sem abrir mão de uma rigorosidade acadêmica. Essa rigorosidade está regulada pela constituição de um *corpus* discursivo a ser analisado – escolha e recorte das fontes empíricas –, na determinação de uma técnica instrumental compatível com as questões operacionalizadas – mapeamento –, e na implicação de um processo com uma coluna conceitual de análise que permita alcançar resultados não como respostas inexoráveis, mas como conclusões suturáveis.

2.2 O arquivo

A constituição do suporte empírico especificado em seguida confere um compromisso de ser um recorte temporal que diz respeito às áreas da História, da Sociologia e da Antropologia. O tema da identidade tencionada entre o torcedor brasileiro e sua representação nacional é um fenômeno de caráter socioantropológico que está permanentemente em curso e, desse modo, se aproxima daquilo que alguns autores como Rago (2005) vem denominado de “história do tempo presente” onde a linha que separa passado e presente¹², assim como a que separa presente de atualidade, é tênue. É no sentido proposto pela autora que podemos pensar numa escrita da história do tempo presente a partir dos textos midiáticos em toda sua pluralidade e dispersão. Cabe, nesse sentido de história, abrir o pensamento para mostrar o que estamos fazendo de nós mesmos, mais do que idealizar aquilo que somos.

O recorte inicial, portanto, corresponde à prerrogativa de localizar o período de coleta dos dados norteado pelo próprio objetivo da pesquisa. Lembrando que a motivação fundamental desta é o de acompanhar, pelo discurso midiático, como outras identidades para a Seleção Brasileira são possibilitadas após Copa do Mundo de 2006 levando em consideração o fracasso da Seleção Brasileira nessa competição, o ponto de partida da coleta de dados é o dia 09 de junho de 2006, ou seja, data das partidas que abriram a competição. A partir daí, foram coletados materiais até três dias posteriores da partida final, entre Itália e França, no dia 10 de julho de 2006, que definiu a Seleção Italiana como tetracampeã mundial. Esse momento se configurou como o primeiro grande período de coleta sistemática da pesquisa. E ele é o ponto inicial, porque partiu-se da desconstrução de um modelo que se mostrou não satisfatório, que não convenceu, adquirindo uma amplitude que vai além da desclassificação, e que, mais tarde, gerou possibilidades de renovações, de novas criações.

¹² Maria do Rosário Gregolin, autora de livros como “Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso” e “Discurso e Mídia: a Cultura do Espetáculo”, atual professora e pesquisadora da UNESP, dedicada à análise de discurso e à produção de identidades na mídia, diz que “Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tenciona a memória e o esquecimento.” (GREGOLIN, 2007, p. 16)

O segundo grande período de coleta de dados, comparado ao primeiro por utilizar uma forma de acompanhamento semelhante, refere-se à Copa América 2007, ocorrida entre os dias 26 de junho de 2007, data de abertura, e 15 de julho de 2007, data da partida final. Alguns dados ainda foram coletados até dois dias após a data da final, que definiu o Brasil como campeão dessa edição pelo placar de 3 x 0 sobre a Seleção Argentina. Diferentemente da Copa do Mundo que conserva uma periodicidade de ocorrência a cada quatro anos¹³, a Copa América já obedeceu a uma série de determinações, sendo o mais recente sua realização a cada três anos¹⁴.

Embora as semelhanças no tratamento entre ambos os eventos esportivos se encerrem na proximidade técnica durante a coleta de dados, isto é, mesmo colocando que a Copa do Mundo possui uma ampla abrangência social, econômica, cultural, política incomparável a Copa América, é justificável tamanho cuidado metodológico com a competição Sul-Americana por ser a primeira competição oficial da Seleção Brasileira após a Copa do Mundo de 2006 tendo no comando um novo treinador de futebol, o Dunga.

O espaço intervalado entre os dois períodos mencionados, assim como o que compreende até o final de 2008, também mereceram um acompanhamento sistemático pela riqueza de dados que pode ser encontrada na mediação de um jogo amistoso, de uma partida válida pelas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2010 (iniciada em outubro de 2007), de uma coletiva de imprensa com a comissão técnica a respeito de uma convocação da Seleção Brasileira, da participação da representação nacional nas Olimpíadas de Pequim¹⁵ 2008, de uma entrevista em

¹³ Tendo sua disputa iniciada no ano de 1930, no Uruguai, a Copa do Mundo sofreu uma única lacuna no período compreendido entre os anos de 1938, competição sediada na França, e 1950, ocorrida no Brasil. O cancelamento dessa competição nos anos de 1942 e 1946 deveu-se à Segunda Guerra Mundial.

¹⁴ Forma de disputa entre seleções de futebol que compõem o bloco sul-americano de nações somadas a algumas seleções convidadas das Américas Centrais e do Norte, a Copa América é uma competição mais antiga do que a própria Copa do Mundo. Ao longo dos anos apresentou uma certa irregularidade na sua periodicidade, ocorrendo por vezes anualmente, outras, a cada dois, ou, ainda três anos, como vinha se mantendo desde 2001. Depois da edição de 2007, a Conmebol – Confederação Sul-Americana de Futebol – decretou a adoção do modelo quadrianual, sendo sua próxima edição na Argentina em 2011.

¹⁵ Há que se fazer uma distinção importante entre as duas competições comentadas anteriormente e as Olimpíadas. Enquanto na Copa do Mundo e na Copa América não há restrição quanto ao limite de idade dos jogadores convocados para as seleções nacionais, o que permite quase sempre que os

programa esportivo com a presença do atual ou do ex-treinador da seleção, entre tantas outras passagens que provocam uma mobilização midiática em torno da Seleção Brasileira de futebol.

Diante desse primeiro movimento, que responde ao requisito do corte temporal da pesquisa, um segundo conduz à seleção dos veículos pelos quais o período relatado foi acompanhado. Na impossibilidade de investir na totalidade de registros do universo midiático, essa etapa caracterizou-se pela escolha de alguns de seus dispositivos¹⁶, como a televisão e o jornal, exercendo certa prioridade em relação à revista e a internet. Cada dispositivo possui um funcionamento próprio que lhe dá a particularidade de uma linguagem. A mesma notícia pode ser veiculada de forma diferente em cada dispositivo porque a sua encenação será formatada de acordo com os elementos que o compõe, sendo este:

[...] uma maneira de pensar a articulação entre vários elementos que formam um conjunto estruturado, pela solidariedade combinatória que os liga. Esses elementos são de ordem material, mas localizados, agenciados, repartidos segundo uma rede conceitual mais ou menos complexa. O dispositivo constitui o ambiente, o quadro, o suporte físico da mensagem, mas não se trata de um simples vetor indiferente ao que veicula, ou de um meio de transportar qualquer mensagem sem que esta se ressinta das características do suporte. Todo dispositivo formata a mensagem e, com isso, contribui para lhe conferir um sentido. (CHARAUDEAU, 2006, p. 105)

Afirmar que esses dispositivos são diferenciados quanto ao tipo de linguagem que utilizam, não acena, em nenhum momento, com a intenção de estabelecer padrões de avaliação que deem qualquer destaque valorativo em detrimento dos outros, importando, nesse instante, analisar as características de produto e de produção concernentes a cada veículo. Essa premissa é extensiva quando temos, dentro do mesmo dispositivo midiático, o uso de mais de um grupo

países sejam representados pelas seleções consideradas principais, no evento olímpico, a participação de jogadores acima de 23 anos de idade é opcional e em número máximo de três nomes. O restante da equipe deve ser obrigatoriamente formado por jogadores com idade inferior a 23 anos. O treinador da seleção principal pode ou não ser o mesmo da seleção olímpica. No caso em questão, Dunga, treinador da seleção brasileira principal, foi escolhido pelo presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, para dirigir a Seleção também na Olimpíada de Pequim em 2008.

¹⁶ O uso desse termo encontra aproximações com a perspectiva foucaultiana, considerando o dispositivo não apenas na sua dimensão técnica, como também constituído por um regime de enunciação e visibilidade. Nesse caso a mídia torna-se um modelo de dispositivo porque abrange diferentes instâncias enunciativas, propõe estratégias que levam em conta as formas de discursos, produz efeitos, indica troca de posições e de funções entre os elementos que a compõe.

de comunicação, ou seja, dois ou mais jornais, dois ou mais canais de televisão, duas ou mais revistas, dois ou mais sítios (*sites*). Passa longe a decisão de compará-los quanto ao grau de importância ou de fidedignidade, mas, sim, de que forma a circulação daquilo que veiculam chega a se constituir, dentro de uma regularidade, como discursos sobre a identidade ligada à Seleção Brasileira de futebol.

2.3 A linguagem das fontes

Algumas das características intrínsecas a cada veículo são destacadas a seguir, não anulando a possibilidade de se discutir, mais adiante, outras marcas que eventualmente surjam da relação entre campo empírico e campo teórico.

Televisão: Partindo do princípio de que já não é possível referir-se ao esporte contemporâneo sem associá-lo aos meios de comunicação de massa, Betti (1998) afirma que a televisão modificou a maneira de se assistir esporte em todo mundo, fornecendo ao “[...] telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo com a realidade, como se estivesse olhando através de uma *janela de vidro*.” (p. 34). Outra modificação significativa está nas estratégias de interatividade inventadas pela televisão¹⁷, que podem ser exemplificadas tanto pelas sondagens em tempo real em entrevistas nas ruas ou nos locais do espetáculo, feitas antes, durante e após a transmissão de um evento, quanto na participação via e-mail ou conversa em *chats* durante um programa esportivo que debate os preparativos ou os resultados de uma partida. Essas duas situações se configuram como perspectivas em que

[...] há um efeito de contato, pois a televisão, ao utilizar-se de todos esses procedimentos, pode criar a ilusão de que representa o mundo dos acontecimentos tal como ele é; próximo ou distante, o mundo se torna presente, aumentando o efeito de ubiquidade. (CHARAUDEAU, 2006, p. 111-112)

As junções de som e imagem são suscetíveis, portanto, à produção de um efeito de realidade que adquire maior ou menor *status* de credibilidade tanto quanto

¹⁷ Os chats (salas de conversação) e os e-mails são formas de comunicação sustentadas pela internet e apropriadas pela linguagem televisiva produzindo novas formas de interatividade entre as tecnologias virtuais de informação. A esse respeito, ver Parente (1993).

for a maior ou menor disposição de diluir o tempo existente entre o acontecimento e sua veiculação ao público. Nas transmissões ao vivo, como no caso das partidas e dos programas esportivos produzidos durante a Copa do Mundo, essa distância é anulada, permitindo uma sensação de presença como se tivesse uma história ocorrendo numa cotemporalidade. Esse efeito de realidade é provocado pela múltipla capacidade de enunciação e produção de sentidos que a televisão sinaliza, sendo que a opção por utilizar esse tipo de veículo para dar suporte empírico à pesquisa deve-se exatamente pela mixagem audiovisual que:

[...] torna visíveis para nós uma série de olhares de pessoas concretas – produtores, jornalistas, atores, roteiristas, diretores, criadores, enfim, de produtos televisivos – a respeito de um sem-número de temas e acontecimentos. Quando assistimos à TV, pode-se afirmar que esses olhares dos outros também nos olham, mobilizam-nos, justamente porque é possível enxergar ali muito do que somos (ou do que não somos), do que negamos ou daquilo em que acreditamos, ou ainda do que aprendemos a desejar ou a rejeitar ou simplesmente a apreciar. Em poucas palavras: em maior ou menor grau, nós sempre estamos um pouco naquelas imagens. [...] se partirmos da especificidade da própria linguagem dos artefatos midiáticos, se prestarmos atenção aos modos pelos quais são construídos e veiculados tais produtos, às escolhas feitas quanto aos “alvos” a atingir, aos diferentes públicos a quem a mídia endereça seus produtos, principalmente os da televisão, talvez estejamos escolhendo um caminho bastante produtivo para compreender melhor a presença e a importância dessa instância cultural no conjunto mais amplo da sociedade. (FISHER, 2003, p. 12-13)

Esse movimento de nos enxergarmos na tela da televisão é inexoravelmente explorado em tempos de Copa do Mundo, mas também em outros períodos em que a Seleção Brasileira de futebol é colocada à prova. Ao dizer isso, não se está referindo-se somente aos confrontos futebolísticos entre nações que ela transmite; incluem-se aí todas as representações televisivas registradas que dispõem de espaço compatível tal qual o nível de satisfação do orgulho nacionalista alcançado (BOURDIEU, 1997).

Nessa linha, foram realizadas gravações dos cinco jogos da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2006 por dois canais de televisão de âmbito nacional, sendo um com sinal aberto, a Globo, e outro por assinatura, a SPORTV. As gravações iniciavam tão logo era anunciada, pelos respectivos canais, a abertura oficial da transmissão da partida e finalizavam imediatamente após o locutor fazer o anúncio do encerramento oficial da transmissão, sem que, nesse período, houvesse qualquer tipo de interrupção. A esses cinco jogos, somou-se a

gravação da partida final dessa competição, entre Itália e França, muito motivada por envolver a equipe que havia eliminado a Seleção Brasileira da chance de conquista do hexacampeonato. Há que se fazer uma diferenciação quanto ao tempo de encerramento da cobertura, atentando para uma flexibilidade maior no canal SPORTV em relação à Globo, pois, enquanto o primeiro possui um compromisso temático exclusivo com o gênero esportes, o segundo segue uma grade de programação mais rígida e com gêneros diversos – novelas, telejornais, filmes, programas de auditório, eventos esportivos, etc. O método de registro obedeceu aos mesmos critérios quando foram gravados todos os seis jogos da Seleção Brasileira durante a Copa América 2007 disputada na Venezuela.

A esses dois grupos concentrados de coleta, vem sendo anexado um outro grupo mais disperso de material televisivo, mas nem por isso menos criterioso. Debates esportivos, documentários, entrevistas, mesas-rendondas, coletivas de imprensa durante as convocações, reportagens, transmissões de partidas da Seleção Brasileira válidas pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2010, jogos amistosos, entre outros, formam esse vasto grupo que, à primeira vista, parece incontrolável, ainda que apresente como eixo temático, a Seleção Brasileira de futebol. A complexidade no trato dos audiovisuais deve ser levada em consideração arrastando consigo todo risco de incompletude no traslado do material televisivo. Mas esse risco está sob domínio ético equivale às escolhas empíricas e teóricas contidos nesse campo múltiplo de análise onde aquilo que é deixado de fora é tão importante quanto o que está presente (ROSE, 2002, p. 343).

Jornais: Por ser um veículo de periodicidade diária, de uma pluralidade editorial, de intensa concorrência mercadológica, de uma variedade textual, e de uma elevada circulação social, os jornais tornaram-se fontes expressivas desta pesquisa, carregando todas as potencialidades de seu funcionamento.

Diferentemente do que ocorre na linguagem televisiva, que tenta coincidir ao máximo o tempo existente entre o acontecimento e sua mediação, no jornal esse distanciamento fica mais visível pela própria configuração de sua fabricação. É impossível para ele, por exemplo, trabalhar com a categoria do “ao vivo”, ao contrário, sua pauta remete quase sempre a acontecimentos já especulados pela

televisão, pelo rádio ou mesmo pela internet. Abordar o mesmo assunto por um ângulo ainda inexplorado é o desafio posto a escritores, editores, cronistas, enfim, a todos aqueles dedicados a preencher as seções de um jornal. Talvez esse motivo tenha levado esses profissionais, ao longo dos anos, a optar por uma escrita cada vez mais opinativa, mais investigativa, ou, ainda mais exploratória no sentido de aventar prováveis explicações para determinados acontecimentos.

Nas páginas dedicadas aos assuntos esportivos, essa postura é de uma nitidez sensível, especialmente nos espaços dedicados ao futebol, que, em geral, contabilizam grande parte dessa seção. Em tempos de Copa do Mundo, essa seção transborda de tal maneira que alguns jornais acabam editando um caderno especial sobre o evento, muito explicado

[...] pelo fato do futebol ter atingido um *status* diferenciado no final do século XX, transformando-se num fenômeno de importância social, política, mercadológica, econômica e cultural, ele se torna merecedor de leituras das mais diversas áreas e editoriais de um jornal – o que justifica a presença de profissionais não ligados diretamente ao esporte nas páginas dedicadas à Copa do Mundo. (MARQUES, 2005, p. 166)

Essa peculiaridade foi observada nos dois jornais selecionados como centrais para a análise da pesquisa: Zero Hora, do Rio Grande do Sul, e Folha de São Paulo, do Estado de São Paulo¹⁸. Com grande circulação e a partir de regiões geograficamente afastadas no País, ambos cobriram os eventos Copa do Mundo 2006 e Copa América 2007 numa formatação muito semelhante. Durante o evento mundial, executaram uma ampla cobertura atestada pela elaboração de cadernos especiais, sob os respectivos nomes de Jornal da Copa e Copa 2006, que continham uma variedade textual assinada por nomes vinculados ou não à área esportiva.

Esses cadernos não foram organizados quando da realização do evento das Américas, onde a cobertura esportiva trouxe uma amplitude diminuída comparada à da Copa do Mundo. As notícias sobre essa competição dividiam espaço com os demais assuntos esportivos, merecendo certo destaque à medida que a Seleção Brasileira jogava e avançava na competição. O papel de reportar o evento estava

¹⁸ Outros três jornais foram igualmente coletados e utilizados como apoio empírico. São eles: Diário Gaúcho, O Sul e Correio do Povo, todos do Rio Grande do Sul.

reservado aos colunistas, escritores e cronistas tradicionalmente encontrados na seção esportiva do jornal.

Com a mesma preocupação de mapeamento indicado no item sobre a televisão, os períodos subsequentes aos eventos igualmente foram acompanhados. A triagem dos textos contidos no conjunto dos jornais, respeitando uma regularidade enunciativa e uma referência temática à identidade da Seleção Brasileira de futebol, independe, num primeiro momento, do posicionamento que esse texto ocupa no jornal. Porém, mesmo que uma nota de rodapé possa ter o mesmo valor que uma reportagem de capa na constituição de uma unidade de discurso, dependendo da regularidade daquilo que enuncia, é preciso que haja certo cuidado metodológico quanto à distribuição das matérias jornalísticas. Há uma distinção manifesta tanto nas formas textuais – crônicas, colunas, reportagens, charges, entrevistas, opiniões, manchetes, etc. –, quanto nos lugares que esses textos ocupam no jornal – capa do jornal, capa do caderno especial de esportes, contracapa do jornal, contracapa do caderno especial de esportes, editorial, espaço do leitor, reportagem central, notas rápidas, etc.

A linguagem empregada na união entre as formas textuais e os lugares que ocupam desempenha, nesse veículo midiático, um papel de prova na instauração de um efeito de verdade. Surge, aqui, outra marca própria do jornal que alimenta a distância já comentada anteriormente entre o tempo do acontecimento, o tempo da escritura e o tempo da publicação da informação. Essa marca é tida por Charaudeau (2006) como sendo uma relação distanciada entre quem escreve e quem lê, inexistindo qualquer tipo de interação direta entre essas instâncias durante a produção da informação. O que há, diz o autor, é

[...] um percurso ocular multiorientado do espaço de escritura que faz com que o que foi escrito permaneça como um traço para o qual se pode sempre retornar; aquele que escreve, para retificar ou apagar, aquele que lê, para rememorar ou recompor sua leitura. (p. 113)

A ausência física entre emissor e receptor faz com que uma lógica de produção da informação seja operada e o produto jornal passe a ser um dispositivo estratégico a que se pode recorrer para produzir, avaliar ou confrontar opiniões.

Revistas: Apesar de empregar uma linguagem similar à do jornal, “como veículo, a revista tem uma característica de especificidade de público que o jornal em geral não tem.” (GASTALDO, 2002, p.89). Enquanto o jornal movimenta uma variedade de assuntos, a revista usufrui de um direito de especialização que a permite ser endereçada a um público-alvo imaginado como potencial consumidor.

Ao direcionar seu conteúdo a um segmento específico, a revista busca atender às exigências identitárias de quem a consome e acaba, por essa interpelação, fazendo com que esse público também passe a se enxergar – ou a não se enxergar – naquilo que é produzido pela revista. Essa produção, então, autoriza inúmeras perspectivas justamente para ir ao encontro do universo dilatado que integra, especialmente, o público interessado pelo segmento esportivo. Na dimensão de uma única revista, a produção é tão genérica quanto o público que a acompanha, o que fica evidenciado quando se trata de futebol¹⁹. Se, por um lado, há uma demanda social relativamente grande reivindicada ao futebol por este ser um dos elementos constitutivos da prática cultural brasileira, por outro, a quantidade de revistas especializadas nesse esporte é pequena. Um desses exemplos é a *Revista Placar*, da Editora Abril, que foi selecionada como uma fonte empírica de apoio a pesquisa. O mapeamento considerou todas as edições a partir de junho de 2006 que indicavam alguma sintonia temática em relação à Seleção Brasileira de futebol, sem qualquer tipo de restrição à forma textual, nem ao espaço interno que ocupava, tampouco limitou-se aos períodos em que a seleção estava envolvida em competições.

A opção por coletar dados em uma revista focal e de periodicidade mensal reside, primeiro, na manutenção de uma pauta exclusiva para o futebol; segundo, por essa pauta garantir matérias que circulem em âmbito nacional²⁰, “desvinculando-

¹⁹ A exemplo dessa impossibilidade de determinar exatamente o público interessado em consumir informações sobre futebol por meio de uma revista, Coelho (2004) cita o caso da Revista Placar: “No início de 2000, a direção da editora Abril encomendou uma pesquisa sobre a Revista Placar. O projeto editorial não previa que a publicação pudesse atingir público de baixo poder aquisitivo e igual nível cultural. Tratava-se de revista até com certo requinte. No entanto, o resultado da pesquisa apontou um dado surpreendente: apenas 20% dos leitores fiéis da revista tinham computador em casa. A maior parte desse público provinha das camadas C e D da população.” (p.83)

²⁰ Esporadicamente, sob o mesmo número, a revista é publicada com capas diferentes dependendo da respectiva região do País em que é lançada. A diferença se restringe ao destaque de capa que gera uma reportagem especial pertinente ao estado em que circula. Em geral, os estados que

se dos índices de localidade” verificado nos jornais (GASTALDO, 2002, p.90), e terceiro, por suscitar um traço diferencial relativo ao tempo de escrita. Da mesma forma que o intervalo existente entre o acontecimento e sua veiculação foi salientado como uma das diferenças entre a televisão e o jornal, a característica se repete de maneira acentuada quando confrontamos o jornal com a revista. A distância alargada entre os dois momentos faz com que a montagem da revista percorra o detalhamento dos fatos, ainda que os refira na sua anterioridade prematura ou na sua posterioridade afastada.

Internet: Representada como um dos elementos das novas tecnologias da informação, a rede de comunicação virtual foi utilizada, assim com a revista, como uma fonte auxiliar de dados, sem se deter no debate conceitual a respeito das tecnologias do virtual²¹. No entanto, é preciso localizar a internet como uma dimensão social de comunicação que tumultua a visão que isola emissor e receptor. A tendência em utilizar salas de bate-papo, os e-mails, as janelas de conversação com som e vídeo, e as teleconferências exemplificam essa perturbação que borra as fronteiras entre a ausência física e a presença virtual, questionando inclusive se o espaço da internet é um tipo de mídia, de convergência de mídias, ou de ambos.

Rocco Jr. (2005, p. 175) afirma que “apesar de poder conter mídia em seu interior, e de fato a tendência tem sido a da convergência das mídias tradicionais para a internet, o ciberespaço comporta muito mais que a mídia.” Dessa forma, as portas do ciberespaço estão abertas tanto para que os canais de televisão, as emissoras de rádio, as empresas de jornais e revistas canalizem seus materiais, quanto para estabelecer formatos emergentes de convivência que eliminam os parâmetros geográficos de distância.

recebem esse tratamento alternam-se entre São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

²¹ Parente (1994) aponta três concepções sobre o virtual tanto no domínio da tecnologia quanto no da arte. A primeira, da qual faz parte Arlindo Machado e Edmont Couchot, rompe com os modelos de representação, fazendo crer que o virtual é capaz de tornar a imagem autoreferente. A segunda tendência, cujas figuras referenciais são Jean Baudrillard e Paul Virilio, diz que toda imagem virtual é um significante sem referência social, pouco importando o meio em que é produzida; as imagens são sempre virtuais, pois elas são encenações da ficção como ficção. Já a terceira tendência afirma ser o virtual uma função da imaginação criadora, capaz de criar novas condições de modelizações do sujeito e do mundo. Essa concepção está presente nos estudos de Deleuze, Guattari e Pierre Levy.

A marca da interatividade expressada nas formas interconectadas de comunicação, assim como naquelas que remetem à leitura de um jornal, à visualização de um vídeo, ao acompanhamento de uma partida de futebol, gera uma mudança substancial na percepção do tempo e espaço. A circularidade da informação alimentada pelo tempo real em que elas acontecem causa uma sensação de descontrole um tanto salutar para que novas formas coletivas de relacionamento possam ser construídas, para que uma produção de saberes esteja oxigenada, para que se consiga evitar o endurecimento de verdades, sentidos e valores sociais, denotando ao ciberespaço como um “espaço de circulação simbólica, de fluxos incessantes, arquivo vivo e renovado a todo instante de idéias, produtos e informações.” (*Ibidem*, p.175)

Em meio a esse turbilhão tecnológico que vem redimensionando as relações comunicacionais e socioculturais nos últimos anos, foi a noção de arquivo que, particularmente, preponderou para a escolha desse tipo de fonte. O dinamismo licencioso da internet implica, ao mesmo tempo, que as informações circuladas permaneçam armazenadas em algum lugar da rede. A formação dessa espécie de arquivo, que pode ser acessado instantaneamente quando se está conectado à rede, possibilitou a recuperação de dados relevantes à Seleção Brasileira de futebol tal e qual apresentados por um canal de televisão ou veiculados por um jornal, assim como também permitiu a captura do enfoque próprio de um sítio sobre esses mesmos dados não vistos no tempo real em que foram produzidos.

2.4 Mapeando o discurso midiático

A formação do arquivo²² através das delimitações temática, temporal e das fontes empíricas adotadas parece um tanto perdida se isolada da utilização de um modo de proceder sobre ele. Um modo de proceder que requer a escolha de um método, mas fundamentalmente, de como operacionalizar esse método a partir de

²² O conceito de arquivo está inspirado em Michel Foucault: “Chamarei de arquivo não a totalidade de textos que foram conservados por uma civilização, nem o conjunto de traços que puderam ser salvos de seu desastre, mas o jogo das regras que, numa cultura, determinam o aparecimento e o desaparecimento de enunciados, sua permanência e seu apagamento, sua existência paradoxal de acontecimentos e de coisas.” (2006, p. 95)

objetivos próprios, de uma aproximação do pesquisador com o objeto pesquisado. É justamente nessa aproximação, nessa passagem transversal por todas as fontes midiáticas selecionadas que o método será capaz de entrar em funcionamento delineando um mapa suscetível aos encontros e registros da própria prática da pesquisa. A realização desse mapeamento oferece, assim, a construção de uma história de desencaixes e deslocamentos em nome da construção de novas identidades sobre a Seleção Brasileira de futebol pós Copa do Mundo de 2006. História que, retomada em Rago (2005), parte do pensamento foucaultiano, cuja relação

[...] é estabelecida a partir de um problema que se coloca no presente e, para a resolução, necessita-se voltar ao passado; mas, também, aqui é de uma nova relação com passado que se trata, um passado não mais visto como origem embrionária, como germe a partir do qual tudo evolui, mas, nietzscheaneamente falando, como “origem baixa”, lugar do acontecimento, da emergência em sua singularidade, a partir da disputa de forças em conflito. (p. 263)

A ruptura com a linearidade do tempo, despreocupada com a historicidade linear, originária, funda um outro tempo, agora interessado na irrupção dos acontecimentos, em análises históricas onde “o problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos.” (FOUCAULT, 1995, p.6)

Essa atitude metodológica observa a insuficiência de conservar a identidade como uma unidade histórica acabada, como objeto fechado, passando a creditá-la como uma unidade de outra ordem, que responde a uma emergência histórica, em que pese certas condições de aparecimento dos discursos que a constitui. Isso porque não é o objeto identidade que vai definir o horizonte de objetividade que a caracteriza e compõe, mas é a descrição de uma dispersão transversal (curva) dos diferentes enunciados – produções da televisão, jornal, revista e internet – que dará uma possibilidade de formular discursos a respeito da identidade da Seleção Brasileira.

Para que se possa buscar essa unidade de outra ordem, é preciso considerar anteriormente aquilo que a forma, o que Foucault chamou de *descrição dos acontecimentos discursivos*. Um campo onde predomina a existência de um

feixe finito de relações, uma vez que se apoia nas formulações que estão ou foram ditas, que se orienta por pressupostos ligados à compreensão da singularidade do enunciado, daquilo que o condiciona existente em um dado momento e não noutra, do que o autoriza a relacionar determinados enunciados e a afastar outros. É aqui que o estudo aproxima seus princípios aos da *arqueogenealogia*, pois, ao partir de um conjunto de formulações discursivas, como práticas sociais bem datadas e localizadas, que constituem o objeto de que falam, é preciso considerar de que forma esses enunciados são articulados, materializados em discursos e postos em circulação no dado momento histórico.

A história precisa ser escavada não em termos de busca de suas raízes mais profundas, mas para fazer aparecer como aquilo que foi escavado se distribui socialmente pela produção de discursos – discursos entendidos como um conjunto de enunciados que forma uma unidade que deve ser descrita, não desvelada. Dessa forma, proclama-se a legitimidade de se chegar a um projeto dedicado à simples inscrição do que é dito enquanto positividade do *dictum*, o enunciado. Um projeto que

[...] não tenta contornar as performances verbais para descobrir atrás delas ou sob sua superfície aparente um elemento oculto, um sentido secreto que se esconde nelas ou aparece através delas sem dizê-lo; e, entretanto, o enunciado não é imediatamente visível; não se dá de forma tão manifesta quanto uma estrutura gramatical ou lógica (mesmo quando esta não está inteiramente clara, mesmo quando é muito difícil de se elucidar). O enunciado, a um só tempo, não é visível e não é oculto. (FOUCAULT, 1995, p.125-126)

A descrição dos enunciados não se faz a partir de análises linguísticas ou em lógicas de um conjugado de caracteres que obedecem às regras de formação das frases ou proposições; por outro lado, também não se dá na análise do resto que está por traz de si. Como destacado, o enunciado não é oculto, tampouco visível, mas o nível enunciativo está no limite da linguagem. A capa do caderno especial da Copa do Mundo de 2006 do Jornal Zero Hora no dia do jogo contra a França, estampava, em letras amarelas, todas maiúsculas, centralizadas num fundo verde que cobria praticamente toda a folha, a seguinte manchete: “VINGANÇA”. No rodapé da página, em tamanho menor: “16hs”. A expressão *vingança* passa a exercer uma função de significar algo que não está limitada propriamente à análise estrutural da língua. Pelo contrário, *vingança* é um enunciado quando se apoia na

presença de um conjunto de signos a partir do qual se pode decidir se faz ou não sentido. Vingança, com hora marcada, tem sentido num discurso que enuncia a intenção de revanche em relação à derrota sofrida pelo Brasil diante da França na final da Copa do Mundo de 1998 por 3 x 0; faz sentido enquanto presença numa unidade discursiva que trabalha com a ideia da mobilização nacional em torno de uma seleção representativa do País no enfrentamento com outra nação; faz sentido quando esse enfrentamento coloca frente a frente jogadores brasileiros e franceses que estiveram em campo em ambos os jogos. A palavra *vingança* certamente tem sua dimensão de signo, aquilo que a significa por si só, mas torna-se um enunciado na formação de um discurso quando designa mais do que coisas, quando não se reduz à língua, quando faz aparecer um não-dito presente e correlato que opera não na descoberta de significações ocultas, mas na relação com o que enuncia, aquilo que é posto em jogo, aquilo de que fala, seu “tema”.

O enunciado carrega um traço distintivo de não existir isoladamente, como acontece com as frases ou proposições, ainda que venha, em algum momento, a assumir a forma de uma ou outra. Pode-se dizer, porém, que ele tem existência própria e que está dentro de um discurso quando inscrito numa série de outras formulações, situado em um conjunto de enunciados que servem para transformar, reutilizar, integrar, repetir, combinar, enfim, atualizar constantemente aquilo que forma. Nas palavras de Foucault (1995, p. 114), “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis.”

Para estabelecer essa série, é preciso ficar atento às regularidades daquilo que está sendo enunciado para que se forme a unidade de um discurso. Construir tais unidades, longe de significar uma simplificação de enunciados desorganizados, é um trabalho de multiplicação da realidade da coisa dita, que se faz a partir da dispersão, que mostra como determinados enunciados aparecem e como se distribuem no interior de um certo conjunto, sabendo, como dito anteriormente, que o objeto de análise se compõe no próprio momento de sua enunciação e articulação, não sendo anterior a estas. Por exemplo, não foi a noção de identidade da seleção fechada enquanto unidade que constituiu os discursos da derrota e do fracasso na

Copa do Mundo de 2006, mas uma concepção de, relacionada a uma determinada noção de identidade, que foi processualmente construída pelo conjunto de formulações enunciativas do que se disse a respeito da derrota (em entrevistas, reportagens, programas de televisão, colunas, crônicas, charges, entre outras formas).

É interessante salientar o quanto o discurso midiático é um campo propício para se observar a constituição de uma “regularidade na dispersão”. Os dispositivos midiáticos trabalham com diversos tipos de linguagens, que variam segundo o suporte material e tecnológico de que dispõe, pluralizam enfoques sobre o mesmo acontecimento em cadeia acelerada, disputam um mercado de ascendência sobre um público que se quer o mais variado possível, utilizam diferentes estratégias de enunciação durante a produção, mas que, simultaneamente, estão passíveis de serem articulados no nível dos enunciados independentemente dos autores²³ que os enunciam.

Portanto, a passagem transversal pelos diferentes dispositivos, ora apresentada como territórios da pesquisa, permite que um mapa a respeito das identidades do futebol brasileiro seja desenhado, atento justamente às repetições, não tanto das coisas escritas, faladas ou mostradas (seja por vídeo, fotos, textos ou gráficos), mas aquilo que faz com que sejam ditas. Como será visto nos capítulos seguintes, quando alguns discursos tornam-se significativos de análise na construção do que compõe uma identidade futebolística nacional, é porque mais do que repetir-se literalmente em manchetes, textos, falas e opiniões, dispersaram-se num conjunto de signos enquanto enunciados capazes de serem descritos. Cabe analisar esses discursos como efeitos discursivos e compreender de que maneira essas verdades foram produzidas e enunciadas.

²³ Como a regularidade é estabelecida na relação entre os enunciados, a figura do autor é uma função vazia, sendo o sujeito do enunciado todos aqueles que vierem a interagir com os discursos produzidos. Assim, o sujeito do enunciado é um lugar que pode ser assumido por diferentes posições que podem coexistir em uma série de enunciados. No campo midiático, durante a cobertura de uma Copa do Mundo de futebol, há posições-de-sujeito identificadas em cronistas e colunistas (vinculados ao futebol ou convidados de outras áreas), repórteres, comentaristas (sendo eles jornalistas, ex-jogadores ou ex-árbitros), locutores e editores que podem ser ocupadas na produção de discursos sobre o desempenho da seleção brasileira, não consistindo na análise da relação do autor com o que ele fala. “Assim o que é primeiro é um DIZ-SE, murmúrio anônimo no qual posições são apontadas para sujeitos possíveis: ‘um grande zumbido incessante e desordenado do discurso.’” (DELEUZE, 1998, p. 64)

» www.folha.com.br/copa2006

copa 2006

FOLHA DE S. PAULO

★ SEXTA-FEIRA, 16 DE JUNHO



A rodada em tempo real » www.folha.com.br/copa2006



Cada probleminha que acontece aqui tem uma repercussão enorme. As pessoas do Brasil não têm culpa disso. Mas não sou eu que faço o jornalismo

O peso da Copa

AUSTRALIANOS
CHECAM COR DO
XIXI
ENQUANTO
ESPERAM PARA
PEGAR O BRASIL

Pág. D5

Michael Probst/Associated Press



O atacante Ronaldo durante treino da seleção, ontem, em Königstein

3. REGISTROS DE UMA COPA DO MUNDO: uma história de buscas e rupturas em nome de uma identidade

A relação entre o torcedor brasileiro e a Seleção Brasileira parece não obedecer a delimitações temporais ou espaciais, isto é, não se dá exclusivamente em períodos pré-fixados. É um arrolamento constante, de maior ou menor intensidade, mas que não cessa, não dá direito a intervalos. É evidente que esses momentos de maior intensidade, toda essa movimentação de encontros e desencontros previstos sobre uma discutida representação, assume um “tempo em suspenso” (GUEDES, 1998) no momento de uma Copa do Mundo, onde o confronto estabelecido entre as nações supõe o sentimento de unidade. Mas será mesmo assim? Há indiscutivelmente um sentido estável de unidade presente nesse contexto? Onde será que habitam as instabilidades numa ocasião de derrota e de decepção? O que teria mais incomodado no fracasso da Seleção Brasileira de futebol ao ser desclassificada na Copa do Mundo de 2006?

Diante disso é preciso tomar o acontecimento da Copa do Mundo como um fato histórico por duas frentes, sendo a primeira pela própria investigação, que consolida um modo de construção desse fato, ou seja, a partir de que lugar ele foi contado e como foi contado. Não que isso vá propor uma realidade em si, pelo contrário, abre uma possibilidade de entendimento do fato a partir de diferentes análises. A segunda frente diz respeito à grandeza de pesquisar o futebol e as relações que se apresentam quando falamos em Copa do Mundo. Dentro de um mundo que se vê cada vez mais globalizado e onde as relações se dão de maneira cada vez mais instantâneas e mutáveis, é justamente no momento de um evento como a Copa do Mundo que os discursos sobre identidade, Seleção Brasileira e futebol brasileiro são colocados à prova, inclusive correndo o risco de se passar de um a outro sem timidez alguma.

Este capítulo, então, não tem a ambição de traçar explicações ou ainda elucidar os motivos que levaram ao fraco desempenho da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2006, mas é uma tentativa de compreender o quão volátil e tensa as relações identitárias ostentam nesse campo, principalmente quando esse fracasso representa o descontentamento de um modelo de Seleção Brasileira.

O recorte empírico escolhido para a elaboração deste capítulo foram as transmissões de todos os jogos do Brasil na Copa do Mundo de 2006²⁴ realizadas pelos canais SPORTV e Rede Globo, somadas ao conjunto de edições impressas dos jornais Zero Hora/RS, Folha de São Paulo/SP, Diário Gaúcho/RS, O Sul/RS e Correio do Povo/RS, compreendidos entre os dias 13/06/2006, data da estreia da Seleção Brasileira, e 02/07/2006, dia posterior à eliminação do Brasil na competição.

3.1 A estreia de uma crise

Certamente as mídias participam ativamente desse processo, pois tem sua força reconhecida no âmbito da produção de significados. Uma imagem, uma escrita, junções de som e fala, foto e palavra e toda espetacularização do produto influencia de alguma forma na definição de realidade daquilo que está sendo consumido. Dos treinos aos jogos, dos bastidores à publicidade, dos debates esportivos aos programas de variedades sobre o país-sede, a sensação é de que nada escapa aos nossos olhos pelos olhos das mídias. A cobertura de tal evento mundial que paralisa todas as outras esferas da vida, elevando os índices de audiência no País, sustenta a noção de que:

A Copa do Mundo, esse torneio de futebol de tão grande importância para a sociedade brasileira, só existe enquanto realidade mediada pelos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão. Na verdade, esse acesso imediato à realidade não ocorre somente na Copa: a noção que nossa sociedade constrói da *realidade* é em grande parte mediada. (GASTALDO, 2002, p. 40)

²⁴ Brasil 1x 0 Croácia no dia 13/06/2006, Brasil 2x0 Austrália no dia 18/06/2006, Brasil 4x1 Japão no dia 22/06/2006, Brasil 3x0 Gana no dia 27/06/2006 e Brasil 0x1 França no dia 1º/07/2006.

Dessa forma, como prática discursiva que constrói uma realidade sobre o evento, o campo midiático produziu, ao longo da Copa do Mundo, uma série de discursos que flutuavam entre uma espera e uma decepção a respeito do desempenho da Seleção Brasileira de futebol:

[...] (Luiz Carlos Jr.) O Jorginho colocou: faltou alma, faltou vontade! (Jorginho) É lamentável, eu vou te ser sincero, assim, eu to muito decepcionado, muito triste porque a gente esperava muito da Seleção, o povo alemão esperava muito dessa Seleção Brasileira [...]²⁵

A insistente chamada por uma unidade nacional dividiu espaços no discurso midiático com estranhamentos e incômodos daquilo que se exigia como representação nacional. Essa dispersão e diferença de discursos traduz que a formação de uma identidade para o futebol brasileiro e para a Seleção Brasileira está em curso, pois as coloca numa situação de crise, de instabilidade.

As produções midiáticas pré e pós-jogos da Seleção Brasileira operaram essa volubilidade, entre tantas formas, quando mobilizavam o sentimento de união nacional, principalmente antes dos jogos, e destacavam uma sensação de vitória sem merecimento tão logo finalizava a partida. Isso porque, pelo discurso midiático, a Seleção Brasileira saía de campo vitoriosa sem conseguir praticar um estilo de jogo brasileiro. Ambas as caracterizações foram percebidas na imprensa desde a primeira partida na competição realizada contra o selecionado croata, na expectativa de que o Brasil confirmasse, logo na estreia, a imagem que o torcedor brasileiro tinha de sua seleção.

No pré-jogo, a capa do jornal Diário Gaúcho/RS, no dia 13 de junho de 2006, trazia a foto de uma criança e de um senhor lado a lado, vestidos com a camisa da Seleção Brasileira, acompanhada da frase: “Um só coração”. O mesmo apelo estava presente na capa do Jornal O Sul/RS: “É Brasil no coração”, em letras maiúsculas, sobre uma imagem caricatural dos jogadores que compunham o time titular. Ao mesmo tempo, outro elemento que ocupava um lugar de destaque era a confiança de que a formação do “quadrado mágico” pudesse funcionar como exibição do estilo de jogo peculiarmente brasileiro. O caderno especial Correio da Copa, do jornal

²⁵ Esse trecho é retirado de uma conversa entre o narrador esportivo Luiz Carlos Jr. e o ex-lateral direito da seleção brasileira, convidado especial da transmissão do jogo válido pelas quartas-de-final da Copa do Mundo de 2006 entre Brasil 0 x 1 França pelo canal SPORTV no dia 1º de julho.

Correio do Povo/RS, publicou na capa as fotos individuais de Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo e Adriano junto da frase: “Brasil ataca com o quadrado mágico”. Já o caderno Jornal da Copa, de Zero Hora/RS, também datado de 13 de junho de 2006, apresentava, na primeira página, a ilustração da bandeira nacional e as imagens do Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo, Kaká e Adriano, ocupando cada um as pontas do losango da bandeira, além de terem seus nomes substituindo o dizer “Ordem e Progresso”. No pé da página, vinha a manchete: “Ordem e Progresso no Quadrado Mágico”.

A possibilidade de interação mais constante com o público, referendada pelo próprio funcionamento da televisão, permitia que o convite à integração nacional se intensificasse proporcionalmente à proximidade do início do jogo. Minutos antes da entrada das equipes no campo, e isso se estende a todos os outros jogos em que a Seleção Brasileira atuou, pequenas reportagens foram feitas ao vivo em diferentes regiões do País mostrando a reunião de torcedores em praças, clubes, nas ruas, na casa das famílias dos próprios jogadores da seleção, todos enfeitados com as cores verde-amarelo entoando cânticos e frases de apoio.

A vitória frente à Croácia pelo placar mínimo de 1 x 0 permitiu que os festejos pré-jogo se estendessem para o momento pós-jogo. Por usufruírem da prerrogativa de falar imediatamente finalizada a partida, os locutores esportivos são os primeiros a ponderar sobre o que representou a vitória brasileira. O aval da comemoração é dado em meio a sinais de incômodo, como pode ser observado nessa passagem da transmissão da Rede Globo: “Agora dá pra respirar, faça a festa torcedor brasileiro, é a primeira. Veio daquele jeito sofrido, coração apertado, batendo forte, mas veio a vitória brasileira com o gol de Kaká.” Em outro canal, na SPORTV, o locutor segue no mesmo sentido, dizendo:

O Brasil estreando com vitória na Copa do Mundo. Festa brasileira. Hoje vamos ter buzinação brasileiro aqui em Berlim, festa brasileira e uma estreia com três pontos sempre representa uma ótima estreia mesmo que não tenha sido o jogo que o torcedor esperava, vitória do Brasil. (13/06/06)

O tempo existente entre o final do jogo e a manhã seguinte fez com que a festa da vitória dividisse um espaço maior com a desconfiança e certa decepção com o desempenho da equipe brasileira. Na verdade, essa divisão não pode ser

notabilizada como contraditória, mas como uma luta de paradoxos que faz parte do processo de formação das identidades. Estas, como efeitos de uma constituição discursiva, de forma alguma adquirem uma essencialidade, não conseguem totalizar o universo de enunciados que as constitui, sendo dadas por aquilo que o discurso exclui. Os jornais do dia seguinte noticiavam as lacunas da vitória brasileira: “Venceu, mas faltou bola” (capa do jornal Diário Gaúcho/RS); “Vitória sem encanto: seleção de estrelas vence, mas não brilha para o mundo” (capa do Jornal Zero Hora/RS); “Brasil vence, mas não convence” (capa do Jornal O Sul/RS); “Quadrado sem magia” (manchete de uma reportagem do caderno de esportes do Jornal Zero Hora/RS).

A agitação identitária encontrada no pré e pós-jogo tem sequência na partida seguinte contra a Austrália, com o detalhe de que outras seleções, principalmente a Argentina, passaram a referenciar aquilo que estava ausente na Seleção Brasileira. Essa busca gerou uma mobilização para o jogo fundamentada tanto nas análises da estreia quanto na expectativa de produzir em campo o que os argentinos foram capazes desde o início. O narrador da Rede Globo fazia a seguinte locução enquanto a imagem mostrava a chegada dos jogadores brasileiros e australianos no túnel de acesso ao gramado, segundos antes de entrarem para a partida:

A corrente brasileira...o momento ali em que eles se unem mais do que nunca...a expectativa era imensa na estréia do Brasil, o Brasil ganhou por 1 x 0 da Croácia, conseguiu os três pontos, o que era fundamental [...], mas não conseguiu dar aquele espetáculo que o mundo inteiro esperava, o espetáculo que acabou sendo mostrado na vitória de seis a zero da Argentina encima da Sérvia e Montenegro. (18/06/06)

A identificação na Argentina de um futebol-espetáculo, que deveria ser o do Brasil, se configurou como um dos discursos recorrentes durante toda competição. Era a seleção que deveria praticar um futebol de magia, pois somente ela possuía um “quadrado mágico”. Mas, além disso, as manchetes que adjetivaram uma seleção sem brilho, sem encanto, sem bola, sem magia, sem convencimento recebiam sucessivamente a especificação de determinadas características como se desejasse complementar com a pergunta ‘o que é faltar bola’? A coluna do jornalista crítico de cinema e literatura José Geraldo Couto na Folha de São Paulo/SP, ainda antes do jogo contra a Austrália, intitulada “Futebol, Enfim” fazia menção a essa questão:

Li anos atrás na revista Paris Match uma frase da qual nunca esqueci: “Todo mundo sabe que a Copa do Mundo só começa de verdade quando o Brasil entra em campo”. Ao ler isso, fui invadido pelo bobo orgulho nacionalista que sentimos quando estamos longe de casa. [...] Mas o que mais chamou atenção no show argentino foi tudo aquilo que faltou ao Brasil na estréia: coesão, homogeneidade, empenho coletivo, objetividade. No jogo da seleção nacional, Kaká se destacou pela técnica e consciência tática. A Argentina, nesse sentido, parecia ter 11 Kakás em campo. Cada jogo é um jogo, e o futebol se reinventa a cada dia. Pode ser que hoje a camisa amarela volte a despertar o mesmo entusiasmo que arrebatou aquele velho redator da ‘Paris Match’ Vamos ver. (p. D7)

Nota-se, pelo trecho destacado, que há uma tendência de pluralizar as faltas, mesmo que, por vezes, apareça sintetizada em exemplos. Tudo aquilo que faltou ao Brasil coletivamente estava resumido na *performance* da Seleção Argentina e na figura individual de Kaká. Mais adiante, os exemplos também são tornados plurais – Alemanha, Portugal, Luis Felipe Scolari, Jüergen Klinsmann –, mas quase sempre como fusão de uma série de demandas discursivas.

3.2 Entre encontros e desencontros

Por enquanto, para dar o “show”, para que não “faltasse bola”, para que o torcedor fosse desperto pelo orgulho nacionalista, era necessário que a Seleção Brasileira atingisse alguns requisitos, que misturavam aspectos treináveis, outros não. Ainda que, após o jogo contra a Austrália, o discurso da carência de um futebol-espetáculo continuasse a ser proferido – o Jornal Zero Hora/RS e o Jornal Diário Gaúcho/RS fixaram, respectivamente, como manchetes de capa no dia 19 de junho de 2006: “Classificação sem show” e “Quadrado? Só a bola – O Brasil venceu a Austrália por 2 a 0, se classificou, mas não se iluda: o futebol mágico ainda não apareceu.” –, outros discursos passaram a demarcar sinais de indisposição, como a falta de raça e também de atitude na substituição dos jogadores mais velhos pelos mais novos. Uma das páginas do Jornal da Copa, de Zero Hora/RS, estava reservada cotidianamente para o espaço do leitor. Nele eram reproduzidas mensagens enviadas à redação do jornal por torcedores brasileiros residentes tanto no Brasil quanto no exterior. Uma das selecionadas pela equipe de redação para ser publicada no dia posterior à vitória continha o seguinte recado:

Salto Alto: a pátria de chuteiras usa saia justa e salto alto. Se nosso time fosse feito de mulheres ou de argentinos, o resultado seria diferente. Falta garra e amor à pátria. Foi só colocarem sangue novo que o jogo mudou. (I.V.M. – Porto Alegre, 19/06/06, p.8)

Seguindo na linha do “sangue novo”, segue o trecho de uma reportagem que relatava que Fred foi o quarto jogador brasileiro na história a sair do banco de reservas para anotar um gol em Copas do Mundo, a Folha de São Paulo/SP enfocou a situação:

Jovens brilham em time veterano: É uma seleção de veteranos (a média de idade só é menor em Copas, e levemente, da equipe de 1962). Mas até agora, são os novatos que garantiram as vitórias brasileiras. Contra a Croácia, que fez o gol da vitória foi Kaká, 24, o titular mais jovem. Ontem, Adriano, 24, fez o primeiro. O placar foi fechado por Fred, 22, que só não é mais jovem, por apenas três meses, que Robinho, que começou a jogada do gol. (19/06/06, p. D3)

Aliás, essa foi a tônica da partida seguinte contra a Seleção Japonesa, ou seja, como o Brasil já havia garantido classificação para a fase das oitavas-de-final como primeiro lugar do grupo na vitória contra a Austrália, o técnico Carlos Alberto Parreira poderia fazer algumas alterações na equipe, substituindo velhos titulares por reservas mais novos²⁶, como assim o fez. Na imprensa esportiva, antes do jogo, essa atitude era destacadamente procedente no intuito de que a Seleção Brasileira fosse digna de apresentar um futebol compatível com sua tradição, como estampou a chamada de capa do jornal Diário Gaúcho/RS do dia 22 de junho de 2006: “Jogo para o Brasil ser o Brasil”. E essa expectativa foi concretizada, ainda que os significados do que é ser Brasil permanecessem em aberto. O que, talvez, a partida contra o Japão tenha representado foi um tempo de encontro com a própria seleção nesse movimento de rupturas em nome de uma identidade.

A excepcionalidade das manchetes e comentários pós-jogo no sentido de exaltarem a presença, enfim, da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, partindo do desempenho satisfatório mostrado em campo nessa partida, não impediu que o

²⁶ Sobre a substituição de alguns titulares por jogadores considerados reservas, vale destacar que circulava na imprensa nacional, nos dias que antecederam o jogo contra o Japão, uma brincadeira envolvendo essa situação e o então técnico da Seleção Japonesa, o brasileiro Zico, relatada assim na coluna de Wianey Carlet em Zero Hora do dia 22 de junho de 2006: “Seleção errada – Segundo a melhor piada da Copa, Zico telefona para Parreira e pede-lhe ajuda, considerando que o Brasil já está classificado. Parreira pergunta-lhe, então, se ele quer que o Japão enfrente os reservas do Brasil, hoje. Zico, imediatamente, reage: - Não! Os reservas, não! As boas piadas são as paridas pela obviedade. O Brasil está mal-escalado, logo tem titulares que deveriam ser reservas, e vice-versa.” (p.11)

embate discursivo identitário prosseguisse sendo explorado, como pode ser observado através do que alguns colonistas expuseram no dia 23 de junho de 2006, após a vitória por 4 x 1:

Show é jogar

Viu-se, ontem, que a frase de Parreira – show é ganhar – era apenas uma sentença oportunista. A única, verdadeira e intocável afirmação cabível à Seleção Brasileira é esta: show é jogar. Jogar bem, com qualidade, espontaneidade, arte, imposição, do jeito brasileiro de jogar. (CARLET, p.15)

Parreira, coragem

Foi uma belíssima exibição do Brasil. Com os novos jogadores, que nunca tinham treinado juntos, o time ficou muito mais rápido, imprevisível e habilidoso. Parecia uma grande seleção brasileira e não da Europa, como nos primeiros jogos [...]. (TOSTÃO, p. D3)

E agora, Parreira?

Entrada de reservas faz aparecerem até os Ronaldos que o mundo espera [...] Não é possível que, depois dessa demonstração de saúde, movimentação, toque de bola – o que Parreira teoricamente espera de suas equipes –, o time volte à formação anterior. O primeiro consenso nacional deve ser respeitado: o ataque funciona melhor com Robinho e um centroavante – e Ronaldo, em quem eu não acreditava mais, deve deixar Adriano no banco [...]. (SONINHA, p. D7)

A ideia de que a Seleção Brasileira teria encontrado um modo de representar os anseios futebolísticos da nação a qual representa concomitantemente ao início da fase eliminatória com os jogos válidos pelas oitavas-de-final pressupõe uma remobilização nacional por parte da imprensa esportiva. A projeção do jogo contra a Seleção de Gana carregava traços semelhantes àqueles da estreia do Brasil na competição, novamente com uma convocação à unidade nacional, num rompante de ardor cívico. O jornal Zero Hora/RS anunciou, na capa do caderno especial do dia 27 de junho de 2006, a frase “Por eles, Brasil!”, junto à imagem de um bebê vestindo a camisa da Seleção Brasileira, debruçado sobre a bandeira nacional e usando uma bandana com as cores verde-amarelo. Outras tantas fotos de crianças adornadas foram impressas em nove das dezesseis páginas do caderno especial, sob a mesma inscrição “Por eles, Brasil!”.

Ao examinar a estruturação das reportagens para o primeiro confronto eliminatório, foi possível encontrar outros aspectos que propõem um sentimento de brasilidade. O jornal O Sul/RS do mesmo dia, por exemplo, ao produzir a manchete: “O Brasil pára às 12h”, colocou em funcionamento, ressalta Guedes (1998), uma espécie de incorporação de toda população transformada em torcedores que, quer

queiram, quer não, são praticamente obrigados a parar suas atividades rotineiras para tomar conhecimento do que se passa com o selecionado brasileiro.

Os componentes identitários aparecem, inclusive, passando pelo deslizamento do nome da seleção adversária para aquilo que se espera do Brasil: “Com Gana pela frente”, publicou Zero Hora/RS, de 22 de junho de 2006, na manchete principal, logo após a vitória contra o Japão. A utilização desse tratamento como um dos enunciados para a seleção, no que se refere ao discurso da raça, da garra e do amor à camisa, parece carregar, pelas palavras que antecedem ao jogo, um grau de importância tamanho que questiona inclusive se o papel da Seleção Brasileira é jogar bonito ou simplesmente vencer. A primeira página da Folha de São Paulo/SP destaca, no dia 27 de junho de 2006: “Meio a Zero – No mata-mata com seca de gols, Brasil esquece jogo bonito e prega eficácia para superar Gana.” E continua:

Os gols estão em falta. O desejável, nas oitavas-de-final da Copa da Alemanha, é o resultado. Sem show, sem espetáculo. É a regra do Mundial. E a badalada Seleção Brasileira, cultuada pelo talento de seus jogadores, de quem sempre se espera algo diferente, não foge dela.

A passagem para as quartas-de-final, na vitória por 3 x 0 sobre a Seleção Africana, sendo um dos gols anotados por Ronaldo, que, assim, se tornou o maior artilheiro na história das Copas do Mundo²⁷, repercutiu infimamente em avaliações do jogo. Transcorrido o jogo, Gana era lembrada somente como postura a ser adotada na próxima fase – “Com gana de vingança”, tiragem da primeira reportagem do jornal Diário Gaúcho/RS no dia posterior à vitória. Isso porque o enfrentamento imediato evidenciava uma rivalidade marcada pela dor recente em Copas do Mundo, mais exatamente em 1998. Brasil e França voltariam a disputar uma partida decisiva, em que estava em jogo mais do que uma vitória, mas uma ocasião favorável de vingar a derrota brasileira na final daquele Mundial. Periodistas, repórteres, locutores, comentaristas – o discurso produzido pela imprensa esportiva impelia um efeito de realização do torcedor brasileiro para além de uma vitória isolada. As marcas do fracasso carregadas num passado recente e o desejo da desforra deveriam ser elementos imprescindíveis aos jogadores, conforme analisava o ex-

²⁷ Até então o artilheiro era o alemão Gerd Müller, que havia marcado 15 gols. Ronaldo, com os três gols feitos na Copa do Mundo de 2006, dois contra o Japão e um contra Gana, chegou a marca de 16 gols, isolando-se na artilharia em Mundiais.

jogador Casagrande, em comentário pela Rede Globo, minutos antes do início da partida:

Eu acho que o Parreira tem que usar isso, aquele jogo de 98 pra dar essa motivação extra. Sabendo fazer, você joga no limite da motivação e dá uma coisa a mais pro jogador do Brasil. Só o Brasil pode ter esse negócio a mais porque a França ganhou, ela não tem como motivar a mais. (1º/07/06)

O tempo exíguo de oito anos entre as Copas de 1998 e 2006 contribuiu para reforçar a motivação pela vingança, com a presença, em ambas as equipes, de jogadores que estiveram em campo na final de 98, na França. A coluna do jornalista José Roberto Torero na Folha de São Paulo/SP do dia 1º de julho de 2006, sob o título “A hora da vingança”, fez menção a essa situação:

Sim, HOJE é o dia da vingança. [...] Aliás, aquele 3 a 0 talvez seja a grande derrota do futebol brasileiro desde a final contra o Uruguai. Parreira e seus jogadores vão dizer que não há nada desse negócio de vingança, que este é outro jogo, outra história. Mas nós sabemos que não é bem assim. Para começar, os dois protagonistas daquele jogo estarão novamente em campo: Zidane, o herói de lá, e Ronaldo, o herói de cá que tombou lá. Querer a vingança faz parte do ser humano. (p. D9)

3.3 A França e as faltas

A história de buscas e fraturas em nome de uma identidade registrada na Copa do Mundo de 2006 encontrou seu ápice no jogo contra a França. As identidades, como disposto na introdução desse trabalho, são estabelecidas dentro do processo discursivo, mas solidificadas por aquilo que está fora, pelo que marca a diferença. O Brasil perde mais uma vez para a França em Copas do Mundo, e o discurso da falta, atualizado durante toda a competição, é sintetizado na capa do caderno especial da Folha de São Paulo/SP exibida no dia seguinte à eliminação: “Brasil 0 x 1 França”, ao lado da foto do Ronaldinho Gaúcho com as mãos na cabeça no instante final do jogo, e logo abaixo, uma sequência de frases:

sem mágica; sem tática; sem fôlego; sem craque; sem time; sem raça; sem desculpa. Megafavorita ao título no início da Copa, seleção brasileira joga desfigurada, perde para a França pela 3ª vez num Mundial, desperdiça chance única de revanche e é eliminada nas quartas-de-final. (02/07/06)

Horas antes, a *performance* da Seleção Brasileira observada durante a cobertura do fatídico jogo ajudava a desmontar um modelo de Seleção, avalizado

por alguns discursos de ausências que merecem ser examinados de maneira mais minuciosa. A insatisfação com o time brasileiro, nesse jogo, fez-se presente desde o primeiro tempo, quando, por volta dos trinta minutos, numa conversa entre o narrador esportivo Galvão Bueno e os comentaristas Falcão e Casagrande, durante a cobertura feita pela rede Globo, alertavam:

(Galvão Bueno) Casagrande e Falcão: esse ritmo clássico, cadenciado favorece o time francês, o Brasil já não tinha que tentar incendiar o jogo? (Falcão) Claro, claro.. (Galvão Bueno) Então o nome é Robinho! (Falcão) E falta articulação, o Kaká não tá bem no jogo, o Zé Roberto não tá conseguindo jogar [...] aí tem dois jogadores lá na frente, os dois Ronaldos completamente isolados e ninguém sai de trás pra encostar neles.(Casagrande) [...] E tem que ter personalidade e assumir que é umas quartas-de-final e botar o peito pra jogar, não é só ficar olhando o adversário jogar não. Não falta só bola, só movimentação, falta personalidade no time, tem que aparecer, todo mundo joga igual aí, tem que aparecer pro jogo. (1º/07/06)

Tanto a intervenção apresentada quanto a manchete transcrita da Folha de São Paulo/SP do dia posterior à derrota parecem abdicar de uma suposta divisão entre futebol-arte e futebol-força²⁸ para explicar o que faltou. Mesmo listando expressões características de cada lado dessa dicotomia, é na afluência de ambas que se aloja o incômodo e o desencaixe entre o que se esperava e o que foi apresentado. Essa tendência pôde ser destacada também após o gol da França, já no segundo tempo:

(Galvão) Vamos para doze minutos, um para a França, zero pro Brasil. Agora, esse time que chegou aqui como favorito como jamais o mundo viu, tem aí trinta e cinco minutos pra mostrar a que veio. Pra mostrar que tem força, que tem craque, que tem condição. (Casagrande) E tem que ter coragem e atitude também, além de bola. (1º/07/06)

Ao mencionar o favoritismo, o narrador está ligando instintivamente o presente ao passado. Por quais motivos seria favorita a Seleção Brasileira? Em que base esse preceito estaria apoiado? Em estatísticas, por ser mais vezes o País vencedor da competição? Na segurança do torcedor em relação a um estilo próprio de jogar futebol do brasileiro, construído culturalmente ao longo do tempo? Na confiança na formação de um “quadrado mágico” que iria resolver todas as partidas com o talento individual dos craques que justificavam tal escalação? Uma identidade poderia estar assegurada a partir disto? Alguns jogadores, ao tentarem formular as

²⁸ Para entender a construção cultural desta dicotomização, ver GIGLIO, Sérgio Settani. Futebol-Arte ou Futebol-Força. In: DAOLIO, Jocimar (org). Futebol, Cultura e Sociedade. Campinas: Autores Associados, 2005.

explicações da derrota nas entrevistas concedidas aos repórteres após o jogo, apropriaram-se desse “passado” como se fosse algo pré-fixado. Um dos exemplos está na declaração do goleiro Dida: “Eu acredito que a expectativa que criaram sempre é uma coisa muito grande, né? Eu acho que querem que a Seleção Brasileira entre em campo e que consiga fazer sempre 10 x 0 em todas as equipes e não é bem assim” (SPORTV, 1º/07/06). Perante a insistência de um repórter, o jogador Kaká vai além ao responder uma pergunta sobre o que falar para a torcida brasileira num momento como esse, de derrota:

Desculpa né? Porque a gente não conseguiu impor nosso ritmo e eu acho que isso foi o principal no dia de hoje. A gente não foi a verdadeira Seleção Brasileira, toque de bola, agressividade. Claro, teve lances esporádicos no jogo, a gente chegou na cara do gol, mas em momento algum nós fomos a Seleção Brasileira. (1º/07/06)

Acreditar que uma “real” Seleção Brasileira exista é tornar a construção de uma identidade dependente de uma tradição, como a imprensa chegou a fazer durante a Copa do Mundo, admitida agora pelos próprios jogadores. É como se fosse a idealização de uma identidade, ou seja, para ser a Seleção Brasileira, determinados pré-requisitos devem ser preenchidos, ao passo que, se o grupo abdicar algum deles, já não é mais digno de carregar o emblema. Convém lembrar, contudo, que, no entendimento de Hall (2000):

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (p. 108-109)

A imprensa esportiva, nessa tentativa de mostrar como temos sido representados, prossegue um movimento de implosão dessa identidade da Seleção Brasileira encontrando projeções de suas expectativas em outras seleções. À medida que o favoritismo não é confirmado, que o talento individual e coletivo sucumbe, que a falta de atitude é manifesta, a maioria dos discursos midiáticos enfatizam um descompasso, uma decepção com aquela seleção, buscando em outras seleções, as qualidades e virtudes que faltara à brasileira. É disso que fala

Paulo César Vasconcellos²⁹, em um comentário feito após o jogo finalizado, ainda no estádio, durante a transmissão do canal SPORTV:

E quando a gente fala de atitude a gente tá dizendo o seguinte: nós vimos ontem a classificação da Seleção da Alemanha. A Alemanha tava atrás no placar, mas foi uma seleção obstinada que lutou o tempo inteiro, conseguiu o empate, foi pra prorrogação. Hoje, teve a classificação da Seleção de Portugal, Portugal e Inglaterra, a Inglaterra ficou com dez jogadores a partir dos dez, doze minutos do primeiro tempo, perdeu o Beckham que é um dos seus melhores jogadores e lutou, foi ali, persistiu, procurou. Portugal do outro lado sem o Deco que é um jogador importantíssimo, então quando...pra que não fique meio vulgar essa questão “ah, fala de atitude, fala de amor,” não! Há nessa Copa exemplos de seleções que só conseguiram chegar aonde chegaram, coincidentemente eu falei aqui de duas seleções que passaram à próxima fase, a Alemanha na sexta-feira e a Seleção de Portugal hoje, porque se superaram, porque acreditaram, porque doaram, porque não teve nenhum jogador numa cobrança de falta baixado olhando a meia. (1º/07/06)

Deixando de lado momentaneamente considerações sobre a cobrança de uma melhor postura sobre um dos jogadores da seleção – lateral-esquerdo Roberto Carlos –, responsabilizado pelo gol da França, nota-se a transferência para as seleções da Alemanha, da Inglaterra e de Portugal do modo que o Brasil necessitava aparecer para o seu torcedor. A atitude encontrada nessas seleções não se fazia representada no conjunto brasileiro, o que, de acordo com a maioria dos discursos produzidos no campo midiático, foi suficiente para quebrar, para fragilizar, ao menos temporariamente, a identificação do torcedor brasileiro com a sua seleção. Dessa cobertura feita pela SPORTV, o ex-atleta e hoje auxiliar técnico da Seleção Brasileira Jorginho, foi convidado especial e também ratificou essa ausência:

[...] mas tava muito nítido, tava muito claro que faltou isso. A gente não tá aqui querendo julgar ninguém, mas a gente tá só explicando realmente o que que aconteceu. Faltou essa pegada que tinha de sobra na Alemanha. A Alemanha tava no sufoco, perdendo o jogo, mas eles não desistiram em nenhum momento. E a gente não via isso na seleção. A gente via até o desejo do atleta colocar isso em prática, mas não tinha, eu não sei o que que era, mas eles não tavam tendo forças, estarem juntos, não darem as oportunidades que a França teve, por exemplo, no gol do Henry, então é...faltou essa,essa, não sei se seria paixão, mas faltou uma pegada, com certeza faltou uma pegada dentro de campo.(1º/07/06)

Ao longo das análises feitas, fica evidenciado que essa brecha não se restringe ao aspecto coletivo. Aliás, uma hipótese a ser confirmada em melhor

²⁹ Paulo César Vasconcellos é jornalista do canal de esportes SPORTV e comentou os jogos do Brasil nas transmissões desse canal durante a Copa do Mundo de 2006.

estudo diz respeito ao foco tratado na derrota ser mais individualizado em comparação à tendência de se coletivizar a vitória. Numa rápida rememoração, tem-se na história recente das Copas do Mundo, trazendo a década de 90 em diante, elementos que possam comprovar essa hipótese. A derrota de 1990 para a Argentina, que eliminou o Brasil na Copa, mesmo tendo como imagem a jogada desconcertante sobre a defesa brasileira elaborada pela dupla Maradona-Caniggia ficou na história como a Era Dunga³⁰. Já em 1994, mesmo com os holofotes da conquista voltados para Romário, a vitória veio num simbolismo de 24 anos sem o título, o qual foi conquistado tanto pela habilidade do atacante quanto pela recuperação da imagem maculada de Dunga, pela experiência e predestinação do lateral-esquerdo Branco, ao fazer o terceiro gol contra a Holanda, pela comemoração perpetuada do atacante Bebeto, embalando a criança – ou um sonho? –, ao comemorar um gol, ou, ainda, pela importante atuação do goleiro Taffarel nas cobranças de pênaltis na final contra a Itália. Veio, então, a decepção de 1998, na final contra a França, e o que fica para a posteridade como justificativa para a apatia da equipe na derrota é a convulsão do Ronaldo horas antes da partida, fato registrado na época como preponderante para a desmobilização o grupo de jogadores. Já na conquista do penta em 2002, o sentimento de coletividade é explícito na formação da “família Scolari” tratada como fundamental por seus constituintes em oposição a um clamor popular que queria Romário de volta à seleção.

Em 2006, a tendência à individualizar a culpa no momento da derrota volta a ocorrer, como se vê nos depoimentos a seguir mapeados na imprensa televisiva. Como salientado há pouco, essas reflexões são tratadas até então como hipóteses que “torcem” uma responsabilidade na direção de parcelas mais individualizadas. Essa situação toma corpo primeiro, em relação a alguns jogadores, como destaca o seguinte trecho de uma conversa entre Jorginho e o locutor esportivo Luiz Carlos Jr., da SPORTV, durante o intervalo do jogo entre Brasil e França:

(Jorginho) O que me preocupa mais ainda: porque os nossos grandes jogadores, jogadores como o Ronaldinho Gaúcho, essa habilidade, a qualidade, nós esperamos muito e nós queremos que isso aconteça no segundo tempo porque se o Zidane é um craque, o Ronaldinho é muito

³⁰ O capítulo 6, A Nova Era Dunga, tratará com mais intensidade as implicações da Era Dunga para a Seleção Brasileira de futebol.

mais. (Luiz Carlos Jr.) Craque por craque, o time brasileiro tem muito mais. (1º/07/06)

Ainda sobre Ronaldinho Gaúcho, durante os acréscimos no segundo tempo, enquanto a câmera dava um *close* na sua expressão de lamento após desperdiçar uma cobrança de falta próxima à área francesa, que se transformava no último suspiro do sonho do torcedor de, pelo menos, empatar a partida e levá-la para a prorrogação, o comentarista Paulo César Vasconcellos proferiu a seguinte declaração:

Olha, uma Copa desastrosa do Ronaldinho Gaúcho. Entre o que se esperava e o que ele fez, a dívida dele com o futebol e com a Seleção Brasileira é imensa, é imensa, imensa! [Neste momento uma outra câmera focaliza Zidane] Nós vimos esse aí brilhar, esse aí brilhou! Esse jogou o que sabe e mais alguma coisa a caminho da aposentadoria. O outro, jovem, no auge da carreira... – [silêncio] (1º/07/06)

A decepção quanto ao futebol apresentado ou não apresentado pelo craque brasileiro dividiu espaço imediato com a condenação veemente do lateral-esquerdo Roberto Carlos. A responsabilização desse último como um dos pontos cruciais para o fracasso brasileiro na Copa estava à espreita de um lance, de um acaso, de um erro que fosse capaz de desencadear esse processo. E isso ocorreu tão logo saiu o gol francês. Em meio a *replays* do lance, que se repetiam por diferentes ângulos, Paulo César Vasconcellos e Jorginho comentam:

(Paulo César Vasconcellos) Se você for ver, culpar a defesa é um exagero. Olha aqui, olha como é que o Henry tá livre porque o Roberto Carlos tava olhando aqui o joelho, a meia...eu não sei o que que o Roberto Carlos tava pensando neste momento, talvez onde ele vai passar as férias com a eliminação do Brasil na Copa, em algum lugar ele tava pensando, mas não era no lance. (Jorginho) [...] não dá pra entender, é inadmissível o que aconteceu com o Roberto Carlos. Num momento tão importante quanto esse sabendo que a França tem qualidade não pode deixar o jogador livre. (1º/07/06)

Em um primeiro momento, pode-se pensar que essa forma de ponderação seja típica para a situação que acabou de acontecer. Todavia, o apito final do árbitro tratou de superestimar essas análises, dando ao lance e ao jogador a marca da derrota e o peso de ser lembrado como símbolo de uma decepção:

(Luiz Carlos Jr.) Todos nós esperávamos que justamente o peso do jogo trouxesse pra Copa do Mundo esses jogadores que a gente já citou. (Jorginho) Um senso de responsabilidade principalmente pra esse momento importantíssimo. [...] Mas é super difícil pra gente estar falando sobre essa situação, mas é que passa pelo nosso coração essa tristeza por ver alguns atletas completamente compenetrados naquilo que ele tava fazendo e vi outros completamente dispersos. (Luiz Carlos Jr.) Por que que isso

acontece Jorginho, então? (Jorginho) Não dá pra entender, vou te ser sincero, eu não consigo compreender como ex-atleta e como treinador hoje, numa Copa do Mundo um atleta ficar disperso achando que as coisas vão acontecer naturalmente. Isso eu não consigo compreender. (Paulo César Vasconcellos) Eu não consigo entender Luiz, pelo seguinte: Copa do Mundo é o sonho de todo jogador, seja ele jogador da Seleção de Togo, seja ele jogador da Seleção do Brasil. Todo jogador tem um sonho na sua vida, é claro que dar conforto pra família, todas essas coisas, mas disputar uma Copa do Mundo. Então quando você está numa Copa do Mundo, qualquer jogo você tem que estar ligado o tempo inteiro. Se você não está ligado o tempo inteiro você não está na Copa do Mundo e o Roberto Carlos estava se despedindo. Ele hoje encerrou a carreira dele na Seleção Brasileira. [...] Vai ficar marcado como um jogador que estava ajeitando as meias no momento em que o Thierry Henry marcou o gol. (1º/07/06)

Vale destacar que está contido, nessa passagem que mistura palavras de indignação e prenúncio, um discurso de autoridade de um ex-jogador campeão mundial, que, por sua vez, parece tentar desvencilhar-se do propósito de criticar posturas de jogadores, com os quais talvez mantenha laços de amizade, mas que o faz seguindo as dores do seu coração, o que o torna mais próximo da posição de torcedor. Os ataques à postura do jogador Roberto Carlos subsidiaram a formulação de novas avaliações sobre a indiferença que assolou a equipe brasileira, desta vez, com pistas de como essa situação poderia ser resolvida:

(Paulo César Vasconcellos) O que mais me chamou atenção, primeiro foi o lance que deixa aqui o nosso Jorginho perplexo, indignado, vai ser o lance que todo mundo vai comentar pelo resto da Copa do Mundo. O que me chamou a atenção, além da displicência do Roberto Carlos, é que ninguém, ninguém da Seleção Brasileira chegou pra falar com ele depois. Ninguém passou-lhe uma descompostura, botou o dedo na cara, gritou, disse 'vem cá, o que que você tá pensando? O que que tá acontecendo? Você acha que isso aqui é o quê? Que amanhã tem outro jogo e a gente se classifica pra próxima fase?' Não! (1º/07/06)

Curiosa, se não fosse digna de forte significação, é uma frase do próprio Jorginho perto dos 30 minutos do segundo tempo. Curiosa porque parece – e não é – uma resposta à colocação última citada sobre a carência de que alguém tomasse alguma atitude: “Nosso time tá muito bonzinho... tem que alguém reclamar! Eu lembro muito do Dunga nesse momento, como é importante alguém chamar atenção, gritar.” O encaminhamento dado por Jorginho como solução para o fato de que ninguém no time era capaz de chamar a atenção dos jogadores dentro de campo talvez fosse o que o torcedor quisesse ouvir naquele instante de aflição e insatisfação a que assistia. A forte significação que possui é dada pelo que carrega a figura lembrada por ele, Jorginho, a fim de evidenciar o que deveria ser feito. A

indicação surgida num lampejo do ex-colega de seleção traz o nome de Dunga como algo antagônico à passividade demonstrada pela seleção na Copa.

No entanto, a derrota do Brasil para a França e o desastre no Mundial passou por esse e por tantos outros pontos dispersos em justificativas, explicações e faltas. Os registros apresentados neste capítulo não intencionaram, de maneira alguma, encontrar aquele que justificasse tal desempenho; ao contrário, serviram para mostrar a movimentação de uma série de discursos produzidos e circulantes capazes de romperem/comporem uma identidade. Nesse contexto, a derrota como desmanche do sonho do hexacampeonato mundial reserva um capítulo à parte, pois potencializa a constância de uns discursos e a ingerência de outros, sejam eles congruentes ou não. Assim, os discursos que constroem a derrota agenciam a constituição de outras identidades, pois:

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos [...] (HALL, 2000, p.108)

Pelo exposto, conclui-se que, como próximo passo, urge a análise de como o campo midiático fez aparecer determinados discursos identitários ainda a respeito do último jogo, atentando para aquilo que foi dito durante e pós-jogo, sobretudo sublinhando as diferenças específicas existentes no modo de operação da linguagem televisiva e impressa na construção da derrota.

www.folha.com.br/copa2006

copa 2006

FOLHA DE S. PAULO • DOMINGO, 2 DE JULHO DE 2006

Tel: (011) 3113-2200 Fax: (011) 3113-2201
E-mail: esporte@folha.com.br
Serviço de atendimento ao assinante: (011) 3113-3000
Gratuito São Paulo 0800 111 3113
Ombudsman: ombudsman@folha.com.br

**INCLUI
ESPORTE**

FIM

DA ERA CAFU, QUE
JOGOU QUATRO
COPAS, ERGUEU
DOIS TÍTULOS E
SOFREU DUAS
DECEPÇÕES

Pág. 014

O noticiário dos quatro melhores times do mundo rumo à semifinal >> www.folha.com.br/copa2006

BRASIL 0 x 1 FRANÇA

sem **mágica**
sem **tática**
sem **fôlego**
sem **craque**
sem **time**
sem **raça**

sem

desculpa



Ronaldinho,
no instante
do apito fina-
da derrota q
eliminou o
Brasil da Cop

**SELEÇÃO
NOTA 3,9**

Por Tostão, Rost e Juca

Dida

6.

4. DISCURSOS DE UMA DERROTA: a produção discursiva midiática na eliminação do Brasil da Copa do Mundo de 2006

O futebol é uma experiência coletiva moderna que expressa muito das relações sociais e dos modos de subjetivações contemporâneos. Nesse sentido, o que este capítulo propõe é uma análise da produção dos discursos que falaram da desclassificação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2006, especificamente da sua derrota no jogo contra a Seleção Francesa. Parte-se do pressuposto de que a mediação estabelecida com a sociedade confere um grau significativo de participação dos dispositivos midiáticos no estabelecimento não do fato, mas de uma noção de realidade sobre ele. Se, como defende Geertz (1989), numa visão semiótica, a cultura é uma trama de significados incorporada em símbolos e definida não pelo objeto ou ação, mas pelo significado dado pelos indivíduos a esse objeto e a essa ação, supõe-se que os dispositivos se interessam não pela produção de objetos, mas de significados, e, portanto, é preciso atentar ao caráter desses como uma intencionalidade de articular uma concepção a ser ampliada culturalmente pelos diversos grupos sociais:

A produção de sentido/significado é também a produção de cultura, que permeia todas as instâncias de produção, consumo e controle social em qualquer sociedade, simples ou complexa, exprimindo também a produção/reprodução de uma relação de poder, na medida em que atribuir significados implica em 'definir a realidade'. (GASTALDO, 2000, p. 107)

Essa definição de realidade atinge ampla proporção quando nos referimos ao futebol, principalmente a uma Copa do Mundo. O telespectador, o leitor ou o ouvinte de rádio, presente ou não no local em que ela acontece, consome os discursos que são feitos desse acontecimento. A relação entre verdade e discurso está pautada, portanto, mais por uma construção do "acreditar ser verdadeiro", do que a busca propriamente de uma verdade em si. Ao analisar o discurso das mídias, Charaudeau (2006) ressalta justamente essa hipótese, afirmando que:

[...] a verdade não está no discurso, mas somente no efeito que produz. No caso, o discurso da informação midiática joga com essa influência, pondo em cena, de maneira variável e com consequências diversas, efeitos de autenticidade, de verossimilhança e de dramatização. (p.63)

Nesse entendimento, a proposta do discurso midiático está representada pela veracidade não mais do fato, mas da autoridade do enunciado sobre o fato. Assim, este capítulo inicia com o desenvolvimento dessa concepção, utilizando prioritariamente a metodologia da análise de discurso na perspectiva apontada por Michel Foucault. Partindo da compreensão do que vem a ser um discurso focalizando o campo midiático como um lugar de prática discursiva pretende-se, posteriormente, analisar os discursos que trataram da eliminação da Seleção Brasileira. Para tanto, foram selecionadas como fontes a transmissão do jogo entre Brasil e França realizada pelos canais de televisão SPORTV e Rede Globo, e cinco edições, posteriores ao jogo, dos jornais Zero Hora/RS e Folha de São Paulo/SP³¹.

4.1 O campo midiático e os discursos futebolísticos

“Provavelmente aconteceram algumas coisas que nós nunca vamos ficar sabendo” (Jorginho)³². Essa frase, “jogada” entre comentários, é inquietante no que ela desdobra. Partindo do princípio de que não tivemos e nunca teremos acesso à verdade última dos fatos, o que sobra, então, são as criações discursivas que deles são feitas. Isso nos permite dizer que aquilo que vem à luz, que é escrito nas páginas dos jornais ou focado pelas câmeras de televisões são “inverdades”? Isso somente teria sentido em uma perspectiva teórica que postula a existência de um fato que estaria oculto e que caberia ser revelado. Mas, na perspectiva teórica adotada, não há uma essência última do fato por trás da manchete e que deveria se descoberta; o que existem são versões, produções discursivas midiáticas, que não

³¹ Além dessas cinco edições, aparece no artigo uma coluna assinada por Juca Kfoury e outra por Soninha, ambas publicadas em 2007. Diferente das edições do período da Copa, essas duas colunas foram citadas para ilustrar a atualidade do tema da desclassificação da Seleção Brasileira.

³² Frase do ex-jogador da seleção brasileira, hoje atuando como auxiliar técnico do Dunga, durante sua participação como comentarista convidado do canal SPORTV, ao analisar a derrota do Brasil para a França minutos após o término do jogo.

pertenceriam à modalidade do oculto, mas estariam no *murmúrio* entre o dito e o interdito, entre enunciado e enunciação.

Nesse jogo, surge o que se pode chamar de definições da realidade, que tanto exercem seu propósito na tradução do que está acontecendo (a locução do jogo, os comentários instantâneos às jogadas) quanto do que aconteceu (as reportagens pós-jogo, as análises no dia seguinte, o ponto de vista de um colunista). A autoridade do discurso pronunciado pela imprensa esportiva confere um grau de apropriação e circulação significativos no meio sociocultural. É interessante lembrar que, ao trabalhar com o discurso midiático, está se propondo um nível de apropriação do esporte que não é único. Ao ponderar sobre o esporte moderno e suas relações sociais, Eco (1984) distingue quatro planos de análise. Afora o primeiro, que é o praticado em primeira pessoa, todos os outros três níveis tratam do esporte enquanto espetáculo, pois a eles são acrescidos especulações, transações, comércio, entre outros. O segundo plano, que o autor denomina de esporte ao quadrado, acontece quando este se torna o próprio espetáculo a ser visto. E acrescenta:

Mas esse esporte ao quadrado engendra um esporte ao cubo, que é o discurso sobre o esporte enquanto assistido: esse discurso é em primeira instância o *da* imprensa esportiva, mas engendra por sua vez o discurso *sobre* a imprensa esportiva, e, portanto um esporte elevado à *enésima* potência. (p. 223).

O consumo crescente desse esporte ao *cubo* e à *enésima* potência tem como grande fatia o futebol, e, de quatro em quatro anos, o bolo passa a ser a Copa do Mundo. É durante esse evento que as grades de televisão sofrem alterações e passam a incluir debates esportivos, mesas-redondas, resumos da Copa, além da transmissão sistemática em canais abertos e fechados dos jogos de outras seleções. Os encartes especiais sobre o evento esportivo publicados pelos jornais impressos, geralmente, não se resumem às avaliações técnicas e táticas das seleções por parte de seus redatores e colunistas. Soma-se a isso a cobertura dos *VIPS*, os bastidores, a divulgação turística do local/país que recebe o evento, em meio a outros assuntos.

Todo esse consumo ainda recebe o reforço da própria movimentação social que exhibe suas particularidades nesse “ser coletivo” que propõe o enfrentamento

entre nações. A ideia de construção de um sentimento de nacionalidade, de brasilidade está colocada pela noção de pertencimento que uma camiseta, uma bandeira, um adorno verde-amarelo, uma reunião de amigos num bar ou em casa, um aglomerado em praça pública, enfim, tudo aquilo que material ou simbolicamente tal posição de “ser brasileiro” sugere. Esse processo evidencia o funcionamento de uma relação *metonímica* (GUEDES, 1998) entre Brasil e Seleção Brasileira durante a Copa do Mundo, na qual o selecionado brasileiro passa a ser o Brasil; assim, de certa forma, é o Brasil que passa a ser o derrotado ou o vencedor. Copas do Mundo passadas, como a de 1950, disputada no Brasil, e o tricampeonato conquistado em 1970, no México, são dois exemplos de cadeia nacional encerrando-se em diferentes obliquidades, sendo a primeira estampada pelo sentimento da derrota, e a segunda, pelo triunfo. Os resultados obtidos pela Seleção Brasileira têm e tiveram concatenação imediata no imaginário social, na imprensa, nos livros sobre o assunto e são utilizados “naturalmente” como parte de uma (re)configuração de uma determinada identidade. O sentimento coletivo da vergonha e da decepção, como síntese da fraqueza ou do orgulho, e da vitória, como expressão de vencedor, pertence a esse universo oscilatório da identificação, do pertencimento. Não obstante, a última Copa do Mundo, disputada na Alemanha, projeta-se como mais um capítulo desse cenário, pois é preciso que se mantenha a percepção de que as derrotas também mobilizam uma série de discursos constitutivos de um acontecimento, ou mesmo de um período³³:

A derrota desencadeia um processo de acusações, de culpabilizações, que se constitui em riquíssimo material de análise, pois tem o potencial de atualizar tudo o que divide a sociedade brasileira. [...] Mas as derrotas não são, de modo algum, ignoradas ou relegadas ao esquecimento: compõem a memória brasileira das Copas do Mundo, enquanto dramas nacionais, de intensidade diversa. Propiciam, também, a vivência de uma outra dimensão da solidariedade moral: a que se dá pela dor comum. (GUEDES, 1998, p. 54-55)

A partir disso, pode-se problematizar questões como: Que relações as mídias estabelecem com esses acontecimentos esportivos? Quais os discursos que

³³ Nelson Rodrigues foi talvez um dos autores que mais enfatizou as relações e os vínculos existentes entre a Seleção Brasileira e o cidadão brasileiro. Para ele, o período que vai da derrota da Seleção Brasileira em 1950 ao tricampeonato de 1970, corresponde à passagem de um povo marcado pela baixa autoestima, para um povo que passou a ter orgulho de ser brasileiro. Mais considerações sobre colocações e as metáforas feitas por Nelson Rodrigues podem ser encontradas em suas crônicas compiladas nos livros: “À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol” (1993) e, “A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol” (1994), ambos da Editora Companhia das Letras.

ela produz, multiplica, ou faz proliferar? E, ainda, que efeitos de verdade esses discursos possuem? Porém, considerando que os sentimentos de pertencimento produzidos pelas seleções nacionais, em especial as das Copas do Mundo de futebol, podem ser caracterizados como fenômenos socioantropológicos ainda em curso, em ebulição, somos impelidos também para uma reflexão sobre os processos de configuração e (re)configuração da nossa subjetividade, em especial sobre a relação que nós, brasileiros, estabelecemos com o futebol, com a Seleção Brasileira e com o nosso país.

Transitar pelas páginas dos jornais e pelas imagens da televisão indica uma forma de mapear discursos que nos levam a questionar sobre como temos sido pensados, representados e produzidos. O campo midiático multiplica seus comentários, desmembra suas análises, estilhaça opiniões, não oferece uma unidade no seu discurso. Desse modo, como disse Michel Foucault, (1998, p. 32) “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem.”

4.2 Discursos, imagens e emoção

“Aí vêm eles! Vamos lá! Agora gente sem sorriso, hein! Agora tem que ser cara de mal, vamos lá pra encarar os franceses!”(Galvão Bueno).

O tom dessa frase, pronunciada simultaneamente à entrada das seleções do Brasil e da França no campo, naquele 1º de julho de 2006, denota a entonação “torcedora” dos locutores e comentaristas. Fazer parte da coletividade em voga nesse período esportivo torna-se quase uma atitude “natural” pelo envolvimento emocional ali demonstrado, afinal de contas, somos *nós* que vamos encarar os franceses.

A comunicação do locutor em tempo real, procurando traduzir para o público o que está se passando em campo, abre espaço para o envolvimento emocional, deixando a imparcialidade em segundo plano. A linguagem da televisão trabalha o tempo todo com a intuição, com o “dizer já”, com a instantaneidade da imagem, da

informação, do comentário, da narração, o que faz com que o locutor, muitas vezes, confunda-se com o telespectador, com o torcedor. Assim, o ofício de locutor e/ou comentarista, além das competências técnicas, adquire o tom passional e parcial de um torcedor, e, quando a vitória não acontece, emocionalmente envolvidos, eles não se furtam de tentar encontrar os culpados pela sensação coletiva de impotência, criada pela derrota.

A respeito dessa linguagem televisiva movida por uma parcialidade consentida, Gastaldo (2000) afirma que:

[...] o discurso do locutor de um jogo de futebol da seleção em uma Copa do Mundo torna-se uma fonte oral rara dentro do campo discursivo jornalístico, permitindo uma análise dos mecanismos de articulação de significado e, por conseguinte, de definição de realidade, não apenas dos fatos do jogo, mas de tudo o que de simbólico um jogo do “Brasil” representa para a sociedade brasileira. (p. 111).

A narração da derrota para a França na Copa de 2006 traz algumas passagens que evidenciam um pouco como certos comentários e interpretação do jogo extrapolam em muitos aspectos técnicos e táticos do futebol, inclusive fazendo relações entre os jogadores e o “ser brasileiro”. Ainda no primeiro tempo do jogo, inconformados com o desempenho da Seleção Brasileira, o narrador esportivo Galvão Bueno e o ex-jogador e comentarista Casagrande (Rede Globo), proferem, respectivamente, as seguintes frases: “Mas o Brasil é sempre assim, né, tem o talento individual pra resolver a qualquer momento.”; “A França passeia em campo, o Brasil tem que ter atitude, senão vai ficar ruim.” Se, por um lado, havia a expectativa de que habilidade individual do brasileiro poderia resolver, por outro, havia a reclamação da falta de força coletiva do brasileiro para mudar o norte dos acontecimentos.

Avaliações como essas estavam presentes na maior parte da transmissão, ora se referindo aos jogadores, ora incluindo também a comissão técnica. A passividade da Seleção Brasileira foi sendo identificada não só dentro das quatro linhas, mas também à beira do gramado, ainda numa tendência de individualizar os responsáveis na hora da ruína. Ao dominar uma bola no campo de ataque, Ronaldinho Gaúcho foi imediatamente cercado por três defensores da França, o que ocasionou a perda da posse de bola sem que ele tivesse a ajuda de nenhum

companheiro de time. Essa situação, ocorrida na metade do segundo tempo, período em que ficava cada vez mais viva a chance do Brasil se despedir da competição, mereceu comentários indignados na transmissão da Rede Globo:

(Galvão Bueno) E ninguém encosta, ninguém se aproxima dele, é impressionante, é um outro esporte que não é futebol porque futebol é coletivo. [...] Confesso que nunca vi isso em jogo nenhum de futebol. (Casagrande) Nem eu, eu nunca vi uma equipe tão entregue, parada, não se apresenta, falta de personalidade, falta de participação...até do banco, do Parreira... (Galvão Bueno) O Parreira tá parado na lateral do campo olhando e sem nenhuma reação. (Casagrande) E normalmente a equipe é a cara do treinador e ele tá passivo e a equipe tá passiva em campo também. Não tem atitude de ninguém. (1º/07/06)

Conforme o final do jogo se aproximava e a eliminação brasileira se concretizava, os comentários de análises técnico-táticas cediam espaços para os exames de conduta e de postura dos jogadores, atitudes características de torcedor.

(Galvão Bueno) É torcedor brasileiro, nenhum chute a gol! (Falcão)³⁴ Além disso [...] o futebol da Seleção quando tem a bola é irritante e quando não tem é mais irritante ainda porque não consegue tirar a bola do time francês [...] como tá o jogo, a França tá muito mais perto de fazer o segundo gol do que a gente do empate, mas a gente acredita ainda que algum talento possa aparecer. (1º/07/06)

Mas, não se pode negar que a postura adotada por essa imprensa não ficou apenas no terreno da crítica. A busca de uma saída para o que estava acontecendo parecia ser a missão a ser cumprida frente à falta de atitude daqueles que eram responsáveis por incentivar tal ação. A dor da derrota iminente gerava o incômodo de que algo precisava ser feito, de que algum ato ainda poderia alterar o curso da história do jogo e evitar a agonia e a amargura do fracasso. Ao solicitar insistentemente uma mudança³⁵, as narrativas televisivas do jogo, sobretudo após o gol francês no segundo tempo, carregavam em si uma exigência de torcedor, ápice de uma angústia ilustrada pela distância entre o que se esperava que acontecesse e o que estava acontecendo. Vejamos mais alguns comentários a esse respeito:

(Casagrande) Olha aí o torcedor brasileiro chorando...tá na hora de mexer, eu faria duas alterações de uma vez. (1º/07/06)

(Falcão) E o Parreira tem que mexer urgente, o time tá parado, o time se entregou em campo (Galvão Bueno) O time tá abatido! (1º/07/06)

³⁴ Paulo Roberto Falcão, ex-jogador e ex-treinador da Seleção Brasileira de futebol, comentarista da Rede Globo durante a Copa do Mundo de 2006.

³⁵ A mudança mais significativa comentada e “pedida” pelos locutores e comentaristas era a entrada do jogador Robinho, fazendo eco aos gritos e cartazes da torcida no estádio, e, porque não dizer, fazendo eco às próprias vontades como torcedores.

(Tino Marcos)³⁶ E a torcida pede Robinho (Galvão Bueno) [...] E o Parreira continua parado, vejo o Parreira parado na lateral de campo. (Falcão) Nós também queremos o Robinho! (1º/07/06)

(Paulo César Vasconcellos) O Parreira tá vivendo a seguinte situação: ele precisa neste instante da partida botar alguns no banco, tirar alguns medalhões. (1º/07/06)

Após a mudança se efetivar e permanecer o resultado negativo, ao se aproximar o final do jogo, a passionalidade acentuada durante quase toda a transmissão da partida começou a ceder lugar para discursos com tons mais racionais que visavam à explicação da derrota. No canal SPORTV, foi possível assistir à seguinte intervenção feita pelo repórter e apresentador Marcelo Barreto, após a eliminação do Brasil ser efetivada:

É um momento de, principalmente, de observar e de refletir. O que as pessoas cobram de todos nós, de comentaristas, narradores, de jornalistas, quem lida com a opinião, é a coerência. É hora de olhar pra trás e ver se de tudo o que a gente falou ao longo da Copa do Mundo se realizou nessa eliminação do Brasil. [...] Tudo isso [...] eu acho que é o que vai balizar nosso pensamento nos próximos dias. Eu fiquei ouvindo algumas coisas ali dos torcedores, é preciso estar atento, né? A gente precisa estar atento ao pensamento do torcedor nesse momento e os torcedores estão, nesse momento, magoados, botando parte da culpa no técnico Parreira e parte da culpa também nos jogadores brasileiros falando ali da falta de atitude. (1º/07/06)

Após o término da partida as análises mais imparciais voltaram a ocupar os espaços da imprensa esportiva, tentando mapear e elucidar as possíveis razões que determinaram a derrota brasileira. O locutor, o apresentador e os comentaristas esforçavam-se para se diferenciar do torcedor, para não mais fazer parte do *nós*.

4.3 Explicações para a derrota

“Agora acabou” (Tostão)³⁷

A busca de explicações para a derrota é o que predomina largamente nas matérias e reportagens da imprensa escrita após o jogo. Escritas sem o calor e a

³⁶ Tino Marcos é repórter da Rede Globo e estava credenciado a realizar cobertura no campo durante a partida.

³⁷ Título-manchete da coluna do ex-jogador e colunista Tostão na Folha de São Paulo do dia 02 de julho de 2006, um dia após a derrota do Brasil diante da França.

instantaneidade do jogo, elas procuram se utilizar mais de elementos da ordem racional do futebol, como as explicações técnicas e táticas, para tentar nomear as causas da derrota.

Apesar de também estar pautada pela dor da derrota, a imprensa escrita, por estar mais afastada da posição de torcedora, consegue preservar um considerado distanciamento emocional sobre o ocorrido. O tempo decorrido entre o final do jogo e o início da escrita da reportagem, da crônica ou da coluna é determinante nesse processo, visto que o jornal não irá narrar o jogo, mas fazer considerações a respeito dele. Mesmo assim, o torcedor espera que se “fale” mais, que surjam pontos de vista que possam reproduzir aquilo que ele gostaria de falar, que a *falação esportiva* tome corpo naquilo a que ela se propõe: uma apropriação e uma difusão de inúmeras hipóteses provenientes de múltiplos discursos.

A própria história do jornalismo impresso deve ser considerada ao pensarmos na sua linguagem atual. Surgido muito antes da televisão, o jornal tinha por função narrar os fatos, noticiar os acontecimentos, informar à população, que, por sua vez, elevava esse veículo a um *status* significativo de comunicação. O advento da televisão balizou uma reinvenção do trabalho nas linhas editoriais dos jornais, pois não havia mais a necessidade de repetir fielmente o que se via na tela. O interesse das redações em manter os jornais com grande inserção social era repetir a notícia, porém dando a ela um maior grau de investigação, de criticidade e de espaço para o colunista, constituindo-se, dessa forma, no diferencial entre a concorrência³⁸.

³⁸ José Carlos Marques (2005) faz uma análise dessas mudanças apontando a década de 70 como o início desse processo no meio jornalístico. Do tricampeonato mundial (conquistado pelo Brasil no México) em diante, o crescente investimento dos canais de televisão nas transmissões de Copa do Mundo provocou alterações substanciais nas coberturas feitas pelo jornalismo impresso. Em outro artigo no mesmo ano intitulado “A literatura invade a grande área (a crônica durante as Copas do Mundo de Futebol)”, Marques focaliza a década de 90, especificamente, como o período que desencadeou o processo de proliferação de escritores e colunistas inflacionando os cadernos esportivos. Destaca o envolvimento de grupos distintos nos jornais em períodos de Copa do Mundo, entre eles: o grupo dos jornalistas que normalmente cobrem a área esportiva; o grupo de jornalistas que são arrastados de outras áreas como a política e economia; o grupo de colunistas sociais que cobrem o glamour do evento; o grupo de convidados especiais de áreas como a literatura, música, cinema que já escrevem suas colunas em diferentes jornais; grupo de personalidades da política ou do futebol que não participa normalmente da mídia impressa, etc.

Nas últimas Copas do Mundo a presença desses colunistas cresceu de maneira desmedida. No Brasil, por exemplo, se observa que muitos jornais ampliam suas equipes de trabalho com personalidades oriundas de outras áreas como a música, o cinema e a literatura, ou até mesmo do universo do futebol, como convidados especiais.³⁹ A reação dos jornais a uma tendente supremacia da televisão e, atualmente, da internet, na cobertura desse e de outros eventos esportivos fez com que os escritores jornalísticos se expusessem com textos mais subjetivos e opinativos sobre os “fatos”, estilhaçando, por exemplo, a derrota do Brasil para França em mil discursos.

Retomando a epígrafe dessa seção e seguindo o que Tostão escreveu para a Folha de São Paulo um dia após a eliminação do Brasil na Copa da Alemanha, temos o seguinte trecho:

Sei que muitos leitores gostariam que eu escrevesse que os jogadores não se empenharam, pois estão ricos e famosos, que as estrelas são atletas enganadores, que os veteranos não conversavam com os novos, que a patrocinadora da seleção escala o time e outras coisas desse tipo. Estou também indignado, mas não posso criticar baseado em suposições. Prefiro criticar o que vi e percebi, como os treinos diários com os jogadores fora de posição e em um campo pequeno. Isso não tem nada a ver com uma situação de jogo. (02/07/2006, p. D3)

Ao priorizar somente questões pontuais dos treinos que ele, Tostão, diz ter visto, sua análise se torna tão parcial e válida quanto qualquer outra que, diferente dele, priorize outros aspectos que não os treinos. Ainda no dia seguinte à derrota, outros dois colunistas fixos do jornal gaúcho Zero Hora, Wianey Carlet e Ruy Carlos Ostermann, publicaram suas versões que, como podemos observar, sugerem explicações diferenciadas:

A França jogou melhor, dando uma aula de organização tática e excelência técnica. O Brasil foi um acúmulo de fracassos individuais. Parreira começou o Mundial jogando no esquema 4-2-4, ontem evoluiu para o 4-3-3 e volta pra casa sem ter chegado ao 4-4-2. Levamos para a Alemanha, além da nossa histórica soberba, quando se trata de futebol, um conjunto de ex-jogadores que só foram titulares para que alcançassem records individuais, que pouco ou nada interessavam ao Brasil. (CARLET, 02/07/2006, p.13)

³⁹ Na Copa do Mundo de 2006, por exemplo, a Zero Hora/RS contou com a coluna diária do escritor gaúcho Luis Fernando Veríssimo assim como do ex-jogador e irmão do Ronaldinho Gaúcho, Assis. Aliás, o laço afetivo com uma das referências da seleção brasileira possibilitando uma porta de entrada nos bastidores foi o que talvez tenha sido definitivo no convite ao ex-jogador.

A França conseguiu marcar avançadamente sem deixar as costas livres. Ao avançar Zidane, o técnico deu outra constituição tática e qualidade ao time da França. [...] A França toda com Zidane teve ritmo, força, ousadia, marcação, fez o gol. Não há menor dúvida sobre a validade, sobre a justiça da vitória francesa. A França foi melhor. (OSTERMANN, 02/07/2006, p. 13).

É preciso que se diga que ambas notadamente partem de uma mesma suposição, ou seja, o primor tático foi o fiel da balança. Mas são os desdobramentos que as diferenciam: enquanto a primeira faz referência a interesses particulares de alguns jogadores brasileiros – ou ex-jogadores, como aponta – se sobrepondo aos interesses de ordem coletiva como o ponto crucial para a derrota, a segunda opta por qualificar o adversário, mesmo que exaltando o mérito individual de um jogador (Zidane), deixando claro que existia um time do outro lado, e, por mais que o Brasil não tivesse feito por merecer sua classificação, a França o fez.

Marques (2005), ao estudar as particularidades históricas da imprensa esportiva em Copas do Mundo e fazer considerações a respeito da mídia impressa, afirma que:

A primazia de poder eleger temas e ângulos de discussão é levada assim às últimas conseqüências pelos colunistas e cronistas, que acabam assumindo, mais do que meros repórteres ou redatores, a imagem dos depositários da sabedoria milenar. Colunas e crônicas passam a representar uma espécie de oráculo, de consulta esotérica, que o leitor visita cotidianamente para referendar ou contrastar suas próprias opiniões. (p. 170).

Dedicados às análises de cunho técnico e tático ou de caráter mais universais, os escritores de jornais assumem, nessa tendência, posições de agentes do espetáculo. Agentes que, como estratégia e marca, procuram ocupar sempre o mesmo lugar no jornal (página e “canto”). Dessa forma, localizam o leitor, esteja ele interessado em saber as justificações apresentadas acima do placar, os bastidores do jogo com a movimentação dos jogadores e/ou personalidades, ou ainda, os casos e curiosidades em torno do lugar onde acontece o evento/jogo.

4.4 Ainda sobre a derrota

Pelo significado sociocultural e pela legitimidade e prestígio que gozam dentro do universo futebolístico, os episódios que fazem parte de uma Copa do Mundo se tornam acontecimentos quase inesquecíveis. Mesmo após encerrado o evento, muitos acontecimentos voltam à baila de diversas maneiras, em diferentes contextos. Exemplo disso foi a entrevista concedida em agosto de 2007 pelo presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, na Suíça, enquanto oficializava a candidatura do Brasil para sede da Copa do Mundo de 2014. Na oportunidade, ao responder a um questionamento sobre a atuação do Brasil na Copa da Alemanha, mostrou-se resignado com a derrota brasileira, afirmando que os jogadores não poderiam ter sucesso em um ambiente caracterizado por festas e bebidas. Além disso, como estratégia para se desonerar da culpa do resultado, adicionou a seguinte pergunta: “como ninguém via isso?”⁴⁰

O fato, como não poderia deixar de ser, não passou incólume nas páginas dos jornais. Novamente se assistiu, ou melhor, pôde-se ler um dilúvio de interpretações que vieram lembrar as culpas e levantar novas suspeitas sobre as razões pelas quais o Brasil não foi hexacampeão mundial. A colunista Soninha, no dia 07 de agosto de 2007, escreveu na Folha de São Paulo, em seu espaço semanal, um texto sob o título “O porre e o esculacho: o Brasil não perdeu a Copa do Mundo por culpa de um porre, mas do descontrole geral. Que não era segredo”, no qual problematiza as afirmações de Ricardo Teixeira a partir da seguinte declaração:

O Brasil não perdeu a Copa porque, em um dia de folga (presumo), um ou mais jogadores se excederam e acordaram de ressaca. E nem perdeu porque Ronaldo se apresentou bem acima do peso. Também não foi a meia do Roberto Carlos ou a venda de ingressos para treinos em Weggis o que causou a eliminação ridículamente precoce. Foi isso tudo junto, e principalmente o que levou a isso. [...] No jogo de cartas, quando alguém pergunta “de quem é a vez?”, é comum a resposta ser “de quem pergunta”. Quando Ricardo Teixeira indaga, perplexo, ‘como é que ninguém viu isso’, como é que ninguém impediu que a preparação em Weggis se transformasse em (mau e inútil) espetáculo e como é que a comissão técnica não percebeu que alguns jogadores estavam longe das condições

⁴⁰ A coluna de Juca Kfoury na Folha de São Paulo do dia 05/08/07, além de seus comentários, reproduziu trechos da entrevista que Ricardo Teixeira havia concedido no dia anterior. A coluna destacou duas declarações: “Tinha jogador que chegava entre as 4h e as 6h da manhã bêbado”; “Era óbvio que aquilo não ia funcionar. Como é que ninguém via isso?” (p. D4)

ideais (físicas, técnicas, psicológicas) para disputar uma Copa do Mundo, a situação é análoga: quem tem de responder isso é quem pergunta... (p. D3)

Após mais de um ano do fracasso em campos alemães, o tema continua a transitar pela imprensa esportiva servindo de matéria-prima para colonistas e jornais, que se mantêm à espreita de qualquer depoimento, de qualquer revelação que seja capaz de incitar outras versões ou outros discursos sobre o episódio.

Com o tempo, o retorno ao acontecimento se estabelece como um modo de obter alguma novidade, algo que ainda não se tenha lido sobre os reais motivos do fraco desempenho da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2006. E foi com esse propósito, declarado na chamada do programa, que, exatamente no dia 02 de janeiro de 2008, o canal SPORTV gravou um de seus programas especiais de férias, convidando para uma entrevista o então técnico da Seleção Brasileira na Copa de 2006, Carlos Alberto Parreira. A entrevista foi concedida no programa Redação SPORTV apresentado pelo jornalista Marcos Uchôa e que contou com a participação de Vitorino Chermont, Lúcio de Castro e Rui Guilherme, todos pertencentes à emissora. A transcrição editada da entrevista é válida pela diversidade e riqueza de conteúdos que nortearam a conversa:

(Vitorino Chermont) Muitas vezes quando o tempo depois do fato faz com que a gente olhe para aquele fato de uma forma diferente. Hoje, olhando para 2006, como é que você enxerga tudo que aconteceu naquela Copa do Mundo? [...]

(Parreira) [...] Se a Copa do Mundo fosse três meses depois da Copa das Confederações, o Brasil teria sido campeão do mundo. [...], mas só que entre a Copa das Confederações e a Copa do Mundo houve um espaço de um ano e em um ano muda muita coisa na vida das pessoas, e aquela seleção mudou. [...]. A química da vitória não tava ali, não tava instalada. [...]

(Lucio de Castro) Mas ali você já tinha a percepção de que isso tava acontecendo, que a química não era a mesma ou você só teve depois?

(Parreira) Lá dentro a gente sentiu que...o Ronaldo chegou fora de forma porque ele ficou dois meses sem jogar no Real Madrid. O Adriano chegou, na verdade também fora de forma, não tava jogando, fora do peso. Então, a gente teve quinze dias pra tentar ajustar isso tudo, então a liga, a tal da liga que o americano chama muito de *chemistry*, e é verdade, é no esporte, é no amor, é no trabalho, a gente não tinha aquela liga importante. Aí veio aquele problema de treinar na Suíça, aquela preparação ali [...] Então houve, em 2006, uma série de fatores que não contribuíram. Culpa da comissão técnica? Do grupo de jogadores? Culpa do entorno, dos eventos? [...]

(Rui Guilherme) Eu vou voltar mais atrás. Em 90, a Seleção Brasileira já saiu derrotada do Brasil. Sai derrotada por quê? O episódio da mão no peito, em Teresópolis na Granja Comary sobre o patrocínio. Em 94, a seleção foi reformulada, ainda tinha o Dunga que tinham dito que a era dunga tinha terminado e pra mim, foi um dos grandes responsáveis pelo jeito do Dunga ser, pela forma de ser e o Parreira sabe disso, de conduzir,

de dar aquela energia a uma equipe [...]. Mas o Brasil tinha o Dunga. Em 98, teve aquele episódio do Ronaldo na decisão contra a França. Em 2002, nós tivemos o Luis Felipe Scolari, que tinha o jeito dele de comandar a Seleção Brasileira. E em 2006, na minha opinião, acompanhando a Seleção Brasileira lá, faltou um cara, que é hoje o atual técnico da seleção, faltou como jogador, que é o Dunga. Essa química que o Parreira falou que faltou à equipe em 2006, aquele espírito, aquele, aquele elo que faltava à Seleção Brasileira teve em 94 [...].

(Rui Guilherme) "Acho que faltou um Dunga à Seleção Brasileira em 2006, um espírito do Dunga, de garra, passar isso para o atleta.

Jogadores fora do melhor condicionamento físico, treinamentos mal executados, falta de química entre os jogadores, distanciamento entre a Copa das Confederações e a Copa do Mundo, que determinou alterações na vida dos jogadores, complicação de chegar favorita à Copa, a ausência de um "Dunga", enfim, em poucos minutos um arsenal de justificativas é disposto em forma de discursos que, ainda que um ou outro aparente ser novo, ninguém consegue saber a origem, adquirindo a configuração de um "diz-se".

4.5 Por uma polifonia discursiva

Neste capítulo, a análise centrou-se especificamente no campo da produção midiática, ou seja, como são construídos os discursos compostos por textos escritos, (jornais) orais (locução e comentários) e imagéticos (transmissão de jogos), sem adentrar no campo da recepção desses discursos. Assim, tomando como recorte empírico o jogo que desclassificou a Seleção Brasileira da Copa de 2006, procurou-se mostrar um pouco sobre como o campo midiático funciona, como ele lança mão de estratégias políticas, técnicas e discursivas para falar, para ser ouvido e para ser visto. Constata-se que, diferente do que muitos pensam, ele (o campo midiático) não está empenhado na reprodução de um único discurso, pelo contrário, é através da produção e da disseminação de uma polifonia discursiva que ele interage e intervêm nas subjetividades do público. Especificamente sobre o jogo analisado, identifica-se a existência de uma diversidade de discursos no que se refere ao conteúdo e às estratégias e estilos discursivos, o que desacomoda qualquer intenção de se chegar a uma única versão para o fato ou mesmo de se buscar uma metanarrativa. Essa situação, de certa forma, se aproxima de um ponto da análise do discurso feita por Foucault, quando ele assinala que "há muitos textos maiores que se dispersam e

desaparecem, e há comentários que por vezes vêm ocupar o lugar primordial." (1998, p. 13).

Essa multiplicidade de discursos e enunciados que funcionam individualmente e em rede não foram aqui tratados como meras interpretações de um mesmo acontecimento; ao se tomar a linguagem em sua perspectiva performática, criadora de realidade, no sentido que assinala, por exemplo, Wittgenstein (1979)⁴¹, considera-se que esses discursos produzem efeitos de verdade,⁴² constituindo-se eles próprios em expressões das causas e dos significados daquela derrota.

⁴¹ Sobre a linguagem na perspectiva de Wittgenstein, Derrida e outros, consultar o artigo "Os desafios da Linguagem" de Débora Cristina Santos e Silva, 2008.

⁴² O conceito de verdade está sendo utilizando também na perspectiva que o concebe Michel Foucault: verdade na contingência, como construções históricas. Para Foucault, as verdades são mundanas, fabricadas, criadas, e não descobertas, a partir de certas condições de possibilidade, certas "ordens de verdade", que os diferentes contextos históricos instituem e legitimam. Maiores considerações sobre como esse autor lida com a questão da verdade, ver, do próprio autor, "A Verdade e as Formas Jurídicas", 1999. Ou, ainda, o artigo de Salma Tannus Muchail; "A produção da verdade", 2008.

PÔSTERES ★ TIME DOS SONHOS DO FLU E
INTER CAMPEÃO DA RECOPA 2007

LÚCIO FLÁVIO, RENATO E
LEANDRO AMARAL:
**INFERNO EM SP,
PARAÍSO
NO RIO**

EXCLUSIVO
RINCÓN,
O DRAMA DE
UM ÍDOLO
PRESO

WWW.PLACAR.COM.BR

PLACAR



ONDE foi parar a SELEÇÃO

DESDENHADA PELOS CRAQUES,
DISTANTE DOS TORCEDORES
E SUPEREXPOSTA PELA CBF
A **"AMARELINHA"** DESBOTOU

**TADDEI,
AFONSO
ALVES,
EMERSON,
MARCELO
RAMOS,
A CRISE DA
CAMISA 10,
O RANKING
DO ESTRESSE...**

ED 1308 • JULHO 2007 • R\$ 8,99



5. UMA DEMANDA DISCURSIVA INACABADA:

A Copa América de 2007 e a afirmação de uma nova Seleção Brasileira

Passado um ano do trauma (drama) da eliminação na Copa do Mundo da Alemanha, a Seleção Brasileira volta a disputar uma competição oficial, dessa vez em alcance menor, que é a Copa América de 2007. Ainda assim, a expectativa gerada pela imprensa esportiva em torno daquilo que a Seleção Brasileira era capaz de apresentar, a partir das alterações realizadas, começando pela provação do novo técnico – Dunga –, indicava a importância dessa competição num cenário de reconstrução de um modelo para a equipe brasileira.

Movido pelas indagações de quais são os efeitos de um processo não mais de desconstrução, mas de afirmação de um estilo possível para a Seleção Brasileira; assim como de que maneira o campo midiático trabalhou na produção de discursos num momento de positividade como endereça a Copa América, este capítulo está pautado pela análise dos discursos postos em circulação em meio à realização desse torneio tendo, por referência, o que sobrou da Copa do Mundo e que continuam a ocupar os canais de visibilidade. Para tal, será operacionalizado, num primeiro momento, o conceito de interdiscursividade mostrando um modo de captar as diversidades contidas nos discursos proferidos pelas diferentes posições-de-sujeito a respeito do papel da Copa América 2007. Na sequência, será analisado a forma como a imprensa esportiva tratou o jogo da final entre Brasil e Argentina, clássico Sul-Americano que traz, consigo, uma rivalidade histórica capaz de fazer aflorar os mais diferentes sentimentos de identidades e de diferenças (alteridade), tanto na imprensa brasileira como na argentina⁴³. E por fim, a partir do entendimento

⁴³ Alteridade, segundo Hall, é o par do conceito de identidade. Tomada como diferença, como um tensionador da identidade, do mesmo, representa o outro e aqui, a Argentina pode ser pensada como o outro no futebol Sul-Americano não somente pela rivalidade, mas também por ser uma escola futebolística bastante diferenciada da brasileira.

do campo midiático como criador de um discurso próprio, salientar o quanto a constituição discursiva midiática se torna uma demanda permanentemente em aberto, nunca satisfeita.

Para a realização deste capítulo foram utilizadas como fontes: a transmissão pela Rede Globo do jogo de estreia, Brasil e México no dia 27 de junho de 2007; a transmissão pela Rede Globo da final entre Brasil e Argentina no dia 15 de julho de 2007; a totalidade de edições dos jornais Zero Hora/RS e Folha de São Paulo/SP abrangendo desde o primeiro jogo até três edições posteriores à final da competição; a Revista Placar do mês de julho de 2007; assim como matérias colhidas de observações assistemáticas em *sites* de esportes nos meses de maio a julho de 2007.⁴⁴

No intuito de contextualizar o momento histórico vivido pela Seleção Brasileira, cabe ressaltar que, às vésperas do pontapé inicial dessa competição, disputada na Venezuela, a Revista Placar, na edição de julho de 2007, trouxe como matéria de capa a seguinte manchete ao lado da imagem da camisa oficial jogada na lata no lixo: “Onde foi parar a seleção. Desdenhada pelos craques, distante dos torcedores e superexposta pela CBF a ‘amarelinha’ desbotou”. Nas páginas correspondentes, trazia o seguinte trecho logo na abertura:

Não faz muito tempo, o máximo para um jogador de futebol era vestir a camisa da seleção de seu país. Ao ser convocado, o jogador ganhava um carimbo de excelência que o acompanharia para além da aposentadoria. Entre esses eleitos, de todas as nacionalidades, a mais alta honraria pertencia aos brasileiros: vestir a mais mítica camisa de futebol do mundo, a “amarelinha”. Hoje esse amarelo desbotou, superexposto ao sol da ganância, torcido pela mão pesada dos clubes. O jogador já não precisa mais da seleção para ter projeção mundial – os times da Europa bastam para isso. O torcedor, distante de treinos e jogos que quase sempre acontecem no exterior, já não se sente identificado com a equipe – até porque os jogadores do seu time do coração não tem mais vaga na seleção, tomada pelos que jogam no exterior, de melhor nível. (p.57)

A matéria segue em mais quatro páginas, onde algumas personalidades envolvidas com o futebol, como o jornalista Juca Kfourir, o ex-jogador Zico, o publicitário Washington Olivetto, o superintendente do São Paulo F.C. Marco Aurélio

⁴⁴ Além dessas matérias, uma entrevista retirada de um programa de televisão em fevereiro de 2007 também foi utilizado. Justifica-se este uso pela presença do treinador Dunga no programa Bem, Amigos da SPORTV que, entre outros assuntos, tratou da preparação para a Copa América 2007.

Cunha, elencam os motivos pelos quais a seleção deixou de seduzir o torcedor. Entre os motivos estariam a crescente transformação da Seleção Brasileira num negócio de marketing, viabilizando amistosos em diversas partes do mundo em troca de um significativo aporte financeiro; a frequente realização desses amistosos em gramados da Europa, deixando o público brasileiro no Brasil carente de uma apresentação; o desdém dos craques brasileiros interessados mais em satisfazer seus contratos com seus clubes do que representar a seleção do País; e a banalização dos jogos da Seleção Brasileira que, justamente por ter de cumprir contrato e não tendo nada a perder, deixam de chamar atenção do grande público e dos jogadores convocados.

Ainda que, como deixado nas entrelinhas, a visada de tal reportagem pode residir na atitude de alguns jogadores brasileiros, expoentes técnicos segundo a própria imprensa, terem solicitado dispensa dias antes da convocação para a disputa da Copa América em nome do desfrute de um período de férias após a temporada européia, como nos casos de Ronaldinho Gaúcho e Kaká⁴⁵, ou ainda a partir da não perspectiva de continuidade na própria Seleção Brasileira como o fez o volante Zé Roberto⁴⁶. Ligada a esse último caso, uma outra questão passa a ser impositiva: o próprio sentido de renovação trazido pelo treinador Dunga fez com que jogadores ausentes em listas de treinadores anteriores substituíssem atletas que regularmente vinham sendo chamados até a Copa do Mundo de 2006. Isso, segundo alguns jornalistas, teria contribuído para alimentar um sentimento de desapego para com o torcedor⁴⁷.

⁴⁵ “Em seus pedidos de dispensa da Copa América, Kaká e Ronaldinho deixaram claro à CBF que não querem disputar o torneio da Venezuela porque não tem férias desde 2004 e estão cansados.” (Site GloboEsporte, 18/05/07)

⁴⁶ “O meia Zé Roberto confirmou na tarde desta sexta-feira seu pedido de dispensa da seleção brasileira [...] ‘Até mesmo por causa da minha idade decidi pedir dispensa da seleção. Meu ciclo já terminou. Não tenho idade para disputar a próxima Copa do Mundo, e o técnico Dunga já disse que quer dar oportunidade aos jovens jogadores. Eu abro espaço para os mais jovens’ – diz o jogador, um dos destaques da seleção brasileira na última Copa do Mundo.” (Site GloboEsporte, 08/06/07)

⁴⁷ O jornalista Rafael Prada em matéria escrita para o site Terra, durante a preparação da Seleção Brasileira na Granja Comary, Rio de Janeiro, descreve a sensação de desapontamento dos torcedores em relação àqueles que ali treinam para representar a seleção brasileira na Copa América. Sob o título “Teresópolis desconhece Seleção de Dunga”, escreve: “Com as dispensas de Ronaldinho, Kaká e Zé Roberto, a tônica entre os moradores da cidade e até mesmo dos torcedores é uma só: quem são os 22 convocados para a disputa da Copa América, na Venezuela, entre os dias 26 de junho e 15 de julho? [...] O estudante Vinícius Gonçalves, 17 anos, acompanha futebol. Mas o jogador que ele conhece e quer ver nesta curta estadia da Seleção em Teresópolis não está sob o comando de Dunga, e sim, de Nelson Rodrigues, da Seleção Sub-20: o jovem atacante Alexandre Pato. ‘A Seleção já movimentou muito essa cidade aqui, mas hoje em dia não mexe muito com o

É, portanto, nesse cenário que a Seleção Brasileira chega para a disputa da Copa América. Há um visível incômodo em decurso sobre a sua crescente impotência de mobilização nacional, ao mesmo tempo em que um modelo possível está prestes a estrear e ser posto em discussão por aquilo que um novo perfil é/foi capaz de implementar na Seleção Brasileira.

5.1 Discursos à prova

Para evitar exames distorcidos de qualquer ordem ou mesmo um comprometimento analítico e prematuro sobre as relações entre discurso midiático e Seleção Brasileira, é necessário estabelecer uma diferenciação entre os eventos presentes até então no estudo. Igualar a potência de uma Copa do Mundo com a existente em Copa América trata-se, no mínimo, de uma imprudência, pois parte de grandezas diferentes. Segundo Guedes (1998), esse é um princípio bastante básico, simples, pois, nos períodos de Copa do Mundo,

[...] constitui-se um tempo próprio e uma história própria, considerados suspensos não apenas em relação ao que poderíamos chamar a História, mas também em relação à própria sucessão dos outros eventos, em níveis de abrangência menores. Nas Copas do Mundo só a memória de outras copas tem importância, sendo este o maior e mais valorizado confronto institucionalizado entre nações através do futebol. (p.48)

Nessa tendência contemporânea de não conseguirmos desvincular o esporte e os grandes eventos esportivos dos dispositivos midiáticos, a transmissão da Copa do Mundo põe em movimento um arsenal midiático que condiz ou que constrói esse tempo próprio lembrado pela autora. A cobertura desse evento mobiliza grupos distintos de profissionais na produção de textos nas diferentes instâncias midiáticas, cada qual lançando mão de determinada voz de autoridade na disputa de um mercado que funciona também na lógica comercial ao tentar cativar o

comércio. E tem poucos jogadores conhecidos para os torcedores, quem eu quero ver mesmo é o (Alexandre) Pato', confirma. Comerciante há mais de dez anos na cidade, Cláudia Braga, 38 anos, conta que até mesmo o feriado da última quarta-feira, dia 13 de junho, atraiu mais gente e rendeu mais movimento. 'Antes tinha uns mais conhecidos, mas agora não tem muito isso, não. O dia de Santo Antônio foi mais movimentado', completa." (16/06/07)

ouvinte, o leitor ou o telespectador. Em menor escala e com configurações diferenciadas, isso também ocorre durante a Copa América.

As particularidades são visíveis no próprio suporte midiático, delimitado aqui pelo jornal e a televisão. Se, durante a Copa do Mundo, os jornais impressos – no nosso caso, Zero Hora/RS e Folha de São Paulo/SP – costumam criar um encarte específico dedicado a cobrir a pluralidade de assuntos que cercam o evento, chegando a transferir colunistas de outras áreas e/ou convidar personalidades para escreverem, na Copa América, tamanha agitação não se confirma. As matérias publicadas sobre tal evento dividem espaço com outras tantas dispostas na seção esportiva dos jornais⁴⁸, além dessas ficarem a cargo de repórteres e colunistas que já assinam nos respectivos cadernos esportivos.

Na televisão, algo semelhante ocorre, pois, enquanto na Copa do Mundo uma gama de profissionais e aparato técnico são deslocados para as cidades-sede da competição na qual montam estúdio próprio, transmitindo os jogos direto do estádio onde estão sendo realizados, na Copa América as redes televisivas – aqui demarcadas como Rede Globo e SPORTV – enviaram uma quantidade menor de profissionais para acompanhar a seleção e seus treinamentos. Nem as equipes responsáveis por transmitir os jogos da Seleção Brasileira, formadas por locutores, comentaristas e analistas de arbitragem, foram deslocadas até a Venezuela, narrando os jogos em estúdios na sede-local da empresa no Brasil.

Essas características, mas não só essas, evidenciam e distinguem o grau de presença marcado pela imprensa em cada competição. No entanto, a Copa América de 2007 surge como um acontecimento saliente em virtude de pôr à prova, dito pelo próprio discurso midiático, o *modus operandi* de um perfil de renovação sob o comando de um treinador que ela própria tem como referência somente o tempo em que ele foi jogador. Cabe analisar, nesse instante, quem participa desse discurso midiático que confere importância à Copa América, quem o constitui no sentido de

⁴⁸ Em 2007, os três últimos dias da Copa América coincidiram com o início dos Jogos Pan-Americanos que mereceu destaque da imprensa esportiva por, afora a grandeza da competição, ter sua edição no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Portanto, as reportagens produzidas falando dos preparativos da cidade, dos locais de competição e dos atletas foram realizadas concomitantemente às outras fases da Copa América.

conhecer seu *status*, sua posição, sua autoridade no emaranhado de vozes que falam sobre a Seleção Brasileira, em que condições de existência pode ser dito, ou seja, pode-se saber a sua materialidade enunciativa.

A capacidade de descrever esse sistema de dispersão parte da ideia foucaultiana (1995) de que nenhum discurso está fora de uma formação discursiva, sendo esta, todas as formas de articulação das coisas ditas em determinada conjuntura, que trazem consigo as marcas enunciativas, da instituição e das posições ou situações dos sujeitos falantes. A noção de que a Copa América poderia representar um momento expressivo na (re)construção de um novo modelo de Seleção Brasileira foi dada *entre* essas diversas formações discursivas, deslocando-se em função daquilo que os enunciadores avalizavam. Estes enunciadores podem ser configurados como sendo tanto os chamados especialistas da imprensa esportiva – jornalistas (colunistas, repórteres, apresentadores, entre outros), ex-jogadores, ex-treinadores de Seleção Brasileira, enfim, todos aqueles que ocupam um lugar de destaque na imprensa e que se utilizam de uma voz da experiência e/ou autoridade sobre o assunto, às vezes dado pelo simples fato de estar na frente de uma câmera ou à frente de uma coluna de jornal –, quanto pelos enunciadores inseridos no próprio discurso – como o atual treinador, os integrantes da comissão técnica, os jogadores convocados e os dirigentes da Seleção Brasileira.

Nesse ritmo, quatro meses antes de iniciar a Copa América, o técnico Dunga participou do programa de televisão chamado *Bem, Amigos*, no canal SPORTV⁴⁹, e escutou algumas avaliações sobre seu trabalho até então, com projeções à competição Sul-Americana. Nele, o ex-jogador Nelinho, com passagens pela Seleção Brasileira nas Copas de 74 e 78, fez a seguinte declaração, atestando este lugar de autoridade:

Eu tô achando que, por um lado, é muito ruim prum treinador que assume a seleção depois do que aconteceu na Copa do Mundo porque cobram dele uma renovação [...] Então não só o treinador, tem que ter muita tranquilidade nessa hora como nós, os mais experientes que estamos na

⁴⁹ O Programa *Bem, Amigos* é exibido todas as segundas-feiras à noite pelo canal fechado SPORTV. Sempre com convidados do universo do esporte, seu formato é um mix de entrevistas, opiniões e debate. O programa citado foi ao ar dia 12 de fevereiro de 2007, dias após a primeira derrota da seleção brasileira sob o comando do Dunga, por dois a zero diante da seleção de Portugal dirigida na época, pelo ex-treinador da seleção brasileira, Luiz Felipe Scolari, o Felipão.

mídia ou ex-jogadores também tem que ter essa paciência e dar um voto de credibilidade ao treinador. (12/02/07)

Na sequência, o jornalista Paulo César Vasconcellos faz o seguinte comentário referindo-se a postura que deve ser tomada frente ao trabalho do Dunga e, conseqüentemente, da seleção:

A Copa América vai mostrar efetivamente que rumo o Dunga vai seguir, porque ali ele vai ter um campo bom de observação, um tempo bom de observação e dizer assim olha: “esse é um grupo que eu de primeira posso levar para as eliminatórias”. Até lá, entendo que tem que ser dada essa tolerância, essa paciência porque senão a gente começa a botar um técnico, tira, bota outro, tira e o trabalho não segue. (12/02/07)

Em ambas as passagens, nota-se que os discursos tratam da Seleção Brasileira, mas olhando para uma presumível função do próprio campo midiático ao se referir a ela. A primeira ratifica aquela posição de possuir a voz da experiência, como se observasse de fora os fatos e imprimisse a eles um parecer mais “frio”. Na segunda, o papel ou função avaliativa, que se pressupõe caber à imprensa, referente a esse momento histórico e não outro, é acompanhada de uma noção de poder por se incluir como atora de um processo de mudança quando se vale da expressão *a gente*.

Mas, conforme a competição se aproxima, os enunciados materializam uma postura pretensamente distanciada nesse processo, visto que existe um teste em curso. Os sentidos conferidos à Copa América como campo de observação e tempo de renovação, agenciam esse sentimento espalhado nas mídias, assim sintetizados na reportagem intitulada “Brasil rejuvenesce só 2 anos para 1º torneio após fracasso na Copa”, de Bruno Freitas e Leandro Canônico para o *site* UolEsportes, na estreia da Seleção Brasileira diante da Seleção Mexicana:

[...] Como treinador, Dunga encontra-se mais ou menos no mesmo estágio de busca de afirmação na seleção que a maioria do jovem grupo que levou à Venezuela para a Copa América, desprezando-se, obviamente, sua extensa ficha de serviços prestados ao Brasil como jogador.

“A primeira coisa é não esquecer o que aconteceu na Copa. Partir de tudo que não deu certo e pegar as coisas que deram certo para melhorar. Esses jogadores estão mostrando que têm condições de reverter essa situação”, emenda Dunga.[...]

“O importante agora é dar início a uma nova etapa. É legal você conquistar uma nova identidade. Mesmo que a gente ganhe a Copa América, não vamos apagar o que aconteceu na Copa do Mundo”, declarou o volante Gilberto Silva, que deve ser o capitão da seleção na Copa América a partir do jogo contra o México.

“O momento agora é diferente, com outro treinador. Temos que esquecer o fracasso da Copa e mostrar espírito de seleção”, diz Vágner Love, escolhido para liderar o ataque ao lado de Robinho, em discurso de afinidade com o seu comandante. (27/06/07)

Mesmo que os jornalistas tenham a prerrogativa de editar as declarações dos entrevistados, o que está dito acaba por mostrar uma tendência de todos – tanto nessa passagem quanto nas mencionadas anteriormente – a encararem a competição como um novo momento para a Seleção Brasileira, no qual se deve romper com as marcas da derrota do último mundial. Além do perfil técnico estar à prova, um novo modelo expresso em outro grupo de jogadores de Seleção Brasileira precisa ser provado, assim como a capacidade da imprensa de lidar com essa situação. Algo nesse sentido é apontado pelo jornalista Rodrigo Bueno em matéria de capa da seção de esportes da Folha de São Paulo/SP, sob o título em letras maiúsculas “Dunga faz estréia à parte na estréia da seleção”:

Sem nenhuma partida como treinador na América do Sul, ex-volante começa a Copa América, na Venezuela, ainda como uma incógnita [...] O gaúcho, que fará hoje seu primeiro jogo como técnico na América do Sul assumiu a equipe após o fracasso na Copa da Alemanha para a surpresa de muitos. [...] A incógnita que cerca a carreira do técnico Dunga pode encontrar uma resposta já na Copa América. E, apesar de a CBF ter garantido o treinador até a Copa de 2010⁵⁰, a história recente da seleção não é muito aliada da estabilidade.

Na administração Ricardo Teixeira, que assumiu a presidência da CBF no final dos anos 80, algumas apostas em treinadores que não eram nem de longe unanimidade foram feitas, e o final dessas curtas “eras” se deu após torneios que não eram a Copa do Mundo. (27/06/07)

A disposição em associar a posição de Dunga a de outros treinadores que viveram situações semelhantes em outras épocas⁵¹ é mais um discurso que expande os prováveis efeitos de uma incógnita. O cotejo entre aquilo que o

⁵⁰ Em maio de 2007, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, concedeu uma entrevista aos veículos de comunicação na qual assegurou a presença do Dunga à frente da seleção brasileira até a Copa do Mundo de 2010. Diz o dirigente: “- Quero deixar claro. Tive uma reunião com os jogadores e a comissão técnica antes do terceiro jogo da chamada “Era Dunga”. E naquele dia disse para todos que o Dunga irá conosco até a Copa de 2010. Quero deixar isso público agora. O resultado da Copa América, os resultados de amistosos ou de qualquer outra competição que não seja eliminatória não tem qualquer significado para mim”. (Site GloboEsporte, 17/05/07)

⁵¹ A reportagem não menciona, mas uma dessas associações pode ser feita com o período logo após a Copa do Mundo de 1990, quando o treinador Sebastião Lazaroni acabou sendo substituído por Paulo Roberto Falcão. Assim como Dunga, Falcão foi símbolo de uma geração (seleção de 82), não havia trabalhado como treinador em nenhum clube ou seleção até então, teve uma carreira como jogador alicerçada no Rio Grande do Sul e assumiu o comando técnico da seleção brasileira também com o objetivo de efetivar uma renovação após a derrota para a Argentina naquele Mundial. Falcão permaneceu no comando entre agosto de 1990 a julho de 1991 e acabou sendo demitido depois da Copa América disputada no Chile, pelas más atuações na campanha que deu à seleção o vice-campeonato vencido pela Argentina.

presidente da CBF diz e aquilo que veio a ocorrer na história recente dos treinadores da Seleção Brasileira, focaliza esse acontecimento discursivo a partir do pressuposto de que existe uma história real e um real da língua, sendo o sentido criado na relação entre as duas ordens. Dizer isso num jornal do centro do País, de grande circulação, em matéria de capa e com título em letras maiúsculas, faz do enunciador um incitador cuja legitimidade é dada por outros conjuntos funcionais de enunciados: já que é dito que é um teste, por que não pensar numa possível reprovação?

No Rio Grande do Sul, estado natal de Dunga, o jornal Zero Hora igualmente tece suas considerações pré-Copa América, a começar pela coluna diária de Ruy Carlos Ostermann:

Apenas uma Seleção

A Seleção de Dunga, pela primeira vez envolvida em competição oficial, é um resumo da boa experiência do novo técnico com novos jogadores em cima do fracasso constrangedor da Alemanha. A Copa América é um torneio com muitos riscos. [...] (27/06/07, p. 52)

Ligado a outros discursos que tratam do risco que representa a competição para o treinador e, conseqüentemente, para o projeto de Seleção Brasileira – *A Seleção de Dunga* –, o enunciado acaba por singularizar uma posição de elogio à experiência do treinador. Experiência que justamente está presente em outras falas como elemento ausente na figura de Dunga como treinador, o que poderia depor contra seu próprio desempenho.

Mas o discurso midiático, já anunciado mais como polifônico do que sintético, pode ser pensado como obra da articulação entre essas diferentes posições enunciadas. No que tange à Copa América, a maneira como Dunga, os jogadores convocados e os dirigentes se referem ao que ela representa não se opõe decisivamente ao que falam os repórteres, colunistas e ex-jogadores que estão na imprensa. Aliás, essa situação é condição para que as formações discursivas possam ser articuladas, deixando aflorar as contradições, mostrando as diferenças, mas, sobretudo, se incorporando mutuamente no nível dos enunciados, considerando, assim, a interdiscursividade que subjaz a todo discurso (FISHER, 1995).

O enunciado, por sua vez, possui uma existência material que se distingue da enunciação, pois “[...] ele precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data.” (FOUCAULT, 1995, p.116). Os enunciados estão amarrados aos jogos de poder, de luta que tomam forma em textos opinativos, transmissão de jogos ao vivo, programas de debate esportivo, entrevistas, reportagens, entre outras. Esse confronto discursivo operado no e pelo discurso midiático pressupõe uma disputa em torno de que seleção é essa. Um confronto que se dá a partir de retomadas e deslocamentos com reminiscências de outras Copas e de outros treinadores, como visto na narração da Rede Globo no primeiro jogo da Seleção Brasileira na competição, logo após o segundo gol do México:

(Galvão Bueno) Dois para o México, zero para o Brasil. Vai ter que mostrar força e personalidade essa Seleção Brasileira. É um time novo, é um time jovem...[...]. É um novo caminho que se tenta no futebol brasileiro, o Dunga assim como o Falcão em 90 recebeu a ordem de: faça uma renovação!
(27/06/07)

Assim, os discursos têm a renovação como exigência e como risco e a observação enquanto resguardo e intervenção, pois remetem ao mesmo fato, Copa América, mas não constroem a mesma significação.

Mas, para que um discurso possa participar desse confronto, é necessário que responda a certos procedimentos de controle, atendendo o que Foucault (1998) vai chamar de princípio da rarefação, ou seja, ninguém, nenhum enunciado vai entrar na ordem dos discursos se não satisfizer certas exigências. Desse modo, entra em funcionamento um regime de verdade a partir daquilo que pode ser dito:

Há sempre batalhas discursivas movendo a construção dos sentidos na sociedade. Motivo de disputa, signo de poder, a circulação dos enunciados é controlada de forma a dominar a proliferação dos discursos. Por isso, aquilo que é dito tem de, necessariamente, passar por procedimentos de controle, de interdição, de segregação dos conteúdos. Por serem produtos de práticas, social e historicamente determinadas, as maneiras de se utilizarem as possibilidades dos discursos são reguladas, regulamentadas: não se pode, absolutamente, falar de uma coisa qualquer num lugar e tempo qualquer. (GREGOLIN, 2003, p.12)

Os discursos que emergem do campo midiático pré-Copa América fazem circular, por aproximações ou contestações, e reforçam o acontecimento como um primeiro grande teste para a afirmação ou não daquilo que por muitos está sendo concebido como uma nova Seleção Brasileira. Nesse sentido, cabe mapear a

produção discursiva da máquina midiática na parte final da competição, especialmente o jogo entre Brasil e Argentina.

5.2 Uma vitória de Seleção Brasileira?

Brasil e Argentina mantêm, pelos laços futebolísticos, uma relação de rivalidade estabelecida tanto pelos episódios de campo quanto pelo estilo de viver o futebol (torcedores, imprensa)⁵². O encontro entre ambos os países para uma partida de futebol, seja ela válida pela Copa do Mundo ou amistosa, provoca, no discurso midiático, algo tão forte quanto os efeitos de um triunfo ou de um vexame, uma produção de identidade a partir da alteridade. Certamente isso ocorre em relação a outros países também, mas a proximidade geográfica, a memória do enfrentamento em outras competições somadas a confrontação viva em outras esferas culturais, que se confundem com a própria história das duas nações reforçam essa alteridade sentinela percebida em textos como “O Eterno Outro”, de José Geraldo Couto, para a Folha de São Paulo/SP no dia 23 de junho de 2007, publicado na sua coluna antes mesmo de a Copa América começar:

A Argentina é o nosso eterno outro [...]. Há sempre um portenho no qual concentramos nossas carências e frustrações. [...] Brasil e Argentina encaram um ao outro como quem se mira num desses espelhos deformadores de parque de diversões: o que sobra de um lado falta do outro, o gordo vira magro, o tampinha vira grandalhão. O “outro” causa admiração e repugnância ao mesmo tempo. [...] Trato aqui de clichês, mas consciente de que eles têm seu tanto de verdade. Não existe “o” argentino, assim como não existe “o” brasileiro – só em piadas. Mas há traços de temperamento difundidos de cada um dos lados da fronteira, e as diferenças entre eles têm a ver com a história dos dois povos [...] (p.D7)

A linguagem utilizada pelo cronista não supõe apenas uma descrição daquilo que brasileiros e argentinos se invejam e incorporam. É pela noção de repetibilidade, já que a Argentina é o “eterno outro”, que se reforçam os sinais identitários encontrados em cada lado, mesmo que esses lados não estejam cerrados. Além do mais, é essa abertura com passagens de um a outro impossibilitando a formação

⁵² A rivalidade é tamanha que cabe lembrar que a expressão de ‘Era Dunga’ foi dada justamente a partir de uma derrota para a Argentina na Copa do Mundo de 1990. Coincidentemente a mesma Argentina faria a primeira final da “Era Dunga” como treinador da seleção brasileira.

“do” brasileiro e “do” argentino que faz dessa busca identitária um ato performativo (SILVA, 2000).

No entanto, o fato de não se ter uma identidade fechada, mas, sim, pertencimentos, identificações históricas e conjunturais, faz da identidade um conceito estratégico e posicional (HALL, 2000). Nessa perspectiva, a imprensa brasileira lançou mão, antes da partida final entre Brasil e Argentina, de uma *performance* discursiva que coloca em jogo discursos identitários que ressaltam a diferença entre as duas seleções, como pode ser visto, por exemplo, na matéria de capa da seção dos esportes de Zero Hora/RS:

O Show Mudou de Lado

Final deste domingo contrapõe time operário de Dunga ao futebol-arte dos argentinos

Se a seleção da Argentina é virtuosa, a de Dunga é sua cópia fiel. A disciplina, a disposição e o compromisso valem mais que jogadas de efeito. [...] Dunga decidiu romper com o fracasso da Copa da Alemanha e adotou nova filosofia. A Seleção ganha ares de time, de família. A cumplicidade norteia a relação. A vaidade ficou longe da concentração do Brasil. Assim como o brilho do futebol. Mas Dunga sempre foi vencedor assim e sua filosofia como técnico passa pela primeira prova. Justo com uma Argentina com cara de Brasil. (15/07/07)

A constituição discursiva localiza no time brasileiro um futebol operário que irá enfrentar um futebol artístico. Esse movimento da imprensa brasileira, planejado ou intuitivo, se caracteriza como um discurso que insiste em localizar possíveis identidades para o futebol brasileiro, mesmo que seja algo que está no outro, mas que, deveria ser, prioritariamente, do nosso futebol, uma vez que a “Argentina está com cara de Brasil”.

Nesse caso, se o campo midiático produz discursos no sentido de reivindicar para o futebol brasileiro uma arte que está sendo encontrada no outro, isto é, se a identidade é produzida por aquilo que diferencia, é sinal que, se somos artísticos, não deveríamos ser operários. O campo midiático parece não querer para si o discurso pormenorizado do operariado (na comparação de um *versus* o outro), por isso talvez o esforço de manter um certo distanciamento desse novo modelo possível, como pode ser visto na locução da Rede Globo durante o início do segundo tempo da partida, mesmo estando 2 a 0 para o Brasil: “Tá realmente muito unido esse time porque sabe das suas deficiências, sabe que tomou pancada, que

recebeu críticas, foi vencendo as etapas e o time foi se unindo.” (GALVÃO BUENO, 15/07/07)

Diferentemente da narrativa que predominou em outros jogos da seleção, principalmente na Copa do Mundo quando a televisão deixava transparecer sua porção torcedora pela utilização do “nós”, na Copa América, mesmo na partida final contra a Argentina, as narrativas tendem ao uso de expressões que anunciam um envolvimento menor, por exemplo, “essa seleção”, “esse time” ou ainda “esse grupo”. Esse exercício de distanciamento era acompanhado de comentários que reforçavam a hipótese de que para uma parte da imprensa, o time que estava em campo não poderia ser tido como a verdadeira Seleção Brasileira. Um deles foi feito pelo comentarista da Rede Globo Paulo Roberto Falcão minutos após o terceiro gol do Brasil, que se desdobra numa conversa com o locutor Galvão Bueno:

(Falcão) A seleção vem crescendo e sai dessa Copa América, o Dunga pode utilizar uma boa base não como titular digo isso de novo. Acho que o Brasil tem jogadores que não foram que são titulares. O Brasil não pode com essa vitória se enganar [...] mas sair da Copa América com uma vitória encima da Argentina dá uma tranquilidade à continuação do trabalho do Dunga. (Galvão). É, só que dá muita força a esse grupo que aí está né? [...] Dá uma força grande a este grupo que disse sim à convocação, ao grupo que não pediu dispensa, fora aqueles que estavam machucados, ele vai trabalhar encima dessa base pra receber os outros, vamos ver qual vai ser o procedimento dele. Mas ele vai ficar muito fechado com esse grupo não há dúvida nenhuma. (15/07/07)

A vitória, ao mesmo tempo em que traz pelo discurso midiático uma possível afirmação para o trabalho de Dunga, causa preocupação pelos efeitos que pode ter⁵³. Afinal, vencer sem os chamados craques, aqueles que dariam o toque artístico à seleção, pode significar a afirmação de um novo modelo ou perfil de seleção. Essa ansiedade e desconforto com a seleção é tratada por parte da imprensa como se ela fosse comungada pela grande maioria dos torcedores como expõe a coluna de Tostão do dia 15 de julho de 2007:

Torcedor Brasileiro Confuso

⁵³ A respeito da preocupação com os efeitos da vitória, a coluna do jornalista Juca Kfoury no dia posterior à vitória do Brasil sobre a Argentina intitulada “Os Piores Foram Melhores” trouxe o seguinte trecho: “Não há o que contestar na vitória brasileira, a não ser o excesso de faltas. E há por que temer seus efeitos, porque pode levar Dunga a achar que craques não são mais necessários, o que será grave equívoco. De resto, é comemorar mesmo. Porque não há como negar que Dunga tem agora um argumento quase irresponsável, ao não só derrotar o melhor time da Copa América como por tamanha diferença de gols.” (Folha de São Paulo/SP, 16/07/07, p.D10)

É lamentável o desprezo de Dunga e de tantos outros técnicos pela qualidade do futebol – eles, só pensam no resultado – e a relação agressiva do treinador com a imprensa. [...] Em outras épocas, se um torcedor brasileiro dissesse que iria torcer para a Argentina, seria internado como louco ou exilado. Os tempos mudaram. Muitos dizem que vão torcer para o Brasil perder porque faria justiça ao melhor time da Copa América, Dunga poderia sair e ninguém se iludiria com certos atletas. Outros querem torcer contra o Brasil, mas pega mal. O torcedor está confuso. Há ainda revolta e indiferença ou desilusão de vários torcedores para com os jogadores e com o time brasileiro (não só esse), que parece ser mais uma seleção da CBF, de empresários e patrocinadores do que do Brasil. (p. D11)

O medo da vitória à moda Dunga ou independente da forma que ocorra em favor do treinador faz com que o colunista imprima suas previsões naquilo que o Brasil tem a perder e não a ganhar com isso. Nessa linha, o melhor para o futebol brasileiro seria a vitória da Argentina que desencadearia na demissão do Dunga confirmando o que o colunista chamou de ‘precipitada decisão de manter o treinador até a Copa do Mundo’.

No entanto, há outros discursos, alguns mais localizados na Região Sul, que enfatizam que a vitória da Seleção Brasileira pode representar não só a afirmação de Dunga como também um passo importante para a construção de um novo perfil de seleção, não mais preso a um idealizado futebol-arte:

Vitória de Dunga

O Brasil é campeão da Copa América nos termos de seu técnico Dunga. Um time aplicado, que marcou o tempo todo e fez desaparecer as individualidades em nome de uma coesiva força coletiva. [...] Uma vitória que consolida o trabalho de Dunga e lhe dá tempo para pensar nas Eliminatórias a partir desta afirmação de Maracaibo. [...] Uma vitória conceitual, muito emotiva, mas só depois que o sacrifício de um único jogo foi confirmado. (OSTERMANN, 16/07/07, p.48)

Brasil goleia Brasil

Foi isto mesmo, a Seleção Brasileira de Dunga humilhou a arrogante e expoderosa Argentina, mas foi derrotada, também, uma dominante preferência nacional pelo enganoso futebol-arte. (CARLET, 16/07/07, p. 49)

Partindo da condição de que toda identidade é relacional, podemos pensar que identidades estão em construção nos diferentes discursos. No título da segunda passagem, por exemplo, dizer que Brasil goleia Brasil pode representar uma identidade que aceite o modelo de um futebol mais artístico (mesmo que o colunista tenha decretado a morte deste), ou a reivindicação por uma identidade onde um futebol “operário”, que requer e valoriza a coletividade e o sacrifício, seja também aceito, como remete a primeira passagem. Pela pluralidade dos discursos midiáticos que foram identificados, pode-se dizer que um determinado perfil para a Seleção

Brasileira poderia estar na Argentina – principalmente antes da final –, mas que após a vitória brasileira, passou a estar também no Brasil. Assim, apesar do campo midiático insistir em fazer circular e produzir discursos identitários para a Seleção Brasileira, a pluralidade e o tencionamento do campo (expresso nas diferentes passagens aqui citadas) reforçou diferentes possibilidades de identidades. Identidades conjunturais, produzidas também pelo efeito do resultado. Confirmando a concepção de que toda identidade oscila entre dois pólos onde “de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la.” (SILVA, 2000, p.84).

5.3 A circularidade da demanda discursiva

O conjunto de *performances* verbais disperso nas transmissões de jogos, reportagens, entrevistas, colunas, matérias, enunciadas por locutores, repórteres, comentaristas, ex-jogadores, jogadores, técnico e outros profissionais, não apenas interpretam os fatos, mas também constroem discursos que produzem realidades. A máquina midiática,

[...] ao mesmo tempo que é um lugar de onde várias instituições e sujeitos falam – sendo portanto um veículo de divulgação e circulação dos discursos considerados “verdadeiros” em nossa sociedade –, também se imporia como criadora de um discurso próprio. (FISCHER, 1995, p.27)

O campo midiático, ao processar todas as informações que estão espalhadas nas vozes dos “especialistas” ou “autoridades” credencia esses discursos a um estado de interdiscurso⁵⁴, ou seja, a formação de um discurso em função de outros que nele atuam. Esse interdiscurso atende a uma demanda inacabada, algo que está em constante reconfiguração a partir de enunciados produzidos e incorporados por ela – máquina midiática –, provocando alterações, reafirmações, começos e desaparecimentos.

⁵⁴ Apoiada nos estudos de Charaudeau e Maingueneau (2006), a noção de interdiscurso pode ser entendida em dois sentidos. O primeiro, num plano restritivo, trata-se de “de um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros.”; enquanto que o segundo sentido responde como um “conjunto de unidades discursivas [...] com os quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita.” (p.286). Dessa maneira entende-se que no nível interdiscursivo, os discursos midiáticos movimentam uma memória que atualiza a discussão em torno da seleção brasileira de futebol de modo que os próprios enunciados existem num tempo específico controlado pelo próprio campo discursivo que o produz, no caso, o campo midiático.

Retomando as repercussões da vitória na Copa América, dias depois do jogo final entre Brasil e Argentina, Tostão inicia sua coluna na Folha de São Paulo/SP do dia 18 de julho de 2007 com o título: “O Modelo de Time é Outro”, do qual destaca-se o seguinte trecho:

O Brasil não pode também se iludir e analisar apenas o último jogo. Em vez de “fechar com o grupo”, como se diz no futebol, Dunga precisa abrir os olhos, enxergar mais longe e somente aproveitar as coisas boas que teve essa seleção. [...] O modelo de time do Dunga não deveria ser o que ganhou, com méritos, a Copa América, e sim o que deu show na mesma Argentina na final da Copa das Confederações, com Ronaldinho, Kaká, Robinho e um centroavante – na época foi Adriano. [...] Temos de sonhar com uma seleção excepcional e vencedora, mesmo que não dê certo, e não apenas com uma esporádica e eficiente equipe. (p.D9)

Vencer, nesse caso, já não é o bastante, tanto que a vitória é minimizada como algo enganador. Talvez esse seja um dos motivos que fizeram com que a maioria dos discursos da imprensa esportiva procurasse manter um distanciamento, uma certa desconfiança em relação à seleção apresentada por Dunga. Soma-se a isso, o fato de que, diferentemente do sentimento de derrota transcorrido do fracasso na Copa do Mundo, o momento da Copa América indicava a afirmação de um trabalho, uma vez que o time brasileiro sagrou-se campeão sobre a Argentina, vencendo a final pelo placar de 3 x 0. Mas, se o modelo de time deve ser outro e não o que venceu, como diz a crônica, é porque há uma nova demanda discursiva sendo produzida e circulante.

Lembrando a Copa do Mundo de 2006, os discursos da falta de garra e de vontade preencheram as páginas dos jornais e as telas de televisão como uma exigência para que a seleção fosse digna de ser chamada de tal. A renovação do grupo como uma demanda oriunda da derrota da Copa do Mundo foi lembrada pelo próprio Dunga, antes do início da Copa América: “Sei que o cargo de técnico da seleção tem muitas cobranças. Estou no comando e algumas mudanças foram feitas. O povo queria, vocês (jornalistas) queriam, e quando elas ocorrem incomodam algumas pessoas”⁵⁵. Passado um ano do novo trabalho, os discursos midiáticos revelam que, para certos cronistas esportivos, a Copa América de 2007

⁵⁵ Em matéria no *site* Terra assinada pelo jornalista Rafael Prada e intitulada “Ambiente da Seleção é ótimo, diz técnico Dunga”, publicada no dia 15 de junho de 2007.

deixa como sobra uma vitória sem muitos méritos, pois a seleção está “à cara do técnico”.

A demanda discursiva ora produzida num determinado tempo é substituída então por outra e assim sucessivamente pela impossibilidade de uma completude, como num processo inacabado, nunca satisfeito, tal qual atesta o conceito de identidade sugerido por Stuart Hall. Assim, a demanda pós-Copa América surge naquilo que o próprio discurso midiático se vê frustrado, dando origem a outras reivindicações identitárias construídas e processadas por ele mesmo. Segundo Charaudeau (2006, p.27), “esse é um dos efeitos de circularidade da máquina midiática: estar condenada a fabricar informação inclusive sobre si própria.”

PLACAR

**O MELHOR
E O PIOR DA
COPA 2006**

ITÁLIA, ZIDANE,
KLINSMANN...

SELEÇÃO

OS CÚLPADOS
PELO FIASCO

POR QUE PRECISAMOS DELE

FELIPÃO DEU A PORTUGAL
O QUE FALTOU AO BRASIL
NO MUNDIAL. SERÁ QUE
LUXEMBURGO FARÁ O
MESMO NA SELEÇÃO?



ED 1296 • JULHO 2006 • R\$ 8,99

ISSN 01041762



01296>

9 770104 176000

A VOLTA DO BRASILEIRÃO
QUEM FICOU MAIS FORTE
E QUEM FICOU
MAIS FRACO

6. A NOVA ERA DUNGA: o treinador como um dispositivo

A transição do momento de desconstrução de um modelo para Seleção Brasileira que se mostrou insatisfatório na Copa do Mundo de 2006 para o momento de renovação destacada pela mudança no comando técnico, pela busca de novos jogadores e pela construção de outras identidades, passado o evento mundial, merece um olhar ampliado. Nessa linha, o objetivo deste capítulo é analisar de que forma a escolha do ex-jogador Dunga para treinador da Seleção Brasileira de futebol em substituição a Carlos Alberto Parreira se tornou um agenciamento na busca de uma (re)construção de identidades ou modelos de Seleção Brasileira. A seleção das fontes, para tal análise, foi feita com base na referência ao nome do Dunga ou à posição de técnico de seleção de futebol retiradas dos diferentes dispositivos midiáticos⁵⁶ desde a Copa do Mundo de 2006 a 2008.

De todas as flutuações identitárias realizadas pela imprensa brasileira durante a Copa do Mundo da Alemanha, uma das que mais chamou atenção foi a afinidade que muitos discursos construíram com a Seleção Portuguesa, fato que se intensificou principalmente após a desclassificação do Brasil, como vimos no Capítulo 4. Alguns jornais publicados no dia seguinte à derrota brasileira comprovaram essa posição:

Jornal Folha de São Paulo/SP

Os Sem-Alma

A alma que o Brasil não mostrou em Frankfurt estava em Gelsenkirchen, onde Portugal de Luiz Felipe Scolari, desfalcado de seu “Zidane” (o meia Deco⁵⁷) matou-se em campo durante 120 minutos mais os pênaltis e foi à semi-final, igualando a façanha de 40 anos antes, quando tinha Eusébio, o Pelé luso. (ROSSI, p. D14)

⁵⁶ A variedade corresponde a jornais (Folha de São Paulo/SP, ZeroHora/RS, Correio do Povo/RS e O Sul/RS), revista (Placar), televisão (Rede Globo e SPORTV) e internet (sites com linhas esportivas como Globo, Terra e Uol).

⁵⁷ O brasileiro naturalizado português, Deco, é um entre tantos exemplos da proliferação que vem ocorrendo recentemente de jogadores brasileiros que se naturalizam por outros países. Este crescente processo reconfigura os discursos identitários e os sentimentos de pertencimentos que se estabelecem entre as seleções, os jogadores e os torcedores.

Jornal Folha de São Paulo/SP

É Tua Felipão!

Portugal ganhou nas mãos do goleiro Ricardo a chance de duelar com a França.

Só Felipão pode vingar os brasileiros. Porque outra vez, e só na bola, a França foi muito melhor. [...] Quem recusa o jogo bonito merece todos os castigos. Pois perdeu jogando feio, muito feio.[...] Ganhar não é tudo. Perder sem honra é que são elas. (KFOURI, p. D5)

Matéria do caderno Correio da Copa do Jornal Correio do Povo/RS

França atropela sonho brasileiro: O gaúcho Felipão salvou o sábado dos conterrâneos que vestiram verde-amarelo em vão para torcer pela seleção brasileira. Enquanto os portugueses comemoravam a classificação para as semifinais da Copa do Mundo “com um toque de bola bem brasileiro”, os torcedores brasileiros ficaram incrédulos diante da derrota de 1 a 0 para a França. (p.08)

Os “sem-alma” funcionou como uma reivindicação identitária, tendo a narrativa histórica como base. O discurso que eternizou a “alma do penta” na conquista da Copa de 2002, que presume uma série de simbolismos repletos de significado – família, raça, atitude, competitividade, eficiência –, foi evocado para notabilizar o que faltou em 2006, dessa vez, sem Felipão no comando da Seleção Brasileira. O Brasil, a partir da derrota nas quartas-de-final, estava eliminado da chance de obter mais um título mundial, porém os brasileiros, principalmente os do sul do País, ainda estavam interessados na Copa do Mundo ligados ao que estava acontecendo com a Seleção Portuguesa por meio de Luiz Felipe Scolari.⁵⁸

6.1 Scolari e Klinsmann: espíritos de seleção

O sobrenome que batizou um modelo de família para a seleção durante um período recente e vitorioso se transformara num conceito “torcido” pelo brasileiro. Na medida em que a seleção não vinha apresentando algo satisfatório, as lentes giravam gradativamente para Felipão, principalmente na comparação entre os estilos de comando dos treinadores das seleções brasileira e portuguesa e também

⁵⁸ O jornalista Maurício Barros editou uma matéria na Revista Placar de julho de 2006 a respeito de Luis Felipe Scolari e a desclassificação de Portugal. Inicia a mesma contando que, ao circular no centro de imprensa do estádio de Munique após a derrota de Portugal na semifinal diante da França, se deparou com Luis Fernando Veríssimo cabisbaixo comendo um sanduíche. Numa conversa rápida, o escritor gaúcho confirmou que estava triste por causa de Portugal, mas mais ainda por causa de Felipão: “O desânimo de Veríssimo era também o de milhões de brasileiros, que desta vez, muito mais do que pelos laços históricos, torciam mesmo por Felipão, que quatro anos antes conquistara o penta e àquela altura era o que restava de Brasil na Copa da Alemanha. Mas a França jogou o segundo balde de água fria na cabeça dos brasileiros em menos de cinco dias [...]” (p. 37)

pelos resultados alcançados por ambas. Em reportagem de contracapa inteira do jornal Folha de São Paulo/SP do dia 22 de junho de 2006, intitulada “Segredos de Família: enquanto Scolari se assume como ‘paizão’ do time português, Parreira minimiza o papel da harmonia com a equipe brasileira”, já eram percebidos sinais de afinidade da imprensa nacional com o jeito *Scolari* de liderar:

[...] Scolari sempre se mantém na linha de frente das equipes que chefia. Busca carregar sobre seus ombros a responsabilidade mesmo quando está sob pressão. [...] E é assim agora, quando portugueses o indagam sobre a possibilidade de superar a melhor campanha do país [...] O discurso vai em direção oposta ao que Carlos Alberto Parreira fez ontem, na véspera do terceiro jogo do Brasil na Copa. Após duas atuações nas quais acabou questionado, o treinador minimizou sua influência. “Acho que decisivo sempre é o jogador. O técnico tem sua participação na formação da equipe, na filosofia de jogo, na mudança de ritmo, nas alterações feitas, mas o papel fundamental sempre será dos jogadores” [...] Ele diz não acreditar que a harmonia entre comandante e comandados seja decisiva. Um claro choque com o estilo do antecessor, que fez do estilo “paizão” um dos segredos para a conquista do penta. Em 2002, de tanto o gaúcho sair em defesa de seus jogadores e tomar atitudes para unir os atletas, o grupo ficou conhecido como “família Scolari”. [...] Mais racional, Parreira em nada lembra o emotivo antecessor. (p. D12)

Além da ênfase comumente dada ao talento do jogador brasileiro, delegando à sua habilidade individual o poder de decidir um jogo⁵⁹, há também uma forte presença do discurso da coletividade. A insatisfação com a seleção e as lembranças de um momento exitoso onde o treinador primava pela constituição de uma família, fez da coletividade uma das condições para uma representatividade brasileira.

Recorrer ao nome de Felipão mexe com um imaginário social construído desde a conquista do penta, no qual essa coletividade tem sua definição atrelada a expressões de raça, de vontade e de entrega, elementos identitários solicitados, a partir da Copa 2006, para a Seleção Brasileira. Analisando o funcionamento discursivo do campo midiático, pode-se vislumbrar esse movimento de retomada da memória como uma das estratégias no estabelecimento de uma identidade, pois a:

[...] mídia produz sentido por meio de um insistente retorno de figuras, de sínteses narrativas, de representações que constituem o imaginário social.

⁵⁹ Essa situação ficou nítida, por exemplo, na locução feita pelo narrador da TV Globo do primeiro gol da Seleção Brasileira na Copa, anotado pelo jogador Kaká, contra a Seleção da Croácia, aos 44 minutos do primeiro tempo: “Ele tava buscando espaço e não tava achando, ele tava buscando a jogada e não tava conseguindo, mas aí é o talento diferenciado do jogador brasileiro. Olha a vibração do banco de reservas. Quando ele matou, driblou dois, se livrou de dois, bateu de esquerda, meteu no ângulo, começa a colocar o nome na Copa da Alemanha. [...] Essa é a diferença dessa seleção brasileira pra qualquer outra que a gente viu nessa Copa. Falcão, Casagrande...eu to rezando pra que vire um grande time com estrelas, mas um time com grandes estrelas às vezes funciona.” (Rede Globo, 13/06/06)

Fazendo circular essas figuras, ela constrói uma “história do presente”, simulando acontecimentos em curso que vêm eivados de signos do passado. (GREGOLIN, 2003, p.96)

O momento de crise identitária instalada em torno da Seleção Brasileira após Copa do Mundo 2006 propiciou a emergência de diferentes discursos enunciativos de novas seleções. Nesse caso, o estilo utilizado por Parreira se constituía em mais um discurso articulado nessa relação de forças.

A individualização da culpa, que ora recaiu sobre alguns jogadores como Ronaldinho Gaúcho e Roberto Carlos⁶⁰, estendeu os braços também para o técnico. O técnico foi identificado como um lugar passível de ser responsabilizado, partindo do princípio de que era ele quem deveria cultivar o sentimento de combatividade à equipe, fator alcançado na Copa anterior por Felipão, lembrado com destaque na narração da Rede Globo, ao final do jogo Brasil e França, que se encerrava horas antes da classificação de Portugal para as semifinais:

(Galvão Bueno) Um jogo em que a França foi superior e que faltou não se sabe porque...alguém um dia talvez consiga explicar, faltou atitude à Seleção Brasileira! Faltou jogar com a raça com que jogou a Alemanha, com a raça com que jogou Portugal dirigida pelo Felipão, Portugal que sempre foi acusada de não jogar com raça, mostrou raça nos dois últimos jogos contra a Holanda e hoje contra a Inglaterra. (1º/07/06)

O cargo de treinador passa, então, a ter relevância na discussão como um dispositivo daquilo que se quer enquanto projeto de seleção e de uma identidade almejada. A identificação manifesta por Luiz Felipe Scolari, que tinha dado à Seleção Portuguesa o que lhe faltava, ainda que implicasse uma correspondência nacionalista – treinador brasileiro, torcida brasileira –, não se condicionava somente a isso. A centralização na figura do treinador observada no discurso midiático estava sujeita também à competência exercida por este em reunir um país em torno de um espírito de seleção, alimentando um sentimento de orgulho cívico, capaz de agrupar características mobilizadoras de identificação entre o torcedor e a seleção.

⁶⁰ A Revista Placar de julho de 2006, em reportagem de André Rizek, intitulada “O Fiasco tem Explicação?”, tratou o desempenho da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2006 como “crime de lesa-pátria” apontando os responsáveis por “arranhar a imagem do futebol brasileiro”. Considerados pela matéria como culpados com dupla qualificação, estavam os jogadores Roberto Carlos e Ronaldinho Gaúcho. O primeiro, diz a matéria, “pela arrogância [...] No dia-a-dia de treinamentos, portou-se como se tivesse talento para resolver uma partida na hora em que desejasse [...]”. Despede-se da Seleção como uma das imagens da derrota”. Já Ronaldinho Gaúcho, foi considerado culpado “Por tudo o que não jogou [...]”. Faltou ambição ao melhor do mundo [...] nunca assumiu a condição de cara que estava lá para decidir os jogos.” (p. 46)

Dessa forma, não só Felipão, mas Jürgen Klinsmann, treinador alemão da seleção do seu país, correspondeu a certas condições identitárias reivindicadas por discursos produzidos pela imprensa brasileira. Ao final do jogo, buscando uma identificação com aquilo que gostaria que tivesse sido feito pelos componentes da comissão técnica do Brasil, há a seguinte conversa na cobertura da Rede Globo:

(Galvão Bueno) Eu posso fazer uma outra pergunta pra vocês? O jogador tá ali, aí ele olha pro banco de reservas vê todo mundo sentado, passivo, vê o técnico parado em pé nessa posição assim [mostra os braços cruzados] na lateral do campo. (Casagrande) Sem falar nada! (Galvão Bueno) E aí eu fico com a imagem do Klinsmann, do técnico alemão dizendo “é a Copa da vida de vocês!” [...] com a imagem do Felipão na lateral de campo. O Klinsmann que foi combatido por um país inteiro até porque queria continuar morando nos Estados Unidos, na Califórnia. E colocou as idéias dele e a forma como ele gritava, como ele corria na lateral de campo, não sei, faz diferença pro jogador isso? (1º/07/06)

Aparece novamente o movimento de entorse do discurso midiático que vai demarcar justamente o que faltou, a diferença constituidora de identidades, dessa vez, concentrada no papel do comandante. A imagem deixada por Klinsmann, de envolvimento visível com as coisas do campo de jogo através de seus gestos corporais, assim como sua preleção pela unidade nacional, se tornava voz corrente como um exemplo de remodelação de um país com suas questões culturais e futebolísticas⁶¹. Klinsmann, que no período pré-Copa, havia sido muito contestado por treinar a Seleção da Alemanha sem deixar de viver nos Estados Unidos, conseguiu cativar o povo alemão, como destaca essa passagem em matéria da *Revista Placar* de julho de 2006:

É campeã! É campeã! O correspondente de Placar na Alemanha, Frank Khol, resume o sentimento do país: Jürgen Klinsmann levou a seleção o mais longe possível. O terceiro lugar na Copa organizada em casa mostra que a equipe está de novo rumo ao futuro. [...] ninguém merece mais o nosso aplauso que o mago Jürgen Klinsmann. Junto ao assistente Joachim Löw e à comissão técnica, Klinsmann conseguiu transformar céticos em otimistas e nosso jogo pesado, de resultados, em um jogo leve, ofensivo, levando o desacreditado 22º colocado do ranking da Fifa a terceiro lugar na competição mais importante do futebol. Com Klinsmann, podemos dizer que o futebol alemão entrou

⁶¹ Na coluna diária que mantinha durante o período de Copa do Mundo no Jornal da Copa de Zero Hora/RS, Luis Fernando Veríssimo escreve o seguinte trecho no dia 10/07/06, um dia após o término da competição: “Foi a Copa que uniu um país em torno de sua seleção, e dividiu sua alma. Os alemães preocupavam-se com uma questão nova em suas vidas: quanto patriotismo é demais? Quando um amor por uma seleção deixa de ser só isto e se transforma em recaída em velhos hábitos? Pela primeira vez, viu-se alemães abanando a bandeira de seu país sem medo de serem mal compreendidos. Foi um grande passo para esquecer o passado e acabar com desconfianças.” (p.03)

finalmente no século 21. Como mais de 90% dos alemães, quero gritar para todo mundo ouvir: fica, Klinsmann! (p. 34-35)

Alemanha e Portugal, portanto, foram encaradas como as seleções que desempenharam coletivamente um estilo agradável ao sentimento brasileiro. Klinsmann e Felipão, como sínteses simbólicas da forma de atuação de suas seleções, preencheram parte da lacuna que o torcedor brasileiro viu-se abrir quando não se sentiu representado pelo conjunto de pessoas que defendiam o selecionado brasileiro naquele momento. A exigência por uma corporificação no campo de jogo do que até então era um desejo talvez não se traduzisse somente com o título conquistado. Tanto é verdade que a afinidade brasileira foi construída com seleções que não foram as campeãs, mas que, segunda a fala midiática, demonstraram atitude de campeãs.

Eliminadas na semifinal respectivamente por França e Itália, Portugal e Alemanha fizeram uma disputa de terceiro lugar explorada pela imprensa como um confronto entre duas seleções que honraram seus países independentemente da colocação final na Copa, sobretudo pela conduta de seus treinadores. Zero Hora/RS do dia 08 de julho de 2006 continha algumas considerações que ilustraram essa percepção:

Não há quem resista ao estilo cativante de Luiz Felipe Scolari. A capacidade de trabalho, profissionalismo, a liderança, a competitividade, a forma como aglutina o time (e o país inteiro), tornam o gaúcho de Passo Fundo um dos mais valorizados treinadores da atualidade.

Jürgen Klinsmann começou a Copa debaixo de muita desconfiança. Mas a boa campanha do time e sua intensa vibração fora do campo conquistaram a torcida. (p.02)

Klinsmann e Felipão eram pontos focais quando os jornais comparavam os atributos que cada equipe dispunha para a decisão do terceiro lugar. Como previsto, o resultado pouco importava, nem tanto pela repercussão diminuída se comparada à partida final, mas diante daquilo que as duas seleções já haviam alcançado durante a competição. Chamado de “Jogo do Orgulho” em matéria de Zero Hora/RS do dia 10 de julho de 2006, alemães e portugueses se despediram da Copa sem o título, mas com honras:

Alemanha vence Portugal e todos ficam felizes

Há algum tempo não se via uma disputa de terceiro lugar tão orgulhosa assim. Os alemães torceram como se fosse a final. Após a justíssima vitória por 3 a 1 sobre Portugal, no sábado, em Stuttgart, alguns jogadores se

atiraram ao chão, chorando de emoção. Portugal, apesar da derrota, encerrou a Copa com dignidade, à frente de campeões como Brasil e Inglaterra. (p.03)

6.2 O dispositivo treinador

Transcorrida a Copa do Mundo, surgiram algumas questões, como: quais os caminhos possíveis de serem trilhados para que o torcedor brasileiro se sentisse novamente identificado, representado por sua seleção nacional de futebol? Será que estava somente na figura de Felipão a possibilidade de reconfiguração de uma identidade que fora fragilizada, deslocada⁶²? Que agenciamentos poderiam ser postos em prática para que fosse construído, ou no mínimo reconstruído, o sentimento coletivo que tradicionalmente existe entre o brasileiro e a seleção? Mapeando parte da produção midiática em relação a essas questões, percebe-se que a mesma não demorou muito a começar. Tão logo os jogadores se despediram da Alemanha, a imprensa já publicava, em pequenas notas, a primeira ação que ganhava, através da repetição, status de imposição: a mudança de treinador. As páginas dos jornais do dia 03 de julho de 2006, dois dias após a eliminação, já divulgavam essa situação como nos exemplos do jornal O Sul/RS: “Nos bastidores, Luxemburgo é a nome da vez.”; e do jornal Zero Hora/RS: “Autuori é o preferido” “Wanderley Luxemburgo é o nome do secretário-geral da CBF”.

A não oficialização da demissão ou da renúncia⁶³ de Carlos Alberto Parreira do cargo de treinador da Seleção Brasileira não impossibilitou que fossem criadas certas expectativas quanto ao nome de um novo comandante, que, nesse caso, não era apenas um nome. O nome suscitava um novo perfil, tanto de comando quanto de composição de um estilo de jogo capaz de indicar uma renovação e que, ao mesmo tempo, tivesse força suficiente para apontar uma (re)conciliação entre o torcedor e sua representação nacional. Em busca de outras identidades, ou ainda

⁶² A *Revista Placar* estampou, na capa da edição de julho de 2006 uma foto do rosto de Luiz Felipe Scolari com a mão esquerda cerrada e erguida ao lado da manchete: “Por que precisamos dele. Felipão deu a Portugal o que faltou ao Brasil no Mundial. Será que Luxemburgo fará o mesmo na seleção?”

⁶³ Na entrevista coletiva após a eliminação do Brasil na Copa da Alemanha, ao ser perguntado se continuaria ou renunciaria ao Brasil, à seleção, Parreira respondeu: “Não sei, veja bem. Eu não tenho essa preocupação se eu vou continuar, se eu não vou. É uma coisa que eu vou resolver, eu falei, depois da Copa quando chegar ao Brasil”. (Vídeo do jogo Brasil x França pelo canal SPORTV). Na verdade, Parreira, já no Brasil, não chegou a pronunciar oficialmente sua decisão.

como forma de dar uma resposta aos reclames tão arraigados nos discursos midiáticos, o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, menos de um mês após o final da Copa da Alemanha, anuncia o novo treinador, justificando abertamente sua escolha, como se pode acompanhar em notícia veiculada pela jornalista Carolina Elustondo no *site* GloboEsporte, na tarde do dia 24 de julho de 2006:

Dunga é o novo técnico da seleção

Ao assumir, ex-jogador já diz que vai cobrar comprometimento dos jogadores.[...]

A CBF anunciou nesta segunda-feira que Dunga, campeão mundial em 94, é o novo treinador da seleção brasileira. O novo cargo é a estréia do ex-jogador como técnico.

O presidente Ricardo Teixeira se reuniu com Dunga, em um encontro que durou duas horas, para acertar os detalhes do trabalho que visa à Copa de 2010 e 2014, cuja sede pode ser o Brasil. O objetivo é que a nova comissão técnica faça um trabalho coordenado com as comissões das divisões de base. Além disso, o dirigente deixou claro que quer emoção no comando.

- “A escolha do Dunga vai atingir em cheio o anseio dos torcedores brasileiros que querem na seleção um treinador vibrante” - afirma Teixeira.

O novo técnico também está confiante e promete corresponder às expectativas do dirigente.

- “Quero trazer para a seleção brasileira a mesma vontade que tive como jogador. Vibração, motivação e vontade de vencer são imprescindíveis para vestir a camisa da seleção” - enfatiza.

Os respingos da eliminação brasileira na Copa do Mundo de 2006 são sentidos na apresentação do novo treinador. Entre as inúmeras causas que se multiplicaram na imprensa tentando explicar o fracasso da seleção, principalmente após a eliminação, sobressaíram-se as críticas que enfatizavam a falta de dedicação, de perseverança, de garra e de pegada, em sua grande maioria, virtudes que ajudaram a consagrar Dunga como jogador e capitão da Seleção Brasileira de futebol, e que agora se tornaria o novo técnico. A presença de Dunga como símbolo emblemático dessas virtudes, foi tida como o nome mais indicado para, no cargo de técnico, tentar construir um novo modelo, um novo estilo – enfim, uma nova Seleção Brasileira. Em outra matéria publicada pelo mesmo *site*, momentos após o anúncio lia-se a seguinte chamada: “Dunga, uma história de perseverança”. E continuava: “Garra, determinação e vontade. Isso a torcida pode ter certeza que vai haver de sobra no comando da Seleção Brasileira. O caminho de Carlos Caetano Bledorn Verri, o Dunga, até a consagração como capitão do tetra, em 1994, não foi fácil.”

Jorginho, ex-jogador da Seleção Brasileira e que atuou durante a Copa do Mundo de 2006 como comentarista convidado pelo canal de televisão SPORTV,

entrevistado pelo jornalista Thiago Dias, deu a seguinte declaração divulgada no *site* GloboEsporte:

Jorginho aprova: "Dunga é um líder nato"

Ex-lateral afirma que capitão do tetra tem perfil ideal para assumir a seleção. Segundo o ex-lateral-direito, o capitão do tetra tem o perfil ideal para iniciar a reformulação da equipe.

- "Ele é um líder nato, e faltou esse estilo dele na Copa. Se a equipe tivesse sido guerreira, não tinha perdido" - diz.

[...] O ex-lateral acredita que Dunga tem potencial para também ter sucesso logo em seu primeiro trabalho.

- "Sei que muitos vão ter dúvidas sobre a capacidade dele, mas pelo que ele representa para o futebol brasileiro, foi uma escolha muito boa. O dia-a-dia vai ser importante para ele aprender tudo. O Dunga tem o perfil certo para esse processo de renovação" - afirma. (24/07/06)

O ex-jogador, que dias mais tarde foi anunciado como auxiliar técnico da Seleção Brasileira, também se reporta à Copa do Mundo para justificar o nome de Dunga, mesmo que este ainda sofra certa desconfiança por não ter nenhum referencial como treinador. Sem essa implicação, o julgamento recai sobre o Dunga jogador, sendo as expectativas tecidas no que representou o seu nome desde a Era Dunga em 90 até a conquista do tetra em 94. Aliás, a opção por um nome sem passado como treinador, com experiência apenas de ex-jogador, revela a emergência de um novo perfil para esse cargo. Na Copa do Mundo de 2006, algumas seleções optaram por essa alternativa, como a própria Alemanha, com Jürgen Klinsmann, e a Holanda, com o ex-atacante Van Basten.

Mesmo que, em clubes brasileiros, o ex-jogador venha passando habitualmente à função de treinador de maneira imediata, no contexto de Seleção Brasileira essa situação tem sido motivo de controvérsias entre os treinadores mais antigos⁶⁴. O tema é alvo de críticas de outros técnicos brasileiros. Zico e Parreira, por exemplo, defendem um preparo maior para assumir o cargo de tamanha importância. Em matéria publicada na Folha de São Paulo/SP pela jornalista Tatiana

⁶⁴ Não só os treinadores mais experientes, mas também parte da crônica esportiva se sentiram incomodados com a indicação de Dunga, como se pode observar nas palavras de Tostão, em sua coluna na Folha de São Paulo às vésperas da Copa América 2007: "Dunga e a CBF contribuem ainda mais para prolongar a decepção dos torcedores com a seleção. [...] Como alguém disse, Dunga comporta-se como um técnico da CBF, e não da seleção. Por essa postura servil, ele recebeu de retribuição, sem merecer, pois ninguém sabe se um técnico novato vai dar certo, o cargo de treinador do próximo Mundial, independentemente da qualidade do seu trabalho nesses três anos. 'É dando que se recebe'. Essa é a lei da sociedade brasileira. As pessoas são valorizadas e escolhidas pelos seus interesses comuns, pela troca de favores e pelo corporativismo, e não pela competência." (17/06/07, p.D5)

Cunha no dia 24 de agosto de 2007, Zico destaca que Dunga pode sofrer com a falta de experiência:

“Ser técnico não é só definir como o time vai jogar, há uma série de coisas que você tem que fazer além disso. É preciso ter experiência para saber como lidar com algumas situações”. [...] Mas Zico diz que pior do que para a seleção ter um técnico sem experiência prévia na função, como o caso de Dunga, é para o próprio treinador. “Isso não é novidade, o Falcão (treinador do Brasil no início dos anos 90) também não tinha experiência. O problema é para a pessoa, que sofre. Há diferença muito grande em conhecer o futebol e ser treinador.” (p. D2).

Carlos Alberto Parreira adota a mesma linha em entrevista ao programa Esporte Espetacular da Rede Globo no dia 13 de julho de 2008. Perguntado se achava ideal um treinador estreiar como técnico na Seleção Brasileira, respondeu:

Não, não é, o caminho normal não é esse. [...] Então é uma mudança muito grande, não deveria ser a norma, porque aí você começa a aprender a lidar com as dificuldades da profissão, nos tropeços que você dá, nos obstáculos que você encontra, não é verdade? Se você tivesse vivenciado isso antes já tirava de letra. Uma coisa é você falar de touradas, outra coisa é você estar na arena enfrentando o touro.

A escolha de um nome com referencial zerado, após o fracasso na Copa, pode ser pensada numa perspectiva de renovação propícia para um determinado momento histórico. Por esse motivo, há que se pensar o nome de Dunga como um efeito retroativo de uma demanda discursivamente posta em operação durante e, sobretudo, após Copa de 2006, e não o contrário. Ou seja, não foi o nome de Dunga que acendeu uma nova perspectiva identitária para o futebol brasileiro, mas talvez sua escolha tenha sido uma forma de condensação de novas marcas identitárias e sentimentos de pertencimento, na qual Dunga é um agenciamento de algo que já estava em curso.

6.3 Marcas da renovação

As mudanças previstas para a Seleção Brasileira passam não só pela projeção do nome como também pelo projeto que se quer implementar. Ainda que todos vissem na figura de Dunga um estilo de vibração, de garra e de liderança, estava sob suspeição o modelo de Seleção Brasileira a ser posto em prática. Com o tempo vai ficando mais visível uma estratégia de reestruturação total na Seleção Brasileira, passando, por exemplo, por alterações significativas na lista de atletas

convocados para os primeiros amistosos. Essas intenções podem ser observadas em duas passagens jornalísticas, sendo a primeira assinada pelo jornalista Rodrigo Viga para o *site* Terra:

Presidente da CBF pede Seleção unida

O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, afirmou, nesta segunda-feira, que um bom time não basta para ganhar uma Copa do Mundo e exige que os jogadores da Seleção sejam unidos, pois esta é a fórmula para vencer uma competição de alto nível.

'Você consegue ganhar uma Copa do Mundo com grupo, com time e grupo, mas você não ganha a Copa só com time', afirmou o dirigente, que preside a entidade há 16 anos. [...]

Ainda segundo o dirigente, o fracasso do time comandado pelo técnico Carlos Alberto Parreira na Alemanha está provocando uma reestruturação dentro da seleção brasileira.

'A perda da Copa da Alemanha faz com que a gente reestruture grande parte do nosso projeto de seleção brasileira', declarou o dirigente. Teixeira percebeu que inúmeros astros não garantem o título mundial. (25/09/06)

Com parte do diagnóstico na mão, o presidente da CBF afirmava, a cada momento, o proveito do nome de Dunga. Nessa segunda matéria, em dezembro de 2006, feita pelo jornalista Ricardo Gonzáles para o *site* GloboEsporte, é exposta uma das principais intenções na reestruturação da seleção:

Retrospectiva: A nova era Dunga na seleção

Técnico chega para resgatar o amor à camisa verde e amarela

Depois de um fracasso na Copa do Mundo, onde a marca que ficou foi a apatia de um time de craques que não precisavam lutar para serem titulares, o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, tirou da cartola para substituir Carlos Alberto Parreira um conhecido motivador, que sempre esbanjou garra e dedicação à seleção brasileira, embora nunca tivesse sido técnico de futebol. (28/12/06)

Em suma, ficava cada vez mais claro, através das palavras do presidente da CBF, o que também incomodou na Copa do Mundo de 2006, a estabilidade de alguns craques que pareciam não estar suficientemente motivados para representar o Brasil. A renovação sugeria nem tanto uma substituição de jogadores com idade avançada por jovens talentosos, mas uma transformação na postura dos jogadores, fazendo com que se importassem com o lugar que ocupavam, com a camisa que vestiam, e com o sentimento de espírito de seleção essencial àqueles que representam um país⁶⁵. E essa foi a tônica da avaliação elogiosa do próprio Dunga

⁶⁵ Essa visão sobre o significado de renovar ganha força na imprensa com o passar do tempo e dos jogos sob o comando de Dunga. Em um debate sobre o assunto feito no Programa *Bem, Amigos*, do canal SPORTV, no dia 12/02/2007, o comentarista Paulo Roberto Falcão e o repórter Mauro Naves têm a seguinte conversa: "Eu acho que aqui quando se fala em renovação, se fala em renovação do espírito, daquilo que se cobrou muito na Copa do Mundo daquela falta de atitude mais marcadora, mais agressiva, isso é o que se falou." (Falcão) [...] "Por isso até o Dunga foi o cara indicado para o

em relação aos jogadores desde o primeiro amistoso sob seu comando. O *site* GloboEsporte, na tarde do dia 16 de agosto de 2006, minutos após Brasil empatar em 1 x 1 com a Seleção Norueguesa, publicou a seguinte nota:

Dunga: “Jogadores tiveram espírito de seleção”

Técnico elogiou a atuação do time no segundo tempo do amistoso com Noruega

Logo após o empate de 1 a 1 com a Noruega em sua estréia no comando da seleção brasileira, o técnico Dunga diz que gostou do resultado e da atuação da equipe, principalmente na segunda etapa do amistoso.

- “O time foi bem. Mostrou determinação e no segundo tempo melhorou muito em relação ao primeiro. Os jogadores entenderam o que é ter o espírito da seleção brasileira” – ressalta Dunga, destacando os pontos que mais lhe agradaram na partida.

As marcas da renovação vão sendo sentidas, a partir daí, a cada convocação, a cada amistoso, a cada competição. A Copa América de 2007, como vimos, teve suas implicações nesse processo por possibilitar a afirmação dessa reconstrução. Possibilidade confirmada em parte, já que a imprensa brasileira admitiu a vitória da seleção de Dunga com algumas restrições, sendo uma delas a de que o grupo campeão não poderia ser considerado titular, pois não contava com as presenças de Ronaldinho Gaúcho e Kaká. Mas esse novo estilo exposto nos elementos do campo de jogo já despertava comentários para além das fronteiras nacionais, na imprensa coirmã, como mostra a coluna de Juca Kfoury na Folha de São Paulo/SP, uma semana após o término da competição:

Dunga com a Bola Toda

A vitória faz milagres. [...] Dunga virou referência em quase toda imprensa da América do Sul, na escrita, inclusive, coberto de elogios, por exemplo, em dois países que merecem ser ouvidos e lidos no continente – a Argentina e o Uruguai. [...] Colunistas dos principais jornais das capitais banhadas pelo rio da Prata exaltam a capacidade de Dunga em fazer guerreiro um estilo que sempre foi caracterizado, segundo eles, por fantasia. (22/07/07, p. D10)

A observância da figura de Dunga, pela imprensa uruguaia e argentina, como síntese da mudança de estilo da Seleção Brasileira encontra alguma explicação na sua formação futebolística próxima às características desses países. Por outro lado, também mostra que parte da imprensa brasileira, a que escreve que “a vitória faz milagres”, demonstra um ar incrédulo para com a promoção de Dunga e

momento, ‘pô preciso de alguém com a força do Dunga, de chegar e chacoalhar o grupo’. Então, primeiro, eu acho que é um exagero a gente fala muito que tá renovando, tá renovando, não vai renovar tanto assim não.” (Mauro Naves)

seu modelo⁶⁶. A conquista da Copa América 2007 não significava, portanto, a confirmação da capacidade de Dunga em dirigir a Seleção Brasileira. Pelo contrário, sua competência continuava sendo questionada, ou, pelo menos, colocada ainda em estado de suspensão, muito impulsionada por declarações de que era preciso ser justo com o grupo de jogadores presentes na competição durante a sequência do trabalho. Essa situação não era vista com bons olhos por grande parte da imprensa, que passou, então, a mirar o ano de 2008 e a chegada da Olimpíada como o novo desafio para o treinador, uma vez que ele fez questão de liderar o projeto olímpico.

Ainda que não fosse jogada com a seleção principal, a Olimpíada de Pequim era uma competição que tinha sua importância por, no mínimo, dois motivos. Primeiro, porque representava mais uma chance do futebol brasileiro, cinco vezes campeão mundial, de alcançar a inédita medalha de ouro. E segundo, porque sugeria mais uma oportunidade de promover o projeto de renovação da seleção observando e selecionando atletas mais jovens, já que a competição permitia a inscrição somente de jogadores de até 23 anos⁶⁷. Em terras chinesas, o treinador assumia abertamente sua ambição, dizendo que não haveria outro resultado satisfatório que não fosse o ouro olímpico e, para isso, evocava mais uma vez a atitude como uma das virtudes principais para vencer: “De acordo com o técnico, tão importante quanto a qualidade técnica, será ter uma postura vencedora em campo nas partidas da Olimpíada. ‘Tem de ter atitude, isso é fundamental. Não vale participar da Olimpíada e não ganhar.’”⁶⁸.

A tabela da competição e as campanhas de Brasil e Argentina proporcionaram mais um duelo entre ambos, dessa vez valendo uma vaga na final. Alguns acontecimentos são selecionados pelas mídias em função do potencial de saliência que reside ora no inesperado, ora na desordem, ora no notável

⁶⁶ Essa resistência é chamada à atenção por Ruy Carlos Ostermann, na sua coluna em Zero Hora/RS, em período correlato a matéria de Juca Kfourir: “o time da Copa América pode ser mesmo a base. [...] A dificuldade de admitir o time vitorioso de Dunga, que persiste nas mesas de TV, nas colunas de jornal e nas fortes e invencíveis entrelinhas das matérias de cobertura diária dos fatos, vai continuar até se esgotarem os argumentos ou cansarem as belezas.” (17/07/07, p.48)

⁶⁷ As equipes têm a prerrogativa de inscrever até três jogadores acima dessa idade desde que liberados por seus clubes de origem. Nesta perspectiva, foram convocados os jogadores Ronaldinho Gaúcho, Thiago Silva e Robinho.

⁶⁸ Em matéria publicada pelo jornalista Bernardo Ramos para o site Terra, dia 24/07/08, intitulada “Tem que ser primeiro na Olimpíada, diz Dunga.”

(CHARAUDEAU, 2006). Pode-se dizer que, nesse caso, a última opção traduz os efeitos produzidos a partir da derrota brasileira, como visto na coluna de Falcão em Zero Hora/RS no dia seguinte à derrota:

A seleção olímpica de futebol ainda vai disputar a medalha de bronze nos Jogos de Pequim, mas quem vai ter espírito olímpico para aplaudir uma nova vitória sobre a Bélgica? O Brasil perdeu ontem o seu Gre-Nal continental e isso ninguém perdoa. Mais do que perder, levou um banho de bola da Argentina e ainda apelou em determinados momentos, terminando o confronto com nove jogadores. Foi feio, muito feio. E ficou bem ruim a situação de Dunga. (20/08/08, p.46)

Por ser um clássico sul-americano, perder para a Argentina não seria algo inesperado, muito menos fora de ordem em questão de futebol. Assim, foi a notabilidade conferida à forma da derrota que suscitou contornos vergonhosos, passíveis de aumentar o volume das vozes que ameaçavam a presença do treinador no comando da seleção. Os jogos que tinham ficado para trás, assim como aquele que seria disputado adiante pela decisão da medalha de bronze não interessavam mais. O fracasso em Pequim, naquele jogo contra a Argentina, deu fôlego e foi matéria-prima para a formação de discursos que não só colocavam em xeque a competência de Dunga, mas que pediam simultaneamente, sua saída. Exemplo disso, ainda no dia posterior à derrota para os argentinos, está na coluna de Wianey Carlet em Zero Hora/RS, intitulada “Basta de Dunga e Ronaldinho”:

[...] O novo fracasso brasileiro só se justificará se a CBF assumir algumas providências inadiáveis. Dunga ainda não é treinador, poderá vir a sê-lo, mas ainda não é. Não é capaz de promover correções durante os jogos. Se a seleção tem problemas na etapa inicial, em qualquer jogo, é certo que os repetirá no segundo tempo. Intervalo de jogo, com Dunga, serve apenas como breve descanso e para um pouco de água gelada. [...] O Brasil dançou na Olimpíada, está em quinto lugar nas Eliminatórias e a única marca de Dunga, até agora, é o seu mau humor. Como está, não dá para continuar. (20/08/08, p.47)

Depois da desconfiança inicial sobre o nome de Dunga pela sua inexperiência como técnico quando anunciado depois da Copa do Mundo 2006 e após a aceitação com ressalvas de sua capacidade na conquista da Copa América 2007 com um grupo reformulado, a discussão em torno de sua aptidão para treinar a seleção volta à baila em tons efusivos passados dois anos de sua escolha. O engajamento explicitado nas palavras dos colonistas demonstra algo que é tido, segundo Charaudeau (2006), como um dos problemas ligados ao comentário midiático, ou seja, o posicionamento de quem o faz. De maneira geral, o problema

não seria exatamente a adoção de um posicionamento contra ou a favor⁶⁹, mas, ao contrário, a sua ausência. Alvo de debate público, esse engajamento, muitas vezes, recebe críticas no sentido de que o papel das mídias seria o de apenas relatar os fatos, deixando para que o público teça suas opiniões a respeito dos acontecimentos. No entanto, o autor revela que não tomar partido “seria desenvolver a argumentação de um ponto de vista externo, onipotente (acima da multidão), ao qual somente uma argumentação de tipo científica poderia pretender” (p.183).

A interpelação utilizada pelos cronistas foge, nesse instante, da neutralidade, mas nem por isso deixa de ter legitimidade. A credibilidade está assegurada pelo movimento oscilatório permanente entre, de um lado, saber se distanciar dos fatos para analisar com certa frieza, e de outro, mostrar todo engajamento emocional. Essa é a marca e o jogo da imprensa, que, após os Jogos de Pequim, opta, em grande parte, por novamente apontar o treinador como o culpado do fracasso Olímpico e da não formação de uma nova Seleção Brasileira, sendo, assim, uma experiência mal sucedida. Esses traços são notados ao final de 2008 em diversas matérias veiculadas por todo o País, inclusive no Rio Grande do Sul, berço futebolístico de Dunga, como esta de Luiz Zini Pires para a Zero Hora/RS:

Seleção Sem Suor

Seleção é o sangue da Pátria. Seria a segunda pele natural do jogador de futebol. Não é mais, nem a quinta camada. Dunga cedeu um rio vermelho de suor ao tetracampeonato com suas chuteiras gastas de duas Copas. [...] Fora da Seleção, na Europa, onde fez carreira, Dunga sempre esteve longe das taças, dos títulos, das faixas. Ele pulou direto da confortável aposentadoria como jogador voluntarioso de futebol, nunca craque, para o posto mais cobiçado do país de 180 milhões de treinadores [...] Assumiu como o ex-atleta exemplar que faria a Seleção correr, suar como 11 craques famintos pela glória. Não deu garra ao time. Futebol que é bom também não. [...] Dunga não vai melhorar um milímetro, crescer um centímetro, lhe falta base. [...] Se vale da vivência como jogador para treinar a Seleção. O que, claro, não basta. [...] Antes de assumir uma Seleção pentacampeã mundial, é necessário trabalhar numa categoria de base, num time médio, numa equipe de ponta, somar experiências, contar canecos de boa prata. Dunga foi um erro, uma experiência que não deu certo. (07/09/08, p.47)

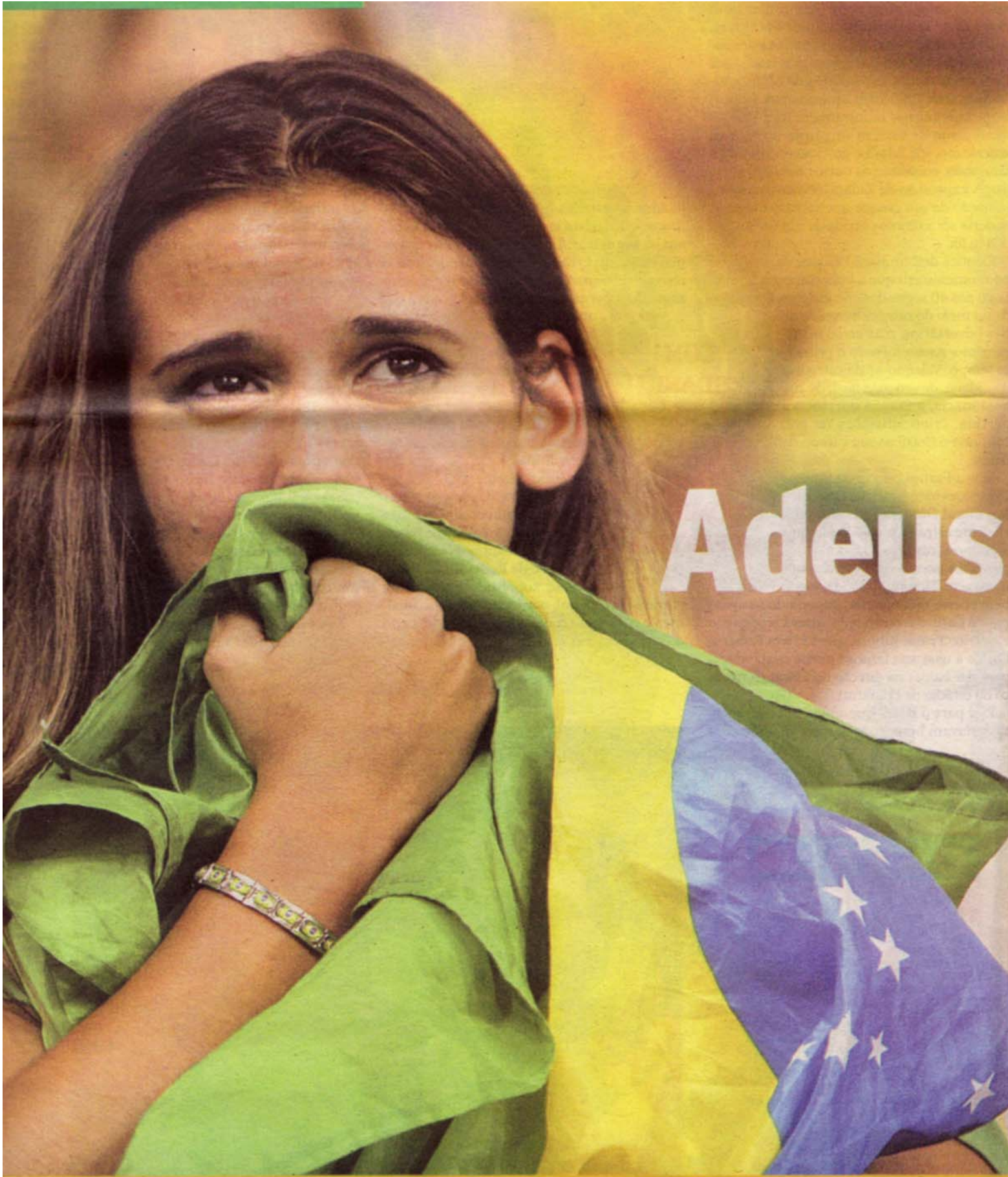
A atitude discursiva de assumir uma posição revela a inconformidade limítrofe com aquilo que o cronista chamou de experiência mal sucedida. E a

⁶⁹ O autor faz ressalvas quanto à posição dos editorialistas, os quais têm, no máximo, um engajamento pontual, que depende de uma moral social baseada em critérios humanistas universais. Além deles, os jornalistas em geral devem preservar um distanciamento partidário que possa provocar explicações tendenciosas e precisam manifestar algum ceticismo em relação a explicações simplistas para que possam reservar a credibilidade no contrato de comunicação.

argumentação para censurar a competência de Dunga, utilizada tanto por este quanto pelos anteriores, como ainda pela maioria daqueles que participam do debate midiático, muito pouco se baseia em análises pontuais respaldadas em pressupostos científicos ou acadêmicos; ficam mais no plano da opinião sobre sua personalidade, seus modos de se comportar, seu histórico em campo como jogador, seu estilo pessoal, e não em análises táticas, conhecimentos técnicos, explicações de esquemas.

Dessa forma, o campo midiático cumpre com seu papel de produção de discursos, que não pretendem ser científicos nem didáticos. Charaudeau (2006) explica que uma argumentação muito científica implicaria na seleção de um público muito reduzido, ultraespecializado que compartilhasse dos mesmos conhecimentos e terminologias a fim de instrumentalizar o raciocínio. Tampouco recorre à didaticidade, porque “se todo discurso didático é parte de uma atividade discursiva mais global de vulgarização, esta, entretanto, não é necessariamente didática, a menos que se especifique o que é didaticidade” (p.77) diferenciando-a de uma didática escolar, administrativa ou outra.

A maior parte das avaliações da imprensa recai sobre elementos que não estão presentes no universo técnico, mas no acúmulo de experiência somado ao aspecto comportamental. Será que, de forma análoga, a escolha do treinador da Seleção Brasileira não estaria obedecendo a essa mesma lógica? Será que não estaríamos diante de novas marcas identitárias inclusive para o cargo de técnico da Seleção Brasileira? Poderíamos estar presenciando a emergência de um perfil de treinador para a Seleção Brasileira em que a personalidade e o seu passado como jogador da seleção conta tanto quanto o seu conhecimento técnico e tático do futebol, independente da sua experiência como treinador? São questões em aberto, talvez tendências de pensamentos ou pequenas ilações que requerem tempo para se fortalecerem ou não, mas que, por enquanto, podem ser cogitadas.



Adeus

BRASIL 0X1 FRANÇA. FRANKFURT. 1º DE JULHO DE 2006

7. PENÚLTIMAS PALAVRAS

Como o estudo pretendeu mostrar, uma nova era Dunga está em andamento e, com ela, novas delineações estão sendo configuradas para o futebol brasileiro, tanto dentro quanto fora de campo. Mas isso não quer dizer que nos (re)encontramos enfim, com a nossa identidade futebolística, pelo menos não se entendermos identidade como um conceito acabado, finito. Ao contrário, o argumento de que a identidade é uma obra fraturada, partida em mil enunciados que duelam historicamente por um efeito de autoridade foi utilizado na extensão desse trabalho para caracterizar o processo discursivo impetrado pelo campo midiático na constituição de certos modelos para o futebol e para a Seleção Brasileira. Na linha de Hall (1997), “Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade.” (p.67)

Esse campo tenciona, por vezes, em favor do resgate de um modelo de futebol e de Seleção Brasileira estacionados em algum lugar do passado que ajudam a criar uma idealização no imaginário coletivo que alimenta uma ideia de que o Brasil, por ser o país do futebol, cinco vezes campeão do mundo, tem o dever de ser o melhor, vencendo seus adversários por goleada e dando espetáculo. Mesmo assim, a fragmentação dos enunciados impossibilita afirmar que toda essa produção crie um critério essencialista que permita identificar o que seja um estilo de jogo verdadeiramente brasileiro.

Essa idealização, porém, por justamente estar num plano diferente daquele tratado aqui, não impede que se questione a existência de uma singularidade

futebolística⁷⁰, que se mostra cada vez mais complexa pela ingerência de uma série de movimentos da contemporaneidade relacionados ao universo do futebol. Desses movimentos, podem ser citados: a crescente circulação de jogadores, técnicos e profissionais do futebol brasileiro por diversos países do mundo, ocasionada pelo fenômeno da globalização e a consequente quebra de fronteiras⁷¹; a naturalização de jogadores brasileiros em outros países a fim de participar das respectivas seleções nacionais; as alterações nos perfis de conquista do futebol brasileiro em Copas do Mundo a partir de 1994; a apreciação, quando do sentimento de derrota, de elementos como força, conduta e garra em detrimento a uma suposta plasticidade intrínseca ao futebol brasileiro, vista em discursos frequentes na imprensa esportiva brasileira até meados dos anos 90. E, aliado a todas essas reconfigurações futebolísticas, ainda há o fato de que, nos últimos oito anos, dois técnicos gaúchos (Felipão e Dunga) – provenientes de uma região conhecida pelo futebol da virilidade, próximo ao estilo europeu –, estiveram e estão no comando da Seleção Brasileira.

Como um conceito escorregadio, a identidade parece estar viciada na sobredeterminação de uma unidade, de algo que substancia uma prática, uma cultura, uma região, um povo, um país. No entanto, as movediças reconfigurações exemplificadas acima, que certamente requerem um olhar mais detalhado, além das observações feitas ao longo do estudo, servem aqui como reflexão pontual para a incapacidade de se naturalizar ou mesmo encontrar uma suposta matriz identitária para futebol brasileiro, assim como de simplificar um processo de identificação do torcedor com a seleção do seu país.

⁷⁰ Soares (2001), critica a postura acadêmica dos que ele chama de “novos narradores”, ou seja, cientistas sociais que tematizam o futebol, pois eles tendem a reproduzir as tradições inventadas sobre o Brasil e o futebol incorporando as ideias nacionalistas, tendo, como referência objetiva, a narrativa de Mário Filho sobre o negro no futebol. Em contrapartida, o autor diz que não haveria nenhum problema em tomar a referida obra como fonte de informação desde que contrastada ou cruzada com outras fontes para que não se deixe de considerar outros elementos presentes nessa construção, como, por exemplo, a tensão entre o *ethos* amador e as demandas da profissionalização.

⁷¹ Sobre os efeitos da circularidade dos jogadores de futebol na caracterização cultural das práticas futebolísticas dos países, ver a conclusão do estudo de Luiz Carlos Rigo (2004). Apoiado nos escritos de Michel Serres, Rigo aponta um estado mestiço do futebol para o século XXI com o rápido cruzamento e mistura das diferentes culturas do futebol, proporcionado pelo afrouxamento das fronteiras entre países e continentes.

Embora haja um cruzamento entre ambos, está se falando de dois processos distintos. De um lado, existe a formação contínua de uma identidade futebolística relacionada com as coisas do campo de jogo; de outro, há a identidade advinda da construção do sentimento de nacionalidade do torcedor a partir da Seleção Brasileira. A primeira leva em consideração aqueles discursos que reivindicaram, ao lado do tradicional jogo bonito, outros elementos como garra, força, vontade e atitude, evidenciando a exigência de novas características para o que seria o futebol brasileiro. Já a segunda está voltada para a produção discursiva que alimenta ou rompe com a sensação de um “ser nacional” a partir da experiência coletiva de torcer, que vai tecendo os fios de uma empatia, de um sentimento coletivo, de solidariedade moral entre as pessoas que nela se incluem, seja vencendo ou saindo derrotado (GUEDES, 1998), deixando em aberto a forma como isso ocorre.

Nesse sentido, a opção por problematizar o conceito de identidade está relacionada diretamente ao empírico que resolveu se recortar, ou seja, o campo de produção midiática. Segundo Macneill (2006), a identidade não é um conceito obsoleto, mas que necessita de uma re teorização, devendo-se, principalmente, considerá-la um processo. Ela afirma que a identidade nacional é um discurso dominante na cobertura midiática, principalmente em eventos esportivos porque esses, quando em nível internacional, organizam-se essencialmente em Estado-Nação e também “porque são frequentemente utilizados por grupos nacionais de telecomunicações para angariar audiências maiores para toda rede: as dimensões culturais, políticas e econômicas estão realmente interligadas.” (p.15) Assim as zonas de produção de mídia passaram a ser importantes locais para a (re)produção cultural, alimentada por relações de poder, em que os agentes/instituições constituintes, ao tentarem se legimitar, afetam a identidade.

Estreita às relações de poder, a identidade alcança o *status* de instabilidade, inconsistência, um ato performativo que está ligado a estruturas discursivas (SILVA, 2000). A partir disso, a multiplicidade e dispersão dos discursos produzidos pelas mídias, ao tempo em que se diferenciam naquilo que enunciam, possuem em comum a referência pelo uso da identidade, se não diretamente, em formas alusivas a ela. As formas como ela foi utilizada podem ser visibilizadas na

formação de uma série de confrontos discursivos que pautaram, por exemplo: as análises quanto ao que deveria ser o estilo de jogo brasileiro ao longo da Copa do Mundo de 2006; o debate sobre os motivos que fizeram da seleção um fracasso naquela competição, marcado por aquilo que faltou àquele grupo de jogadores e comissão técnica; a discussão sob que critérios e em que condições um projeto de renovação precisaria ser feito logo após o referido fracasso; os elementos que estavam presentes nos discursos produzidos num momento de afirmação, como o da Copa América 2007; as relações de alteridade entre Brasil e Argentina, tratadas por certos discursos midiáticos como emblemáticas de um confronto entre duas escolas de futebol, um duelo entre o futebol operário e o artístico; o agenciamento da posição do técnico na (re)construção de um modelo de Seleção Brasileira como mobilizador dos laços afins entre torcedor e seleção; enfim, esses confrontos discursivos (embora haja outros) indicam a predileção do campo midiático em manusear o conceito de identidade, por vezes, jogando o jogo do estereótipo e, por outras, recorrendo à volatilidade das marcas discursivas identitárias.

Nesse jogo, um dos movimentos diretos que se faz é associar à Seleção Brasileira o nome do seu treinador, ou seja, é a Seleção Brasileira do Dunga ou, abreviadamente, a Seleção do Dunga, assim como já foi a Seleção do Parreira, a Seleção do Felipão, entre tantos. Dessa forma, a imprensa cola o perfil da Seleção Brasileira à “cara” do técnico, ainda que, ao mesmo tempo, cobre que este tenha um compromisso em colocar em prática um provável estilo de jogo que tenha a “cara” do futebol brasileiro.

No caso de Dunga, por aquilo que aparece no campo midiático, estas “caras” em parte são dissonantes porque o ex-jogador e agora treinador nunca foi representativo do futebol brasileiro enquanto talento técnico. Por outro lado, encarna outras virtudes como força, garra e vibração que servem de matéria-prima para que seu nome, ou apelido, possa ser pensado como um mito construído no futebol. Um mito que é escolhido para treinar a Seleção Brasileira pós Copa do Mundo de 2006 na perspectiva de atualizar seus “poderes” através de novos dramas, de novas histórias e no enfrentamento de novos obstáculos.

A história anterior conta sua obstinação em dar a volta por cima como capitão na conquista da Copa do Mundo de 1994 depois que seu apelido serviu para sintetizar uma geração que fracassou e ficou registrada como uma Era negativa no futebol brasileiro – a Era Dunga –, principalmente a partir da eliminação frente à Argentina na Copa do Mundo de 1990. Ao levantar a taça do tetracampeonato nos Estados Unidos em 94, como jogador, é exaltado como alguém que superou todas as barreiras, que foi humilhado também em nome de uma “intocabilidade” na imagem da Seleção Brasileira, mas que demonstrou um espírito combativo próprio dos grandes homens para reverter essa condição.

Na história mais recente, a ideia de superação dos desafios, digna de um ser mitificado, volta ao cenário quando as mídias ressaltam as primeiras conquistas de Dunga⁷², já na condição de técnico. Esse processo de mitificação, na perspectiva de Eco (1979), é entendido como:

[...] simbolização incôscia, identificação do objeto com uma soma de finalidades nem sempre racionalizáveis, projeção na imagem de tendências, aspirações e temores particularmente emergentes num indivíduo, numa comunidade, em toda uma época histórica. (p.239)

Nesse sentido, Dunga passa a ser extraordinário, um mito, mais pela projeção da forma como enfrentou as dificuldades na sua carreira, do que, para muitos, pela capacidade técnica de representar o futebol brasileiro. Sua mitificação está baseada em termos de esforço e sacrifício, condições essenciais, segundo Helal (2001), para um mito ser firmado como tal: “não basta o ato heroico em si, de forma isolada – no caso, as vitórias, as realizações e os gols no futebol. O herói tem que preencher outros requisitos – tais como perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo – para se firmar no posto.” (p.144)

⁷² O colunista de Zero Hora/RS, Mário Marcos de Souza, publicou uma coluna dois dias depois da conquista do título da Copa América 2007, na qual enfatizou as proezas de Dunga. O título, “O Hábito de Vencer Barreiras”, já expressa a árdua, porém usual, tarefa de ser bem sucedido nas lutas enfrentadas. Segue a coluna: “Ao longo de uma carreira iniciada nas categorias de base do Inter, o gaúcho Dunga habituou-se a superar desafios e, principalmente, a vencer preconceitos. Ficou duramente marcado em 1990 ao ter seu nome associado a um período ruim do futebol brasileiro, mas quatro anos depois não apenas venceu as desconfianças como virou um dos responsáveis pela conquista do Tetra. Romário, eleito melhor jogador daquela Copa, já disse: sem Dunga e sua liderança, o título talvez não tivesse chegado. Nem assim Dunga virou unanimidade até porque, na análise da campanha, seu papel – valorizado por Romário – sempre foi subestimado. Agora, de novo superando as previsões, ele volta vitorioso da Venezuela. Como antes, continua sendo olhado com alguma má vontade por muitos, mas nada parece capaz de alterar seu estilo. É um fenômeno de resistência” (p.49).

A reunião desses requisitos em torno da figura de Dunga lhe confere uma universalidade de valores que são previsíveis à luz do seu personagem. Mas, para além dessa dimensão, lembra Eco (1979), esse reconhecimento emblemático do mito é contrabalançado com a imprevisibilidade das histórias que estão sendo contadas durante o próprio tempo em que acontecem. Ou seja, o arquétipo do que Dunga representa tem de ser submetido a constantes provações que possibilitem reatualizar seu *status* de mito. E, para enfrentar essas provações, apela-se para a humanização do mito, ou seja, diz-se que o personagem assume uma “personalidade estética”⁷³ sendo comparável, a partir disso, a qualquer mortal⁷⁴. O mito deve agir, portanto, com base em comportamentos naturais, ainda que seja capaz de feitos sobrenaturais, pois ele funciona sob a condição de estar inserido nas coisas do presente, “ligado à existência do mundo humano e cotidiano da temporalidade” (ECO, *ibid*, p. 253).

Contudo, a maneira de como irá responder ao desafio de renovação e (re)construção da Seleção Brasileira colocado à sua frente, em parte, ainda é desconhecido, tem um enredo ainda inacabado. Aliás, nem Dunga, o próprio personagem do mito, é dono de sua história: em primeiro plano está a invenção de um enredo contado por mil discursos, neste caso, discursos midiáticos.

Ao final de 2008, esse enredo ganha outro capítulo interessante com a apresentação de Maradona como titular do cargo de treinador da Seleção Argentina. Essa atitude efervesceu o cenário futebolístico sul-americano, com destaque para a imprensa brasileira, que resolveu tecer comparações com o técnico da “casa”.

⁷³ Termo utilizado por Eco (1979) para definir a coparticipação de comportamentos e sentimentos comuns a qualquer humano que não assumem a universalidade do mito, apesar de fazer parte dele.

⁷⁴ No dia em que a seleção brasileira iria jogar sua primeira partida válida pelas eliminatórias para a Copa do Mundo de 2010, Zero Hora/RS publicou uma reportagem feita pelo jornalista Diogo Olivier na capa da seção de esportes, intitulada “O Jardineiro Fiel”, mostrando justamente esta junção entre o homem e o mito Dunga: “Está nas mãos de um jardineiro o sonho do Hexa – que começa neste domingo, em Bogotá, contra a Colômbia. Como não se tem notícia de jardineiros indisciplinados e Dunga assumiu a Seleção Brasileira justamente para acabar com a desordem no vestiário, trata-se de uma descoberta promissora. Os vizinhos do técnico são capazes de descrever com riqueza de detalhes a cena a seguir: Dunga cortando a grama, varrendo a calçada de bermudas e chinelos, regando as flores, ajeitando os enfeites. [...] Não deve ser nada fácil cuidar de tudo. É um jardim complexo. Como é complexo o vestiário da Seleção, cuja ausência de comando resulta em times sem alma, como o da Copa do Mundo de 2006. Além do mais, o capitão do Tetra é um jardineiro fiel. Trabalha todos os dias.” (14/10/07, p. 47)

Dentre as similaridades abordadas na avaliação de ambos, chama atenção a que discursa sobre a falta de experiência na função. Entre discursos favoráveis e contrários⁷⁵ em relação a essa questão, o certo é que a escolha de Maradona, assim como a de Dunga, suscita a emergência de um novo paradigma para o perfil de treinador, justificado pelo capital acumulado no mundo da bola enquanto ex-jogadores. Além disso, é possível seguir com as análises comparativas pelo lado mitológico encontrado nos dois personagens, pela rivalidade entre Brasil e Argentina e pela atualidade do acontecimento.

É nesse sentido, então, que Dunga, como mito, pode ser consumido, a ser numa produção midiática das histórias, das lutas e dos dramas pelo quais passa. Dentro desse consumo, convocado a empreender um “espírito de seleção” reivindicado à Seleção Brasileira de futebol pós Copa do Mundo de 2006, o nome de Dunga, como expoente de liderança desse trabalho, provoca uma reflexão acerca do significado de “espírito de seleção”, que, num primeiro momento, parece ser um conceito em aberto.

Como vimos, a figura do mito é construída sob a marca do espírito guerreiro, de luta, de obstinação, e que, com isso, vence. Seria esse o espírito de seleção discursado pelo campo midiático como o desejo de consumo do torcedor brasileiro? A resposta é positiva desde que os discursos destacados se refiram mais a esses traços do que àqueles referentes à habilidade técnica do jogador brasileiro. Nessa linha, a participação brasileira em campeonatos mundiais de 1994 para cá indicam essa tendência, sobretudo pela regularidade discursiva de elementos como raça, empenho e doação em campo, seja nas conquistas – como nos casos do

⁷⁵ Coluna de Paulo Roberto Falcão em Zero Hora/RS um dia após o anúncio de Maradona pela AFA – Associação de Futebol da Argentina: “A confirmação de Diego Maradona como técnico da Seleção Argentina está provocando uma grande polêmica no mundo do futebol [...]. Não tem experiência como técnico, é verdade. Mas quem disse que inexperiência é indicativo de fracasso? Ou que experiência é determinante de sucesso?” (29/10/08, p.58). Em direção inversa, mas no mesmo jornal e no dia seguinte, outro colunista, Wianey Carlet escreve, sob o título “Dunga e Maradona, os mesmos erros”, o seguinte trecho: “Eu já me preparava para reprovar a decisão da Associação de Futebol Argentina, que contratou Maradona para ser o treinador da principal seleção do país, quando lembrei que teria a obrigação de repetir as mesmas críticas para a CBF por ter escolhido Dunga para dirigir a nossa seleção. [...] O problema é que seleções importantes como a brasileira e a argentina precisam muito mais do que bom comportamento dos seus treinadores. Experiência é essencial para que um treinador possa bem dirigir um grande selecionado. E, neste quesito, Dunga e Maradona seriam, amplamente, reprovados.” (30/10/08, p.53)

tetracampeonato em 1994 e no penta em 2002 –, seja aparecendo como falta – como visto na campanha fracassada de 2006 na Alemanha.

Em contrapartida, há outras formações discursivas que aparecem no campo da produção midiática que tentam negar um vínculo com um futebol (des)qualificado por alguns, de operário, como se fosse algo menor, impróprio para a tradição do país do futebol. Afinal, o operário estaria ligado a concepções que denotam esforço, garra e sacrifício, pois é aquele que labuta desde cedo, que utiliza da sua força para produzir, que se aplica para cumprir as tarefas diárias, que precisa de disciplina no ambiente de trabalho, características que não se aplicariam a um ideal de futebol à brasileira. Um “espírito de seleção” brasileira, para esses outros discursos, combinaria com um estilo mais plástico, artístico, gingado, envolvente de jogar, comprometido com a habilidade do jogador brasileiro.

Esse campo de lutas discursivas, as quais pleiteiam a identidade desse “espírito de seleção”, torna esse conceito um *significado flutuante*, que, por definição de Laclau (2005) são significados que flutuam entre discursos opostos e de situação. Objeto de disputa, seu sentido permanece num constante estado de suspensão, indeciso entre as fronteiras equivalenciais de um lado e outro, onde não se articulam outra coisa senão as diferenças. Isso porque, ao mesmo tempo em que um discurso identitário se afirma pela condição que o diferencia do outro, está afirmando também o discurso identitário do outro.

Para além disso, uma identidade é formada a partir daquilo que a rechaça, não como simples diferença que designa sempre o outro, mas como algo que renegocia – não como aliança, mas como luta – as formas de sua presença. A identidade, portanto, é processada dentro desse sistema de poder, de relações de poder presentes no campo midiático que impedem sua total constituição, e, ao mesmo tempo, é sua condição de existência.

Temos, aí, discursos particulares que são produzidos para dar sentido ao universal, que nunca chega a ser preenchido. Os discursos que recaem sobre o significado de “espírito de seleção” estão dedicados a arrastarem seus particularismos a uma função universal, mas só conseguem isso de modo

temporário e contingente, dependente de uma competência política para tal (LACLAU, 1996).

Se hoje, a presença de Dunga faz com que esse “espírito de seleção” seja sinônimo de valentia, de garra, de raça, de amor à camisa verde-amarela, essa aproximação é parcial. Ao não satisfazer toda uma demanda discursiva, há a iminência de uma ruptura com esse modelo ou com suas caracterizações. Na perspectiva laclauliana, toda identidade é constituída por luta de paradoxos.

Por fim, cabe destacar que, apesar deste trabalho se ater ao campo da produção dos discursos e seus efeitos de verdade, não significa que se menospreze a importância de estudos sobre a recepção⁷⁶ desses discursos, ou mesmo que se acredite que eles serão assimilados de forma passiva pelos sujeitos. Os modos de funcionamento nessa instância são outros, pois está estruturado segundo as condições de interpretação daqueles que ocupam o lugar recepção. Esses podem se tornar tanto o alvo imaginado suscetível de perceber os efeitos supostos pela produção, quanto o público que consome esses mesmos discursos, porém produzindo tantos outros efeitos que não o pretendido pela produção. (CHARAUDEUAU, 2006). Dessa forma, o campo da recepção, de como e do quanto esses discursos são recebidos, assimilados, (re)significado ou mesmo utilizados pelos sujeitos, é assunto para outros estudos, feitos a partir de outras metodologias.

Por enquanto, o plano da produção satisfaz as exigências desse estudo longe de encerrá-lo, mas intencionado a deslocar o olhar da crítica fácil que vampiriza as mídias para a análise dos efeitos discursivos produzidos por elas. Se o que dizem não pode ser entendido como “a verdade”, tampouco pode ser classificado como mentira, afinal, elas têm forte inserção social. Não se trata, portanto, de um jogo que desvela verdades e mentiras, nem de contrastar produção versus recepção, mas no interstício possibilitado na análise do produto, pois aquilo

⁷⁶ Assim, apenas a título introdutório, traz-se aqui as contribuições sobre os modos de endereçamento no cinema feitas por Elizabeth Ellsworth (2001) como um estudo pela perspectiva da recepção. A autora destaca que a maior parte das teorias atuais compartilha da premissa de que “todos os modos de endereçamento ‘erram’ seus públicos de uma forma ou de outra. (p.42)”. Mas, a seguir, a própria autora observa que é justamente isso que “torna possível ver o endereçamento de um texto como um evento poderoso, mas paradoxal, cujo poder advém precisamente da diferença entre endereçamento e resposta. (p. 42)”.

que escolhemos ler e ver talvez diga um pouco daquilo que somos, seja uma novela, uma revista de fofocas ou o futebol nosso de cada dia.

8. Referências Bibliográficas

BETTI, Mauro. **Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física**. Campinas: Papirus, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de Poder, Campo Intelectual**: itinerario de un concepto. Buenos Aires, Montessor, 2002. (Colección Jungla Simbólica)

_____. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CARLET, Wianey. Seleção Errada. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 jun, 2006. Jornal da Copa, p. 11.

_____. Show é Jogar. **Zero Hora**, Porto Alegre, 23 jun. 2006. Jornal da Copa, p. 15.

_____. Favorito de papel. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 jul. 2006. Jornal da Copa, p. 13.

_____. Brasil Goleia Brasil. **Zero Hora**, Porto Alegre, 16 jul. 2007. Seção de Esportes, p. 49.

_____. Basta de Dunga e Ronaldinho. **Zero Hora**, Porto Alegre, 20 ago. 2008. Seção de Esportes, p. 47.

_____. Dunga e Maradona, os mesmos erros. **Zero Hora**, Porto Alegre, 30 out. Seção de Esportes, p.63.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. Fabiana Komesu. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

COUTO, José Geraldo. Futebol, Enfim. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 jun. 2006. Copa 2006, p. D7.

_____. O Eterno Outro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2007, p. D7.

CUNHA, Tatiana. É preciso experiência para treinar a seleção, diz Zico. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 24 ago. 2008, p. D2.

DA MATTA, Roberto (org.) **O Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothèque, 1982.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. Cláudia Sant'ana Martins. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

_____. **Viagem na Irrealidade Cotidiana**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.e Trad.). **Nunca fomos humanos** — nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 8-76.

FALCÃO, Paulo Roberto. Despedida. **Zero Hora**, Porto Alegre. 08 jul. 2006. Jornal da Copa, p. 07.

_____. As Razões do Fracasso. **Zero Hora**, Porto Alegre. 20 jul. 2008. Seção de Esportes, p. 46.

_____. Maradona. **Zero Hora**, Porto Alegre. 29 out. 2008. Seção de Esportes, p.58.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A Análise do Discurso: para além de palavras e coisas. **Educação e Realidade**. vol.20, n.2, p. 18-37, Jul-Dez 2005.

_____. **Televisão e Educação**: fruir e pensar a TV. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura F. A. Sampaio. Campinas: Loyola, 1998.

_____. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Tradução de Roberto Machado e Eduardo Jardim. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.

_____. **Ditos e Escritos III – Estética:** Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2006.

GASTALDO, Edison Luis. 'Os Campeões do Século': notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Campinas, vol.22, n 1. p.105-124, set. 2000.

_____. **Pátria, Chuteiras e Propaganda:** o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e Mídia. In: **Revista Comunicação, Mídia e Consumo.** vol 4. nº 11. Nov. 2007. Porto Alegre: ESPM, p. 11-15.

_____. O Acontecimento Discursivo na Mídia: metáfora de uma breve história do tempo. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e Mídia:** a cultura do espetáculo. Coleção Olhares Oblíquos. São Carlos: Claraluz, 2003.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 7. ed. Revisitada. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol:** estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

_____. Quem precisa da identidade? SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HELAL, Ronaldo. As Idealizações de Sucesso no Imaginário do Futebol Brasileiro: um estudo de caso. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge. **A Invenção do País do Futebol:** mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 135-148.

KFOURI, Juca. É tua Felipão!. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 02 jul. 2006. Copa 2006, p. D14.

_____. Os Piores Foram Melhores. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16/07/07. Caderno de Esportes, D10.

_____. Dunga com a Bola Toda. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 de jul. 2007. Caderno de Esportes, D10.

_____. "Como é que ninguém via isso?". **Folha de São Paulo**, São Paulo, 05 de ago. 2007. Caderno de Esportes, D4.

LACLAU, Ernesto. Significantes flotantes y Heterogeneidad Social. In: LACLAU, Ernesto. **La Razón Populista**. Fondo de Cultura Económica: Buenos Aires, 2005.

_____. Universalismo, particularismo y la cuestión de la identidad. In: LACLAU, Ernesto. **Emancipación y Diferencia**. Ariel: Buenos Aires, 1996.

LOVISOLO, Hugo. **Estética, Esporte e Educação Física**. Sprint: Rio de Janeiro, 1997.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O Esporte na Cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas: Autores Associados, 2001.

MACNEILL, Margaret. Estudos de Mídia do Esporte e a (Re)Produção de Identidades. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Vol 28. N 1. Set. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 9-38.

MARQUES, José Carlos. Parece que todo o Brasil deu a mão (as Copas do Mundo e a mobilização de nossa imprensa esportiva). In: CAMARGO, Vera Regina Toledo; CARVALHO, Sérgio & MARQUES, José Carlos (Orgs.). **Comunicação e Esporte – tendências**. Santa Maria: Pallotti, 2005. p. 149-171.

_____. A Literatura Invade a Grande Área (a crônica durante as copas do mundo de futebol). **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. vol 26. n 2. Campinas: Autores Associados, Janeiro 2005. p.55-71.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MOURA, Gisella de Araujo. **O Rio Corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MUCHAIL, Salma Tannus. A produção da Verdade. **Revista Ciência & Vida Filosofia Especial**. Ano II. nº 8. São Paulo: Editora Dibra, Nova Escala. p. 6-11.

OSTERMANN, Ruy Carlos. Zidane. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02 jul. 2006. Jornal da Copa, p.13.

_____. Vitória de Dunga. **Zero Hora**, Porto Alegre, 16 jul. 2007. Seção de Esportes, p. 48.

_____. Escolhas. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 jul. 2007. Seção de Esportes, p. 48.

_____. Apenas uma Seleção. **Zero Hora**, Porto Alegre, 27 jun.2007. Seção de Esportes, p. 52.

PAIVA, Fernanda. **Ciência e Poder Simbólico**. Vitória: UFES, 1994.

PARENTE, André. A imagem virtual, autoreferente. In: **Revista Imagens** – Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ. n.3. Campinas: Editora da Unicamp, 1994. Disponível em <www.eco.ufrj.br/aparente>

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIRES, Giovani de Lorenzi. **Educação Física e o Discurso Midiático**. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

PIRES, Luiz Zini. Seleção sem Suor. **Zero Hora**, Porto Alegre, 07 set. 2008. Seção de Esportes, p. 47.

RAGO, Margareth. Libertar a História. In: ORLANDI, Luiz B. Lacerda; RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschianas. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas**. 21 ed. São Paulo: Martins Editora, 2005.

RIAL, Carmen Silvia Moraes. Antropologia e Mídia: breve panorama das teorias de comunicação. **Revista Antropologia em Primeira Mão** – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC. Florianópolis: UFSC, 2004. 67p. Disponível em <www.antropologia.ufsc.br/primeiraMão.htm>

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um Futebol de Fronteiras**. Pelotas, Editora Universitária UFPel, 2004.

ROCCO JR. Novas Tecnologias e as torcidas virtuais: a transformação da cultura do futebol no século XXI. In: CAMARGO, Vera Regina Toledo; CARVALHO, Sérgio & MARQUES, José Carlos (Orgs.). **Comunicação e Esporte – tendências**. Santa Maria: Pallotti, 2005. p. 172-186.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **A pátria em chuteira**: novas crônicas de futebol. Org. Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1947.

_____. **O Negro no Futebol Brasileiro**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

ROSE, Diana. Análise de Imagens em Movimento. In: BAUER, Martin w. & GASKELL, George (orgs). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. Trad. Pedrinho Guareshi. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

ROSSI, Clóvis. Os Sem-Alma. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 02 jul. 2006. Copa 2006, p. D14.

SILVA, Débora Cristina Santos. Os desafios da Linguagem. **Revista Ciência & Vida, Filosofia Especial**. Ano II. nº 8. Editora Dibra Nova Escala: São Paulo, 2008. p. 56 - 66.

SILVA, Silvio Ricardo da. A Construção Social da Paixão no Futebol: o caso do Vasco da Gama. In: DAOLIO, Jocimar (org). **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 21-52.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOARES, Antonio Jorge. História e a Invenção de Tradições no Futebol Brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A Invenção do País do Futebol: mídia, Raça e Idolatria**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2001.

SONINHA. E agora, Parreira? **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun. 2006. Copa 2006, p. D7.

_____. O porre e o esculacho. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 07 ago. 2007. Esporte, p. D3.

SOUZA, Mário Marcos de. O Hábito de Vencer Barreiras. **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 jul. 2007, p.49.

TORERO, José Roberto. A hora da vingança. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1º jul 2006. Copa 2006, p. D9.

TOSTÃO. Parreira, coragem. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 jun 2006. Copa 2006, p. D3.

_____. Agora acabou. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 02 jul. 2006, Copa 2006, p. D3.

_____. É Dando que se Recebe. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 jun. 2007, Caderno de Esportes, p.D5.

_____. Torcedor Brasileiro Confuso. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 jul. 2007, Caderno de Esportes, p. D11.

_____. O Modelo de Time é Outro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 jul. 2007, Caderno de Esportes, p. D9.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Foi-se. **Zero Hora**, Porto Alegre. 10 jul 2006. Jornal da Copa, p. 03

WITTGENSTEIN, Ludwig. **As Investigações Filosóficas**. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Fontes Empíricas

Televisão

BEM, AMIGOS. **Programa esportivo com a presença do técnico da Seleção Brasileira de Futebol Dunga**. Canal SPORTV, 12 de fevereiro de 2007. Programa de TV (VHS).

COPA AMÉRICA DE FUTEBOL. **Transmissão do jogo Brasil x México**. Venezuela: Rede Globo, 27 de junho de 2007. Programa de TV (VHS).

COPA AMÉRICA DE FUTEBOL. **Transmissão do jogo Brasil x Argentina**. Venezuela: Rede Globo, 15 de julho de 2007. Programa de TV (VHS).

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL. **Transmissão do jogo Brasil x Croácia**. Alemanha: Canal SPORTV, 13 de junho 2006. Programa de TV (VHS).

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL. **Transmissão do jogo Brasil x Croácia**. Alemanha: Rede Globo, 13 de junho 2006. Programa de TV (VHS).

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL. **Transmissão do jogo Brasil x Austrália**. Alemanha: Canal SPORTV, 18 de junho 2006. Programa de TV (VHS).

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL. **Transmissão do jogo Brasil x Austrália**. Alemanha: Rede Globo, 18 de junho 2006. Programa de TV (VHS).

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL. **Transmissão do jogo Brasil x França**. Alemanha: Rede Globo, 1º de julho de 2006. Programa de TV (VHS).

COPA DO MUNDO DE FUTEBOL. **Transmissão do jogo Brasil x França**. Alemanha: Canal SPORTV, 1º Julho de 2006. Programa de TV (VHS)

ESPORTE ESPETACULAR. **Entrevista com o ex-técnico da Seleção Brasileira Carlos Alberto Parreira**. Rede Globo, 13 Julho de 2008. Matéria em programa de TV (VHS).

REDAÇÃO SPORTV. **Entrevista com ex-técnico da Seleção Brasileira Carlos Alberto Parreira**. Canal SPORTV, 02 Janeiro de 2008. Programa de TV (VHS).

Jornais

Correio do Povo, Porto Alegre. 13 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 1º jul. 2006.

_____, Porto Alegre. 02 jul. 2006.

Diário Gaúcho, Porto Alegre. 13 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 14 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 15 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 23 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 28 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 1º jul. 2006.

_____, Porto Alegre. 02 jul. 2006.

Folha de São Paulo, São Paulo. 19 jun. 2006.

_____, São Paulo. 22 jun. 2006.

_____, São Paulo. 27 jun. 2006.

_____, São Paulo. 27 jun. 2007.

_____, São Paulo. 02 jul. 2007.

O Sul, Porto Alegre. 13 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 14 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 27 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 1º jul. 2006.

_____, Porto Alegre. 02 jul. 2006.

_____, Porto Alegre. 03 jul. 2006.

Zero Hora, Porto Alegre. 13 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 14 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 19 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 22 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 27 jun. 2006.

_____, Porto Alegre. 1º jul. 2006.

_____, Porto Alegre. 02 jul. 2006.

_____, Porto Alegre. 03 jul. 2006.

_____, Porto Alegre. 08 jul. 2006.

_____, Porto Alegre. 10 jul. 2006.

_____, Porto Alegre. 10 out 2007.

Sites

GLOBOESPORTE: Dunga – “Jogadores tiveram espírito de seleção”. Disponível em:
<<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA1249855-4482,00.html>>.

Acesso em: 16 Ago. 2006.

GLOBOESPORTE: Dunga é o novo técnico da seleção. Disponível em:
<<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA1240629-4482,00.html>>.

Acesso em 24 Jul. 2006.

GLOBOESPORTE: Dunga – uma história de perseverança. Disponível em:
<<http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA1240678-4482,00.html>>.

Acesso em 24 Jul. 2006.

GLOBOESPORTE: Jorginho aprova – “Dunga é um líder nato”. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA1240681-4482,00.html>. Acesso em 24 Jul. 2006.

GLOBOESPORTE: Retrospectiva – a nova era Dunga na seleção. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Arquivo/0,,AA1401199-4274,00.html>. Acesso em: 28 Dez. 2006.

GLOBOESPORTE: Ricardo Teixeira confirma Dunga até a Copa. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,,MUL37842-4274,00.htm>. Acesso em: 17 de Mai. 2007.

GLOBOESPORTE: Kaká e Ronaldinho tiveram um mês de férias. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/0,,MUL38693-4274,00.html>. Acesso em 18 Mai. 2007.

GLOBOESPORTE: Zé Roberto pede dispensa da Seleção. Disponível em: [http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Selecao Brasileira/0,,MUL49400-4482,00.html](http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Futebol/Selecao%20Brasileira/0,,MUL49400-4482,00.html). Acesso em: 08 Jun. 2007.

TERRA: Presidente da CBF pede seleção unida. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/interna/0,,OI1157300-EI1958,00.html>. Acesso em: 25 Set. 2006.

TERRA: Teresópolis desconhece Seleção de Dunga. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copaamerica2007/interna/0,,OI1693105-EI8892,00>. Acesso em: 16 Jun. 2007.

TERRA: Ambiente na seleção é ótimo, diz técnico Dunga. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/futebol/copaamerica2007/interna/0,,OI1691830-EI8892,00>. Acesso em 15 de Jun. 2007.

TERRA: Tem que ser primeiro na Olimpíada, diz Dunga. Disponível em: <http://esportes.terra.com.br/pequim2008/interna/0,,OI3027221-EI10378,00>. Acesso em 24 de Jul. 2008

UOLESPORTES: Brasil rejuvenesce só 2 anos para 1º torneio após fracasso na Copa. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/06/27/ult59u124247.jhtm>. Acesso em: 27 de Jun. 2007.

Revistas

REVISTA PLACAR. Edição nº 1296. São Paulo: Editora Abril, Julho 2006.

REVISTA PLACAR. Edição nº 1308. São Paulo: Editora Abril, Julho 2007.